

MagisCultura



Mineira
Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros Setembro de 2021

Um imperador cansado visita Minas

Godofredo Rangel,
o escritor que
enxergava a alma

Amigo 'traidor'
salvou obra de Kafka

Publicação traz
obra completa de
Henriqueta Lisboa

E MAIS:

Padre Vieira, música sertaneja,
contos, poemas e crônicas

24

SUMÁRIO



CAPA

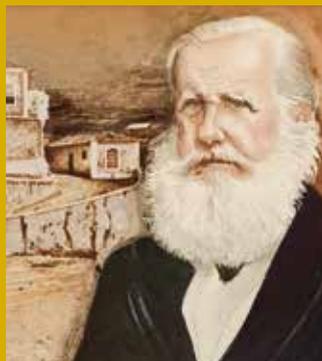
Uma viagem de significados

Aos 55 anos, 41 após ter herdado a chefia de um Império em permanente instabilidade, Dom Pedro II empreendeu longa e cuidadosa viagem à Província de Minas, para conhecer a ainda principal fonte de riquezas do Império, que “estava abalado e cansado, tanto quanto o imperador”.

Foi uma jornada emblemática e cheia de significados, como muitas outras ao longo da história, desde as gestas de Eneias até as viagens de Goethe à Itália.

Cento e quarenta anos depois, a aventura do imperador, de trem e em lombo de mulas, é celebrada por seus desdobramentos para Minas Gerais, no ano em que o estado comemora 300 anos de emancipação.

Ilustração de Sandra Bianchi



ARTIGO

Godofredo Rangel, juiz e escritor que via com “olhos d’alma”
Jorge Paulo dos Santos

4



REPORTAGEM

Edição de obra completa revela novas faces de Henriqueta Lisboa
Manoel Marcos Guimarães

10



ARTIGO

Traindo Kafka, amigo íntimo salvou clássicos como *O processo* e *O castelo*
Gutemberg da Mota e Silva

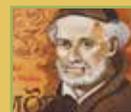
14



ENSAIO

Padre Vieira, imperador da língua portuguesa
Rogério Medeiros Garcia de Lima

22



CAPA

Viagens e a viagem de D. Pedro II a Minas
Bruno Terra Dias

32



POESIA

Três poemas

Aldina Soares

38



A luz

Maria Luiza Santana Assunção

39



Dois poemas

Llewellyn Medina

40



Três poemas

João Quintino

42



Dois poemas

Amaury Silva

43



Dois poemas

Carlos Márcio de Souza Macedo

44



MAGISTRADO CONVIDADO

Diáspora

J. L. Rocha do Nascimento

45



MÚSICA

O mineiro e o italiano

Marcos Henrique Caldeira Brant

46



CONTO

Dona Zenilde

Fernando Armando Ribeiro

48



Alegria

Sílvia Nascimento

50



As vozes de Deus

Roberto Soares de Vasconcellos Paes

54



CRÔNICA

Saída de fininho

Renato César Jardim

58



Sertão: nossas raízes

José Aparecido Fausto de Oliveira

60



A menina que mirava as estrelas

Kellen Cristini de Sales e Souza

64



MENSAGENS

66

EDITORIAL

Revista viva

Essa nova edição de nossa *MagisCultura* vem a lume quando o mundo, o Brasil inclusive, parece já ter atravessado a fase mais crítica da pandemia do Coronavírus 19, embora todos saibamos que iremos conviver com a sua ameaça durante tempo indeterminado.

Coincidente (e feliz)mente, a revista vem com uma pauta recheada de poemas de nossos magistrados, todos com mensagens sensíveis e reflexivas, e comemora a edição da obra completa de uma de nossas mais ternas e argutas poetisas, Henriqueta Lisboa, que teria completado 120 anos em julho último.

Lembramo-nos também de outro sul-mineiro como Henriqueta, o dublê de magistrado e escritor Godofredo Rangel, nascido na mesma terra de Pelé e, como ele, um craque; não da bola, mas da capacidade de enxergar, em seus textos, além do que veem os humanos comuns, com os 'olhos da alma'.

Kafka também comparece em nossas páginas, de certo modo para nos lembrar dos tempos 'kafkianos' que acabamos de viver, mas principalmente para nos asseverar que há traições que podem ser benéficas, como a de seu amigo Max Brod, ao descumprir a ordem de não publicar postumamente alguns de seus textos, entre os quais "O processo".

Finalmente, recorremos, para a capa, a um belo ensaio temático sobre os 140 anos da viagem de Dom Pedro II, em carruagem e lombo de mulas, durante a qual fez anotações sobre a paisagem e os encontros que teve naquela Minas colonial, que agora comemora 300 anos de oficialização como província autônoma.

Nossa revista, como Minas Gerais, continua viva e pujante, a despeito das dificuldades.

Boa leitura!

Alberto Diniz Junior
Presidente

MagisCultura

Mineira

Amagis - Diretoria Triênio 2019-2021

Presidente: Desembargador Alberto Diniz Junior

Vice-presidente Administrativo: Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

Vice-presidente Financeira: Juíza Luzia Divina de Paula Peixoto

Vice-presidente de Saúde: Juíza Rosimere das Graças do Couto

Vice-presidente do Interior: Juiz Paulo Fernando Naves de Resende

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Juiz Jorge Paulo dos Santos

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Juíza Marli Maria Braga Andrade

Diretora-secretária: Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

Subdiretor-secretário: Juiz Evandro Cangussu Melo

Diretora de Comunicação: Juíza Cristiana Martins Gualberto Ribeiro

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

• **Conselho Editorial:** Juiz Renato César Jardim (presidente), Desembargador Gutemberg da Mota e Silva, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Jornalista e Escritor Carlos Herculano

Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel GM Magalhães (rachel@belohorizonte.com)

Ilustrações: Sandra Bianchi (sandrabianchi@gmail.com)

Impressão: Rona Editora | **Tiragem:** 2.450 exemplares

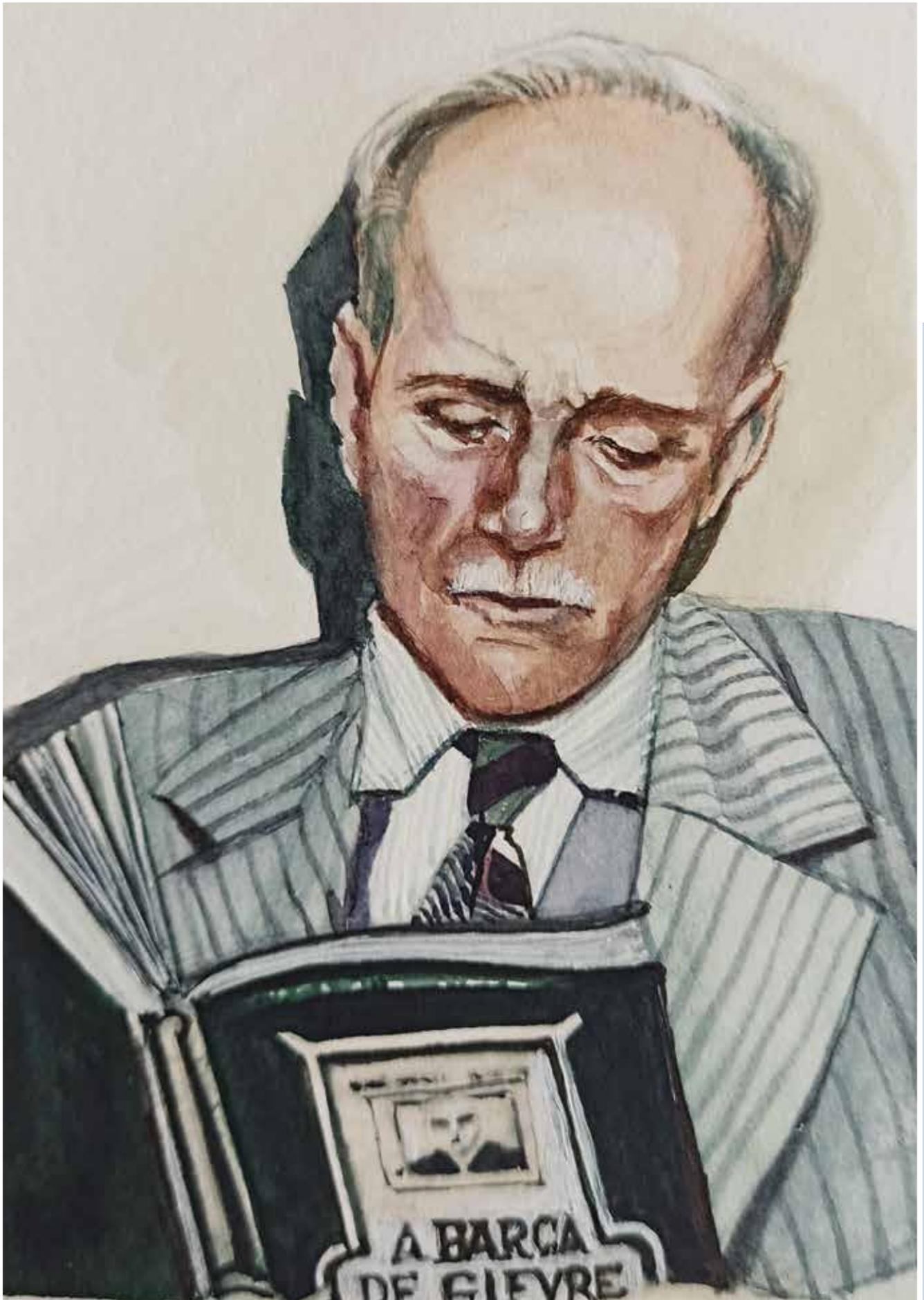
• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa

Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro . Belo Horizonte . MG . CEP 30310-160

Tel.: 31 3079-3453 . E-mail: magiscultura@amagis.com.br

www.amagis.com.br



Godofredo Rangel, juiz e escritor que via com “olhos d’alma”

Jorge Paulo dos Santos

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

Por um longo tempo, a obra do escritor e magistrado mineiro Godofredo Rangel foi objeto de parcas referências, quase sempre o apontando como amigo de Monteiro Lobato, com quem manteve correspondência epistolar por mais de 40 anos, a despeito de sua destacada atuação como literato, professor de português e tradutor dos idiomas inglês, francês, espanhol e italiano. Somente em 1977, 25 anos após a morte de Rangel, o também escritor Enéas Athanázio, promotor de Justiça em Santa Catarina, se dedicou a escrever a sua biografia.

Conhecer sua história por dados biográficos não nos é difícil. Perscrutar, ainda que infimamente, o jaez de sua sensibilidade artística e humana, por sua obra, como que a perceber o espírito das letras, é tarefa prazerosa, conquanto árdua. Só nos resta então tentar fazê-lo, entremeando reflexões sobre obra e criador, sem nos determos na cronologia dos pormenores, de modo a evitar artigo longo e cansativo, e sem a pretensão de querer esgotar o tema.

Vida no Sul de Minas

Em 21 de novembro de 1884, na hoje Três Corações, nasceu o quinto filho do casal João de Moura Rangel, caixeiro viajante de uma firma comercial do Rio de Janeiro, e Clara Augusta Gorgulho Rangel, recebendo o nome de José Godofredo de Moura Rangel, cuja infância transcorreu naquelas paragens, entre Três Corações e Carmo do Rio Verde, depois Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas.

Desde cedo, Rangel projetou sua inquietude com o singular, sendo ele mesmo plural, desafiando a imposição do senso comum da tradicionalidade vigente, que sequer consentia na participação de moças em teatro, o que o levava a assumir ele próprio o papel feminino nas peças de sua autoria que encestava na região, cuidando ainda de apetrechar palco e cenário.

Ler e escrever eram seu ofício constante, que o levou a criar “pequenos jornais manuscritos”, com artigos, noticiário e páginas literárias de sua lavra, como revela Enéas Athanázio. Conta o biógrafo que Rangel, em criança, tentou a façanha de decorar um dicionário inteiro.

A perda do pai, aos 12 anos, e a necessidade de prosseguir em seus estudos, o levaram para São Paulo, onde estudou no Colégio Oficial. Em 1902, ingressou na Faculdade de Direito da USP, graduando-se em 1906.

Escrivão e literato em São Paulo

Trabalhava como escrivão de polícia e conheceu Ricardo Gonçalves, poeta e repórter, que publicava trabalhos em revistas e jornais da época, tornando-se grandes amigos. Por volta dos 20 anos Rangel já havia lido a maioria dos clássicos da literatura, como Flaubert, Hippolyte Taine, Cervantes, Camões, Camilo Castelo Branco, tendo se impressionado sobremaneira com Émile Zola, em seu *Germinal*, presente do amigo Ricardo.

Por exigência do trabalho, mudou-se para o bairro Belenzinho, onde alugou o sótão de um chalé, com dois cômodos, que, por se parecer com as torres das mesquitas islâmicas, recebeu de Ricardo o apelido de “*Minarete*”. O lugar ficou para a história, porquanto ali se reuniam os amigos que fizeram parte da juventude de Rangel na capital paulista, dentre eles Monteiro Lobato. Como eram todos marcados pela veia literária, formaram o “cenáculo” ou a “cainçalha”, como se autodenominavam, sendo Rangel tido como “o anjo e o talento” deles, na descrição de Athanázio.

“*Minarete*” também emprestou o nome a um jornal em Pindamonhangaba (SP) e a um livro de Monteiro Lobato, o “*Leitura do Minarete*”. No “*Minarete*” de Pindamonhangaba, Rangel publicou vários trabalhos, sendo o conto “*Simbólico vagido*” o primeiro, sucedido por outros, como o romance em capítulos “*O queijo de Minas ou a história de um nó cego*”, em parceria com Lobato. Sem precisar datas, Athanázio enumera vários outros periódicos que também abrigaram trabalhos de Rangel.

Aposentadoria precoce

Em 1904, Rangel mudou-se para Campinas, lecionando por alguns meses no Instituto Cesário Mota, voltando naquele mesmo ano para Minas, fixando-se em Silvestre Ferraz, onde também passou a lecionar. Foi por essa época que conheceu Bárbara, que seria sua companheira de toda vida, com quem se casou em 1906 e teve três filhos e uma filha. Nesse mesmo ano, havia se bacharelado em Direito, valendo-se, desde Campinas, da possibilidade de prosseguir o curso jurídico sem frequência integral, pelo chamado “*curso vago*”.

“O lugar ficou para a história, porquanto ali se reuniam os amigos que fizeram parte da juventude de Rangel na capital paulista, dentre eles Monteiro Lobato.”

Segundo seu biógrafo, Rangel não nutria muito *“amor pelas lides judiciárias”*, tanto que, nomeado, sequer assumiu o cargo de Promotor Público da comarca de Cambuí, em 1907. Em 1909, porém, ingressou na Magistratura como Juiz Municipal de Machado, transferido para Santa Rita do Sapucaí, ali permanecendo até 1918. Segue depois como Juiz de Direito, atuando, em sequência, nas comarcas de Estrela do Sul, Três Pontas, Passos e, por fim, Lavras. Nessa última comarca, aposentou-se em 1937, apenas três dias após ter assumido.

Amigo íntimo das letras

Numa viagem no tempo, não é desmedido afirmar que Rangel, por toda vida, foi dos mais íntimos companheiros das letras, a quem tratava com absoluta individualidade, aquela que *“liberta o artista da tirania das escolas”*. Tanto que seu estilo entrou para nossa literatura como *“rangelismo”*, recebendo dos amigos do *“Minarete”* o apodo de *“anjo”* e *“talento do Cenáculo”*, e merecendo de Lino Moreira, que também fez parte da *“cainçalha”*, além de elogios, o vaticínio de que ele *“haveria de notabilizar-se na literatura como o maior e mais brasileiro de nossos contistas”*, em crítica publicada no *“Minarete”* de Pindamonhangaba.

Tímido, introvertido e de sincera humildade, Rangel parece ter se refugiado nas montanhas de Minas para trazer à luz seus inúmeros contos, com personagens de riqueza existencial extraordinária, de realismo cruento e verdadeiro. Personagens adequados para uma época dolorosa do primeiro quartel do século XX, permeado pela guerra, epidemia, movimentos de reação de militares ao governo da época, e até na busca por mudanças radicais no mundo das artes, cujo pontapé inicial foi dado pela *“Semana da Arte Moderna”*, em 1922, capitaneada por Mário de Andrade.

No interior de Minas, Rangel laborava no Magistério, na tradução de livros, desde Edgar Rice Burroughs, o criador do lendário Tarzan, até Shakespeare, e na Magistratura. Sua atividade literária nunca foi relegada a segundo plano, todavia. O mestre não parou de produzir, criando e dando vida a seus personagens, em muitos contos e três romances: *“Vida ociosa”*, *“Falange gloriosa”*, publicados em capítulos na Revista do Brasil, e *“Os bem casados”*, publicado no *“Estadinho”*, suplemento dominical do jornal *O Estado de S. Paulo*.

“Vida ociosa” foi publicado em livro somente em 1920, por insistência do amigo Monteiro Lobato, e mereceu elogios da crítica literária, como uma obra prima. *“Falange gloriosa”* e *“Os bem casados”* vieram em livros somente após a morte de Rangel, que não permitiu a publicação enquanto vivo, talvez por temer a verossimilhança de alguns personagens com antigos conhecidos.

Olhar agudo

Observador aguçado, parecia enxergar muito além do natural bater de asas de uma borboleta, da simplicidade do trilhar de uma formiguinha e até do mais complexo matiz de cores das flores do campo. Impressiona-me que o que nós, comuns mortais, vemos nas coisas e nos seres humanos com os olhos, Rangel via com a alma. Como aponta Hilário Tácito (pseudônimo do romancista José Maria de Toledo Malta) em seu prefácio à primeira edição de *“Vida Ociosa”*, o olhar diferenciado de Godofredo se *“revela até no íntimo, ainda quando descreve sítios e paisagens que o impressionaram”*, o que pode ser percebido na descrição da viagem pela estrada, no primeiro capítulo do romance.

Ao definir o ser humano em sua dualidade, em *“Vida ociosa”*, o personagem Dr. Felix, um juiz da cidade próxima, alter ego do autor, dialoga com Siá Marciana sobre a maldade que habita o homem, reportando-se à reflexão do apóstolo Paulo (*“Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero”*), definindo esse mal como o pecado que em nós habita (Rm, 7:19-20). Assegura o juiz interiorano:

“O homem é um animal perverso. Somos parentes da pantera e do jaguar, e ainda remanesçam em refolhos misteriosos de nossa alma, como uma ninhada de víboras numa greta de lapedo, velhos instintos vivazes, mal acobertados pela fragilíssima códeia civilizada com que campamos na sociedade; é um velho legado de sangue, atavismo de índole, de que não nos poderíamos libertar em poucos milhares de anos – um minuto na evolução. Em nós há rugidos adormecidos, crispações de garras dissimuladas no

veludo macio das patas, amamos o sangue e o espetáculo do sofrimento, das agonias horríveis."

No mesmo romance, Rangel apresenta o homem como um ser afetivo, quer dizer, o seu lado bom. No capítulo Dr. Formiguinha, ele afirma: "*Nossa capacidade afetiva é tão grande, que às vezes estende a coisas mínimas*". E adiante pondera sobre sua triste apreensão, por conta de uma formiguinha que sempre lhe passeava à mesa e em certo tempo não mais apareceu, o que lhe trouxera aborrecimento, como aquele amigo que espera o outro, que tarda a chegar.

Mestre das tonalidades

Não é tarefa fácil encontrar na literatura descritiva um mestre como o foi Godofredo Rangel, definindo-o o crítico literário Antônio Cândido, como influenciador de outros, como os mineiros Amadeu Queiróz (Academia Paulista de Letras), Eduardo Frieiro (Academia Mineira de Letras) e Ciro dos Anjos (Academia Brasileira de Letras). Para Antônio Cândido, em um ensaio-prefácio para edição de "*Falange gloriosa*", Rangel foi um mestre da "*escrita de tonalidades, capaz de nos dar, como no capítulo inicial (A Estrada) um dos trechos mais belos da nossa literatura*".

Para alguns críticos, a obra de Rangel seria de puro regionalismo. Não vejo aí qualquer demérito, pois o regionalismo serviu de pano de fundo literário desde meados do século XIX, até final do século XX, para alguns dos nossos principais escritores, como José de Alencar, Visconde de Taunay, Bernardo Guimarães, Graciliano Ramos ("*Vidas secas*", "*São Bernardo*") e Euclides da Cunha ("*Os Sertões*"). Da mesma forma, o regionalismo de Rangel pode ser destacado também como ponto comum à grande maioria dos escritores do país àquela época e ainda hoje. O que dizer de Jorge Amado, com a mística e rica cultura da Bahia, ou Érico Veríssimo com o Rio Grande do Sul ("*O Tempo e o Vento*") ou João Cabral de Melo Neto, em Pernambuco. Por óbvio, Rangel era mineiro, andava pelas terras mineiras, habituado com os costumes de sua gente, descreve lugares fictícios, como muito bem pode existir em qualquer canto deste País, como o fizeram tantos outros. A literatura que permeia o regionalismo acaba por alcançar todos os cantos deste planeta.

Ora, a mim o que é apresentado por Godofredo Rangel tem sempre um cadinho daquilo que falta em cada um de nós, como a quietude, a simplicidade, a sinceridade do gesto, o olhar profundo e integrativo com aquilo que nos cerca, desde o humano, ao inumano. Rangel consegue universalizar a dignidade humana na grandiosidade da simplicidade que evocam seus personagens! Assim como João Cabral de Melo Neto traduziu o sertão em letras, Godofredo Rangel o fez, traduzindo em eloquente grandiosidade da própria simplicidade, o homem que vivia longe dos grandes centros.

“Tímido, introvertido e de sincera humildade, Rangel parece ter se refugiado nas montanhas de Minas para trazer à luz seus inúmeros contos, com personagens de riqueza existencial extraordinária, de realismo cruento e verdadeiro.”

Godofredo e Lobato

Desde que se conheceram, ainda no curso de Direito em São Paulo, Rangel e Lobato se tornaram amigos e confidentes que, mesmo à distância, perpetuaram em vida os laços fraternais através de constante correspondência epistolar. Enquanto as cartas escritas por Lobato se tornaram públicas, no livro "*A barca de Gleyre*" (referência a um quadro do pintor suíço Charles Gleyre), Rangel nunca permitiu que as suas fossem publicadas, por entender que não se tratava de literatura a merecer publicidade. Este fato, aliado à escolha de Godofredo por viver bucolicamente no interior de Minas e não ser dado a reconhecimentos, laureamentos e

outros afagos, contribuiu para que sua obra caísse em certo esquecimento e que ele, às vezes, fosse até confundido, na troca de correspondências com Lobato, já uma celebridade, com o literato pernambucano Alberto Rangel.

As cartas de Monteiro Lobato, publicadas em 1944, revelam que Rangel sempre foi tratado pelo criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo como um talento raro, a quem constantemente instava como crítico de suas obras, notadamente na parte gramatical. São cartas com pilhérias, fatos jocosos e mais sobre literatura, e em nenhuma delas se percebe que Lobato se sobreponha a Rangel, como dele inspirador; antes, tece rasgados elogios à obra produzida pelo amigo, apontando possibilidades de publicação e exortando-o a continuar na faina literária.

Debalde, por um bom tempo, foram insistentes as perorações de Lobato, exortando Rangel a se lançar no mundo literário, valendo-se da *"Revista do Brasil"*, primeiro editada e depois adquirida pelo taubateano. Não me parece correta, portanto, a opinião de alguns críticos de que Rangel foi influenciado por Lobato. Ao contrário, a correspondência de Lobato para Rangel, deixa indubitosa que este era um crítico de Lobato, como, aliás, revela o biógrafo: *"desde a boa ou má qualidade literária, até os deslizos ortográficos são discutidos e apontados, nada escapando ao crivo do mineiro"*. O biógrafo vai além, ao entender que *"essa crítica contribuiu para fazer de Lobato o mestre do conto em que se transformou"*. De efeito, a influência, ao que se vê das cartas, é que Rangel acabou por apontar um caminho a seguir para Lobato, o de contista, quando o amigo se dizia incapaz de produzir alguma coisa de valor. Já Rangel, se fazia autêntico de muito antes, como o expressa o próprio Lobato em uma de suas cartas.

A resistência de Rangel em relação à publicação de suas obras fica evidenciada em uma de suas poucas cartas, tornadas públicas por ocasião das comemorações dos 100 anos de seu nascimento, organizadas pelo escritor e artista plástico mineiro Márcio Sampaio, no *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*, órgão oficial do estado. Na missiva de 16 de novembro 1919, Godofredo afirma:

[...] Quanto a meu livro, segura breve (o *"Vida ociosa"*) para que o edites em volume se ainda te mantiveres na mesma atrevida intenção. Vais talvez arriscar dinheiro imprpropriamente e, o que é pior, dinheiro da Sociedade que organizaste. Por isso, quando eu te mandar os originais, pensa bem antes, para que evites malogro daquela natureza para ti e remorsos para mim. (SAMPAIO, 1984b, p. 10).

Ainda bem que Lobato não deu ouvidos ao amigo, para nosso gáudio.

De qualquer modo, a amizade dos dois nunca, ao que se sabe, restou estremeçada, e era de tamanha monta que chegaram a ajustar uma senha, para ser ditada por aquele que morresse primeiro, dando a conhecer sobre a vida após a morte. De certo, não se tem conhecimento de que Monteiro tenha voltado do além para dizer a referida senha. Mas em sua última carta para Rangel, escrita em 23 de junho de 1948, 12 dias antes de sua morte, Lobato, em tom de pilhéria, mas muito próximo a uma verdadeira despedida, conclui:

“As cartas de Monteiro Lobato, publicadas em 1944, revelam que Rangel sempre foi tratado pelo criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo como um talento raro.”

"Adeus, Rangel! Nossa viagem a dois está chegando perto do fim. Continuaremos no Além? Tenho planos logo que lá chegar de contratar o Chico Xavier para psicógrafo particular, só meu – e a primeira comunicação vai ser dirigida justamente a você. Quero remover todas as tuas dúvidas. Do Lobato"

Ver com olhos da alma

O mineiro, *"anjo e talento"* do Minarete, enxergava com os olhos da alma, além das coisas comuns, para desnudar o que era simples, como a vida supostamente modorrenta do homem do campo, e descortinar o conflito existencial de todos nós. Isso ele dimensiona em todos os seus contos e romances, para, no fim, apontar o lenitivo em suas diversas formas, de modo a nos dar a exata medida do que cunhou Saint Exupéry: *"Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos."*

De tudo, minha humilde percepção é a de que Rangel se realizou mais como literato, professor e tradutor do que como juiz, ofício que exerceu com honra e denodo, sem, contudo, ser um apaixonado pelo ato de julgar, como deixa

nas entrelinhas de "*Vida ociosa*", através do personagem Dr. Félix: "*qual enfadonho era aquele mister!*" No capítulo "*Tédio*", depois de conjecturar sobre as lides forenses, do enfado de certas práxis, conclui refletindo: "*Não! Eu não era um mau juiz. Em mim sentia a massa dos julgamentos imparciais. Mas, diabo! A justiça, como nós a compreendemos, esse tonto catar de artigos e retalhos de acórdãos, era excessivamente implexa*".

Avançado para seu tempo, Rangel fulmina a complexidade e demora processual exigida pelo arcabouço legal, deixando magistralmente registrado naquele capítulo seu sonho, que afirmo ser também o de todos nós, magistrados, ao lamentar: "*Que pena não estarmos na terra dos vizires autônomos e Salomões sumaríssimos, que numa frase deslindam uma pendência, sem inútil esbanjar de tinta e praxistas!*"

Pré-modernista, nunca fez pouco do Modernismo que alçava voo àquele tempo, e acabou influenciando muitos outros literatos, como o genial mineiro Autran Dourado, que o confessou em entrevista e apontou Godofredo Rangel, que conheceu quando tinha apenas 17 anos, como "uma influência decisiva" em sua carreira.

Principais obras

O biógrafo Enéas Athanázio relaciona as obras de Godofredo Rangel, de forma incompleta, posto que muitas se perderam ou não foram editadas.

- *Estudo práctico de português* (1917) – gramática;
- *Vida ociosa* (1920), *Falange gloriosa* (1955) e *Os bem casados* (1955) – romances, os dois últimos edições póstumas;
- *Andorinhas* (1922) e *os humildes* (1944) – contos;
- *A filha* (1929) – narrativa;
- *A banda de música da onça* (1943), *Histórias do tempo da onça* (1943) e *Passeio à casa de Papai Noel* (1943) – literatura infantil.

Foi colaborador em diversos jornais e revistas: *O Povo*, *O Combatente*, *O Minarete*, *O País*, *A Lanterna*, *O Dia*, *A Novela Semanal*, *O Estado de S. Paulo* e *O Estadinho*, *Vida Moderna* e *Revista do Brasil*. Certamente muitos outros contos foram perdidos no tempo, em jornais interioranos, de pouca circulação.

Embora não fosse dado a laureamentos, merecidamente foi eleito membro da Academia Mineira de Letras, em 1939. Em Três Corações foi criada a Casa de Cultura Godofredo Rangel e inaugurada em 23 de setembro de 1985 a Escola Estadual Godofredo Rangel.

José Godofredo de Moura Rangel foi acometido de um câncer de próstata e transvivenciou em 04 de agosto de 1951. Descansa seu corpo no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte.

Muito se tem ainda a dizer desse magistral mineiro, sendo inesgotável o que se pode sorver e absorver de sua intelectualidade literária, não nos sendo possível fazê-lo nesse minifúndio literário.

Salve Godofredo Rangel, das letras e das lides, que enxergava com os olhos d'alma.

Referências Bibliográficas e fontes de estudo

- ATHANÁZIO, Enéas - *Godofredo Rangel*, Gráfica Editora 74, Curitiba, 1977.
- RANGEL, Godofredo - *Vida Ociosa*, Edições Melhoramentos, 3ª Edição
- SPAGNOLI, Camisa Russo de Almeida - *Uma Vida Nada Ociosa*. Godofredo Rangel na Revista do Brasil (1917-1924), Versão corrigida, 2020. Tese de doutorado da USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- SPAGNOLI, Camisa Russo de Almeida - *Monteiro Lobato publica Godofredo Rangel*, Opiniões, Revista dos Alunos de Literatura Brasileira, <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/135201>
- TV BRASIL - *João Cabral de Melo Neto, o poeta que traduziu o sertão em letras*, Youtube, <https://youtu.be/HFTVh4LI71U>
- LOBATO, Monteiro - *A Barca de Gleyre*, Editora Globo, 2010, 1ª Ed



Edição de obra completa revela novas faces de Henriqueta Lisboa

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de *MagisCultura*

“**M**eu instrumento de trabalho e de vida nunca foi outro senão a palavra.”

Primeira mulher a entrar para a Academia Mineira de Letras (Cadeira 26, patrono Evaristo da Veiga), em 1963, Henriqueta Lisboa, que teria feito 120 anos em julho deste ano, teve sua obra completa editada no primeiro semestre, em trabalho organizado pelos professores Reinaldo Marques e Wander Melo Miranda, da Faculdade de Letras da UFMG.

Para os organizadores, “a obra de Henriqueta Lisboa ocupa certamente um lugar especial no quadro da literatura brasileira do século 20, embora uma avaliação mais acurada de sua trajetória ainda esteja por fazer, em razão das dificuldades de acesso a seus livros, muitos deles limitados às primeiras edições”.

A edição da sua poesia e da sua prosa, dizem os organizadores, virá facilitar “o acesso do público leitor tanto a sua obra poética quanto ao seu pensamento teórico-crítico, consolidado em obra ensaística, de modo a se poder configurar melhor seu lugar e sua contribuição para as nossas letras”. Reinaldo Marques e Wander Miranda ressaltam também a atuação de Henriqueta como “leitora e tradutora de poesia, marcada por traduções refinadas de Dante, Giuseppe Ungaretti, Cesare Pavese, Gabriela Mistral, Jorge Guillén, entre outros”, que estão reunidas em um dos três volumes publicados.

Destacam, ainda, a “significativa atividade epistolar, como evidenciam as inúmeras cartas com poetas, críticos e intelectuais do Brasil e outros países, guardadas em seu arquivo junto ao Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, como demonstra a publicação de sua correspondência com Mário de Andrade, organizada por Eneida Maria de Souza”. Para eles, “parece razoável aproximá-la, nesse sentido, da grande tradição moderna dos poetas-críticos, em que se inscrevem Ezra Pound, T. S. Eliot, Octavio Paz, Haroldo de Campos, entre outros”.

E concluem: “Com efeito, ao trabalho de escrever poesia, Henriqueta soube aliar elevado grau de consciência e conhecimento dos problemas teóricos e técnicos envolvidos na operação tanto do fazer poético quanto da tradução, como nos seus ensaios, quase todos voltados para essa questão.”

O texto de apresentação dos três volumes faz amplo sobrevoos crítico sobre a obra de Henriqueta Lisboa e merece leitura dos interessados em conhecer e apreciar sua obra. Antecipamos alguns tópicos, que refletem aspectos variados da vida e da produção literária dela.

Berço mineiro

“Nascida em 1901 na cidade de Lambari, sul de Minas Gerais, a formação intelectual de Henriqueta é marcada por uma trajetória típica das filhas de famílias mais abastadas do interior, a que se ministra educação rigorosa, ilustrada pela literatura, a música e o desenho.”

“Sua origem mineira marcará profundamente sua personalidade [...]”

Amizades literárias

“[...] no Rio Henriqueta começa a cercar uma teia de amizades literárias, cultivadas ao longo de sua vida, principalmente mediante a prática epistolar. No solo carioca medra sua amizade com Gabriela Mistral e Cecília Meireles.

[...] Além de Gabriela Mistral, Cecília Meireles, Gilka Machado e Francisca Júlia constituem um ponto de referência marcante para Henriqueta, considerada a constituição notadamente masculina do meio literário no país.”

Vocação

“[...] Ao se mudar para Belo Horizonte, Henriqueta encontra clima propício para se dedicar à vocação de poeta. Nas décadas de 1940 e 1950, experimenta um período fecundo de criação poética, que consolida sua trajetória literária com a publicação de diversas obras.”

Ativismo feminino

“Embora dedicada especialmente ao fazer poético, Henriqueta mostra-se sintonizada com questões relativas à presença da mulher na sociedade, procurando abrir novos espaços de atuação feminina. De modo discreto, como é de seu feitio, vai desenhando um perfil de ativista, como evidencia seu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais em 1958.”

Modernismo e Mário de Andrade

“Significativa para sua formação foi a maneira como Henriqueta incorporou na sua poesia a renovação proposta pela Semana de Arte Moderna de 1922, em especial a consciência do

'direito permanente à pesquisa estética', que nela se ativa sem modismos de escola, mas em direção a novas experiências da poesia moderna [...]

Transição em que contou com a orientação provocativa e estimulante de Mário de Andrade [...]

Esse encontro com a estética modernista e a forma singular como dela se apropriou, sem fazer disso a senha identitária de sua poesia, ajudam a explicar a dificuldade de se rotular a poesia de Henriqueta em termos de estilos e escolas, de reduzi-la a uma influência única e determinante."

Transcendência X imanência

"Nesse percurso, algumas persistências vão delineando certas marcas de seu projeto poético, movido por linhas de forças contraditórias. De um lado, uma força em busca da transcendência, conferindo uma visada metafísica à poesia pela busca de um plano sobrenatural, para além dos fenômenos [...] de outro, uma força em direção à imanência, ao mundo natural, das forças da natureza, única via de acesso ao mundo suprassensível."

Uma família literata

Nascida em Lambari, no Sul de Minas, Henriqueta era filha de João de Almeida Lisboa e Maria Rita Vilhena Lisboa, a *"Sinhá Pequena"*. O pai teve intensa vida política, saindo de Lambari para cumprir mandato de deputado federal no Rio de Janeiro, então capital da República, retornando a Belo Horizonte para integrar a Assembleia Constituinte estadual. O casal teve 15 filhos, dos quais nove chegaram à vida adulta e, além de Henriqueta, dois – Alaíde e José Carlos – também alcançaram destaque na vida acadêmica e literária e foram eleitos membros da Academia Mineira de Letras. Henriqueta morou com os pais, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, até a morte deles, e depois viveu sozinha na capital mineira, onde faleceu em 1985, aos 84 anos.

Alaíde Lisboa de Oliveira destacou-se na literatura infantil, sendo autora de dois clássicos – *A bonequinha preta* e *O bonequinho doce* – que povoaram a imaginação e a formação escolar de milhares e milhares de crianças, Brasil afora. Herdou também a veia política do pai, desenvolvendo intensa atividade na gestão educacional, particularmente na UFMG, e na vida sindical, sendo presidente da Associação dos Professores Primários de Minas Gerais. Foi a primeira mulher a se eleger vereadora à Câmara Municipal de Belo Horizonte, em 1949.

Um ano mais novo que Henriqueta, José Carlos Lisboa foi um dos pioneiros na consolidação do ensino superior no Brasil. Formado em Farmácia, bacharel e doutor em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, atual UFRJ, participou, no final da década de 1930, da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então Universidade de Minas Gerais (UMG), que daria origem à UFMG. Ocupou a cátedra de Língua e Literatura Espanhola da faculdade a partir da década de 40 e depois tornou-se catedrático e doutor em Língua e Literatura Espanhola também pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Em 1967, participou da criação da Escola de Comunicação da UFRJ, da qual foi o primeiro diretor. Crítico literário, era considerado o maior hispanista do Brasil.

Em três volumes, a obra e o pensamento

Organizada pelos professores Reinaldo Marques e Wander Melo Miranda, ambos da UFMG, a *Obra Completa de Henriqueta Lisboa* foi publicada pela Editora Peirópolis (www.editorapeiropolis.com.br/henriqueta-lisboa), em três volumes: o primeiro reúne sua produção poética, a partir de organização original feita por ela própria; o segundo acolhe a poesia traduzida, que inclui clássicos como Gabriela Mistral, Dante Alighieri e José Martí; o terceiro traz sua produção em prosa, incluindo conferências, discursos, ensaios, entrevistas e textos esparsos, além de fortuna crítica.

Segundo os organizadores a fonte básica do trabalho foi o acervo da própria escritora, doado ao Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, que integra a Biblioteca da Universidade e está localizado no prédio da Biblioteca Central, no campus da Pampulha. A doação foi iniciativa da professora Abigail Lisboa de Oliveira Carvalho, sobrinha de Henriqueta e que ficou encarregada de gerir seu acervo.

Para o professor Reinaldo Marques, a publicação dos três volumes deverá permitir *"avaliação mais acurada da trajetória"* da escritora sul-mineira, que *"certamente ocupa um lugar especial na literatura brasileira do século 20"*, mas cuja obra não é suficientemente conhecida e divulgada, pela dificuldade de acesso aos livros, muitos limitados às primeiras edições, e, em certo sentido devido à *"personalidade mais recatada e esquivada da escritora, que procurou fazer do silêncio e da sombra sua morada"*.



“O purgatório é a casa do poeta.”

Em sua obra ensaística, contida no segundo volume, Henriqueta expressa conceitos e pensamentos sobre a atividade poética, definindo caminhos que certamente orientaram sua própria produção literária. Destacamos alguns.

Poesia

“[...] o mundo necessita de poesia, mais do que a poesia necessita do mundo.”

“Em verdade, o mundo moderno, prodigioso de inventos mecânicos, energias nucleares e métodos científicos de exemplar precisão, ainda não soube assegurar seus alicerces em termos de normalidade. O corpo foi mais veloz na caminhada para conquistas materiais do que o espírito [...]”

“A Ciência favorece e ilumina a humanidade, sem dúvida; mas ao mesmo passo aperfeiçoa instrumentos de guerra, de violência e rapina. A Arte será talvez mais fecunda de ensinamentos e estímulos, embora tenha participado, sim, da iniquidade e perversão do século.”

Discurso na AML, em 29/09/79, ao receber homenagem pelos 50 anos de poesia.

“Não terá sido inútil, quero crer, a minha opção pela poesia [...]”

“Rebeldia e mansuetude são os polos do espaço em que gravita o poeta, atraído – e eventualmente traído – por cintilações itinerantes.”

“O idioma português, tão belo na sonoridade, tão nobre no fraseado e tão profundo nos escaninhos, nasceu sob o

signo da poesia. Em equivalência, todo o fascínio da poesia se fundamenta na língua materna.”

Discurso ao receber o Prêmio Machado de Assis, da ABL, em 19/07/84.

“O Purgatório é a casa do poeta. Sei que também o Inferno, com seus embates de paixão. E o Paraíso também, com seus êxtases. Mas diz e repete meu coração que o Purgatório é a casa natural do Poeta.”

In: “Cantos de Dante”, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1969.

“Poema contaminado de paixão torna-se risível, se lhe falta a graça da levitação com que pudera generalizar-se. Um poema leviano, em que não pesa o lastro substancial da existência, enfada.”

Literatura infantil

“Apresenta-se quase sempre ao escolar brasileiro, sob o rótulo de poesia, certo artigo prosaico, naturalmente com boas intenções. No caso, o engano redundava em desserviço. O pseudopoema, de versos mecanicamente inflexíveis e substância normativa, à feição de uma flor de papel, desorienta e deforma o gosto natural.”

In: Antologia poética para a infância e a juventude. Cultrix, 1961.

Morte e poesia

“[...] a ideia da morte, consequência fatal da vida, é o fogo em que nos consumimos minuto a minuto. É preciso dominar essa ideia, transfigurar esse sentimento, colher ao menos uma flor à beira da sombria experiência. E, a meu ver, a arte é um ato de respirar.”

In: Entrevista a Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, Diário de Minas, 1968.

Uma “diligência”

Filha de Alaíde, a professora da UFMG Maria Lisboa de Oliveira conviveu com Henriqueta em seus últimos anos na capital mineira e confirma que a tia era “absolutamente reservada” e que a família respeitava integralmente esse seu traço de caráter. “Minha mãe, usando a linguagem típica sul-mineira, nos dizia que tia Henriqueta era uma ‘diligência’ e cuidava para que nós não a incomodássemos”, relata. Lembra também que era Alaíde quem muitas vezes cuidava de ajudar Henriqueta a receber seus amigos, como Mário de Andrade e Gabriela Mistral, “organizando jantares e almoços em nossa casa”.

Maria Lisboa diz que Henriqueta parecia ser uma mulher frágil, “pois era baixinha e magrinha”, mas não tinha problemas de saúde. “Foi acometida de um câncer já em seu último ano de vida e recusou-se a ser operada, preferindo ficar em casa, resistindo”, sempre acompanhada principalmente de Abigail, a outra sobrinha, também professora da UFMG, que a ajudou a organizar seu acervo, o herdou e posteriormente o doou à Biblioteca da UFMG.

Maria Lisboa considera “sofisticada” a poesia da tia e destaca três poemas em seu gosto pessoal: *Modelagem / Mulher* (“talvez seja o que mais diga do que ela foi”), *Flor da morte* e *O menino poeta*.

Modelagem / Mulher

Assim foi modelado o objeto: para subserviência.

Tem olhos de ver e apenas entrevê. Não vai longe seu pensamento cortado ao meio pela ferrugem das tesouras. É um mito sem asas, condicionado às fainas da lareira.

Seria um cântaro de barro afeito a movimentos incipientes sob tutela.

Ergue a cabeça por instantes e logo esmorece por força de séculos pendentes.

Ao remover entulhos leva espinhos na carne.

Será talvez escasso um milênio para que de justiça tenha vida integral.

Pois o modelo deve ser indefectível segundo as leis da própria modelagem.



Traindo Kafka, amigo íntimo salvou clássicos como *O processo* e *O castelo*

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TJMG, aposentado

O escritor judeu Franz Kafka faleceu de tuberculose pulmonar em 03 de junho de 1924, num sanatório de Kierling, perto de Viena, Áustria, exatamente um mês antes de completar 41 anos, e foi sepultado em 11 de junho de 1924 no Cemitério Judeu de Praga, hoje capital da República Tcheca. Finda a cerimônia, seus pais – Herman Kafka e Julie Kafka, comerciantes da minoria judaica de língua alemã – foram com o escritor Max Brod, amigo íntimo do filho, ao apartamento deste, no último andar do edifício Oppelt, na Cidade Velha, em Praga, para examinar a escrivania de Kafka, de quem Brod era testamenteiro literário e a quem traiu, deixando de atender a seu último desejo – o de queimar seus manuscritos. [A disputa pelos legados literários de Kafka e de Brod, reclamados também pela ex-secretária e companheira deste, Esther (Ilse) Woffe, sucedida pelas filhas que ela teve com seu marido, Otto Woffe – Ruth e Eva – e envolvendo também instituições culturais de Israel e da Alemanha, foi submetida à Suprema Corte de Israel, como veremos mais adiante].

Ao invés de queimar os manuscritos, Brod logo publicou, sucessivamente, os romances *O processo* (1925), *O castelo* (1926), a novela *América*, com o título *O desaparecido*, todos inacabados, pois Kafka não concluiu nenhum dos seus romances, e dois volumes de contos e novelas, livrando das chamas, assim, estas e outras obras clássicas do autor, que, pouco conhecido na época, foi modernamente considerado por Sartre o “pai da literatura moderna”.

“...tenho grande capacidade de me metamorfosear”

Kafka é conhecido sobretudo como o autor da novela *A metamorfose*, de 1912, publicada em 1915, com este chocante começo: “Certa manhã, quando despertou de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”. Na obra de Kafka, afirma o biógrafo Reiner Stach, “*La metamorfosis marca o começo de toda uma série de animais pensantes, falantes e sofreadores, de cães eruditos e chacais famintos, toupeiras psicóticas, macacos assentados e pretensiosos ratos...*” – (Kafka. *Los años de las decisiones* - traduzimos). [Curiosamente, em 30 de setembro de 1912, Kafka anotou no diário que imitara Tucholsky, estudante berlinense que visitava Praga: “*Também eu tenho grande capacidade de me metamorfosear, o que ninguém nota. Quantas vezes já não terei imitado Max? Ontem à noite, se me observasse a caminho de casa, teria podido me confundir com Tucholsky*”].

Na gaveta, volumoso arquivo e o último desejo

Narrando o sucedido no apartamento de Kafka logo após o enterro, Benjamin Balint, em *O último processo de Kafka: a disputa por um legado literário* – ganhador, em 2020, do Prêmio Sami Rohr de Literatura Judaica e lançado no Brasil em 2021, pela Arquipelago, e excelente fonte de consulta para este texto –, revela inicialmente que, segundo Reiner Stach, “*Herman Kafka assinou um contrato dando a Brod [também escritor judeu nascido em Praga, agente literário de Kafka], o direito de publicar postumamente as obras de Franz*”.

Abrindo a escrivania, “*sob a desordem de lápis com pontas quebradas, botões de colarinho e um peso de papel de Karlsbad [famosa estação de águas minerais da Boêmia], Brod descobriu um arquivo volumoso com cadernos não publicados, rascunhos inacabados e diários*” [Vários anos antes, Kafka registrara no diário a existência, ali, de lápis com a ponta quebrada e de peso de papel de Karlsbad].

Brod também encontrou na gaveta dois bilhetes sem data. Eis o primeiro: “*Caro Max. Meu último pedido: tudo que deixo para trás [...] na forma de cadernos, manuscritos, cartas minhas e de outras pessoas, desenhos e assim por diante, deve ser queimado sem leitura e até a última página, bem como todos os meus escritos ou notas que possam estar com você, ou com outras pessoas, às quais você deve rogar em meu nome. As cartas que não forem entregues a você devem ao menos ser fielmente queimadas por quem as possui. Seu, Franz Kafka*”.

E o segundo bilhete: “*Querido Max, talvez desta vez eu não me recupere, afinal. Pneumonia depois de um mês inteiro de febre pulmonar é muito provável; e nem mesmo escrever isso poderá evitá-la, embora exista um certo poder. Para essa eventualidade, portanto, eis aqui o meu último desejo em relação a tudo o que escrevi: de todos os meus escritos, os únicos que valem são estes: “O veredicto”, “O fogueira”, “Metamorfose”, “Colônia Penal”, “O médico rural” e o conto “O artista da fome” [...] Mas todos os meus outros escritos existentes [...], todas essas coisas, sem exceção, devem ser queimadas, e lhe peço que faça isso o mais rápido possível. Franz*”.

Carpeaux: Kafka sabia que Brod não o atenderia

O crítico austríaco Otto Maria Carpeaux, que se exilou no Brasil na Segunda Guerra Mundial, sustenta que Brod não contrariou o verdadeiro desejo do amigo, pois Kafka sabia que ele não queimaria suas obras. Lembra que Brod se contradisse, pois confessou, no epílogo da primeira edição

“Ao invés de queimar os manuscritos, Brod logo publicou, sucessivamente, os romances *O processo*, *O castelo*, a novela *América*, com o título *O desaparecido*, todos inacabados [...]”

de *O processo*, que, muito antes de falecer, Kafka lhe pedira ‘para queimar tudo, sem exceção’, ‘sendo melhor ninguém le-lo antes’, tendo ele respondido que “nunca faria isso” [queimar] (*O castelo* – de Franz Kafka, em *As obras-primas que poucos leram*, volume 1).

“Kafka sabia, portanto, continua Carpeaux, que Brod, como testamenteiro, desobedeceria; e teria nomeado outro testamenteiro, se aquilo fosse realmente sua vontade. Mas não fez. Então, conclui Brod, Kafka não quis, seriamente, que os manuscritos fossem destruídos; tinha, apenas, dúvidas quanto ao valor das obras ou, como diz Brod, uma ‘insatisfação íntima’. Mas essa insatisfação era infundada. Brod leu e achou que não se tratavam de obras ‘insatisfatórias’ e, sim, de obras-primas da literatura universal. Viu que Kafka tinha se enganado. E retificou o erro, publicando as obras” (*O silêncio de Kafka*, em *Ensaio reunidos* - 1946-1971, volume II).

Espólio de Brod incluía “pilhas de papel de Kafka”

Reconhecido em vida, Brod tinha seu próprio acervo literário. Seu espólio incluía os seus manuscritos e “pilhas de papéis de Kafka, frágeis como folhas outonais”, diz Balint. É lembrado hoje apenas por sua biografia de Kafka e sua atuação à frente do espólio do amigo, garantindo a projeção e a permanência deste na literatura. Tanto tempo depois, em virtude do litígio judicial, comenta Balint, esses manuscritos prometiam “lançar nova luz sobre o escritor que cunhou um estilo inimitável de realismo surreal e compôs as fábulas de desorientação, absurdo e tirania sem rosto mais indelévels do século 20 – o raro escritor cujo nome se tornou um adjetivo” [kafkiano].

O último processo de Kafka

O processo na Suprema Corte de Israel envolveu a Biblioteca Nacional de Israel, o Arquivo de Literatura Alemã, em Marbach, o maior arquivo de literatura moderna alemã do mundo, com amplíssimos recursos financeiros, e, no final, Eva Hoffe, que, com o falecimento da mãe, Esther Hoffe, em 2007, e da única irmã, Ruth, em 2012, tinha a posse física dos documentos, também pretendidos pelas outras partes. Eva morreu em 2018, aos 85 anos. Cartas da correspondência entre Brod e Esther deixaram “bastante clara a intimidade do relacionamento entre os dois”, observa Balint. Há décadas os documentos disputados estavam no apartamento das Hoffe na rua Spinoza, nº 20, em Tel Aviv. Elas rebatiam a acusação de não os conservar apropriadamente, deixando-os desorganizados e cercados dos seus gatos.

Voltemos ao tribunal. Balint observou que cada parte do feito da Suprema Corte “(e, por sua vez, os juízes) flutuava entre dois registros retóricos: o legal e o simbólico. O processo prometia “jogar luzes sobre questões de significado duradouro para Israel, Alemanha e a relação ainda tensa entre os dois países. Tanto Marback quanto a Biblioteca Nacional traziam ao tribunal uma preocupação a respeito dos seus respectivos passados nacionais (embora de maneiras muito diferentes); ambos procuravam usar Kafka como um troféu para honrar esses passados [o Holocausto

e seus milhões de vítimas, os judeus], como se o escritor fosse instrumento de prestígio nacional”.

O destino dos manuscritos: último veredicto

Eva pleiteava direito sobre o legado de Brod, composto, também, já vimos, por manuscritos de Kafka, retirados da escrivania deste, na condição de testamenteiro. Na matéria “Arquivo K.”, procedente de Tel Aviv, Daniela Kreschc informa que, naquela audiência, em 7 de agosto de 2016, a Suprema Corte de Israel decidiu que a vasta coleção de Brod “*pertence à BNI, em Jerusalém, já que, em testamento de 1961 [sete anos antes da morte dele], Brod deu instruções para que seu espólio fosse transferido à Universidade Hebraica de Jerusalém, hoje BNI*” (Folha de S. Paulo, 13 de agosto de 2016, p. C1).

Referindo-se ao veredicto, Balint parafraseou a frase inaugural de *A metamorfose*: “*Quando Eva Hoffe acordou de sonhos intranquilos certa manhã de agosto de 2016, em Tel Aviv, ela se viu transformada numa mulher deserdada. Seis semanas após receber seu caso, a Suprema Corte de Israel emitiu seu veredicto inapelável. O painel de três juízes confirmou por unanimidade as decisões dos tribunais inferiores. Determinou que Eva Hoffe deveria entregar todo o espólio de Brod, incluindo os manuscritos de Kafka, à Biblioteca Nacional de Israel, sem receber em troca um único shekel [moeda israelense] de compensação*”.

Cinco anos depois, na matéria “*Querido diário*”, do mesmo jornal, Guilherme Magalhães, ao noticiar a primeira edição integral no Brasil dos Diários, de Kafka, pela editora Todavia, lembrou que a Biblioteca Nacional de Israel “*terminou vencedora em 2016*” (Folha de S. Paulo, 15 de maio de 2021, p. C1).

Brod idealizou o final de *O processo*

Perguntando-se onde termina Kafka e começa Brod, Balint revela que, preparando os manuscritos, ele “*inventou títulos para o que Kafka deixara sem título e sequências para o que Kafka deixara em aberto (Foi ideia dele, por exemplo, terminar *O processo* com a execução de Joseph K)*” [Personagem principal do romance, preso e processado sem saber por quem nem o porquê].

Acrescentou: “*Jamais atormentado pela noção de que os textos de Kafka eram de certa forma inalteráveis ou impossíveis de revisar, Brod agregou e expurgou, de modo tão sutil quanto significativo. Ele reorganizava frases, arrumava as pontuações livres e as peculiaridades ortográficas de Kafka, editava o que chamava de ‘erros linguísticos’ (...) e os coloquialismos de Praga, fazia interferências em quebras de parágrafos e notas para os tipógrafos e acrescentava seus próprios rabiscos em vermelho nos manuscritos. Expurgou referências sexuais, lascivas ou desagradáveis dos diários, e expurgou referências a pessoas ainda vivas*”.

Já Milan Kundera, autor de *A insustentável leveza do ser*, ganhador, em 2021, do Prêmio Kafka de Literatura, afirma, em *Testamentos traídos*, que Brod traiu Kafka duas vezes, “*propagando o mito do santo sofredor dos dias modernos*” e, também, “*publicando indiscriminadamente as obras*

“O crítico Otto Maria Carpeaux sustenta que Brod não contrariou o verdadeiro desejo do amigo, pois Kafka sabia que ele não queimaria suas obras.”

inacabadas e os diários de Kafka, sua carta não entregue ao pai e suas cartas de amor". Criou, assim, "o modelo da desobediência a amigos mortos; um precedente judicial para quem deseja burlar o último desejo de um autor".

Tiragens inteiras "vendidas como papel de embrulho"

Carpeaux sustentou a tese de que Kafka não considerava sua obra literatura, daí não querer sobreviver como escritor. "Mas Brod, fanaticamente convencido da importância do amigo morto (e sejamos gratos a ele!), publicou *O processo* e *O castelo*. "Sem sucesso: a editora Die Brucke (A ponte) faliu e as tiragens inteiras foram vendidas como papel de embrulho.

“Reconhecido em vida, Brod tinha seu próprio acervo literário. [...] É lembrado hoje apenas por sua biografia de Kafka e sua atuação à frente do espólio do amigo, garantindo a projeção e a permanência deste na literatura.”

Só por volta de 1930 surgiu certo interesse, inclusive graças a um artigo elogioso de Thomas Mann" [autor de *A montanha mágica*] (*O castelo* – de Franz Kafka, em *As obras-primas que poucos leram*, volume 1).

Conta Carpeaux que, em 1932, Salman Schocken, um livreiro judeu de Berlim, resolveu editar todos os escritos de Kafka, em seis volumes. Eles já estavam preparados quando, em 1936, colocaram fora da lei os judeus-alemães. No início, permitiram publicações de escritores por editoras judaicas. Mas, depois, proibiram até as atividades culturais segregadas. Em 1939, Schocken e Brod foram para Praga, onde publicaram os volumes restantes. Mas estes também são raridades, pois destruídos quando Praga foi ocupada pelos nazistas em março de 1939. Para escapar do Nazismo, Brod fugiu para a Palestina, levando os originais para Tel Aviv. Foram feitas cópias e saiu, enfim, em 1941, a edição Schocken em Nova York, base de todas as edições posteriores e das traduções.

A odisseia dos manuscritos não terminou aí. Temendo a invasão de Israel pelos árabes, quando da crise do Canal de Suez, em 1956, Brod mandou os originais de Kafka para Zurique. Enfim, em 4 de abril de 1961, foram definitivamente depositados na Biblioteca Blodeiana, a principal biblioteca de pesquisa da Universidade de Oxford. Segundo Carpeaux, naquela data, Mariane Steiner, sobrinha de Kafka, nela depositou todos os manuscritos. "Até então tinham sido guardados em cofre de um banco em Zurique. Ali os tinha depositado o editor Salman Schocken, em 1956, quando no momento da crise do Suez não pareciam bastante seguros na Schocken Library em Jerusalém. Quem os tinha confiado a essa biblioteca foi o próprio Brod quando devia, em 1939, fugir de Praga, ocupada pelos nazistas". (*O silêncio de Kafka*).

Brod faleceu em 1968, em Tel Aviv, ficando seus bens para Esther, que passou a vender parte deles e também os transferiu às filhas. Esther faleceu em 2007. Em 2008, a maior parte foi colocada em cofres de Israel e da Suíça (Zurique) até o fim da ação proposta pela Biblioteca Nacional de Israel ao saber que um testamento de Brod doava tudo à instituição, antes chamada Biblioteca da Unidade Hebraica em Jerusalém. A BNI ganhou a ação em 2012, Eva apelou, perdendo novamente em 2015, indo a causa à Suprema Corte, que deu o último veredito em 7 de agosto de 2016, confirmando as decisões anteriores.

Toda a obra escrita em alemão

Kafka [gralha, em tcheco] não pode ser apropriadamente considerado escritor tcheco, mas, sim, de cidadania tcheca, pois, ao nascer, em 1883, a Tchecoslováquia ainda não existia, surgindo somente seis anos antes de sua morte, ocorrida em 1924. Na época, Praga era a capital e maior cidade de uma província da Áustria, a Boêmia, que pertencia ao Império Austro-Húngaro. Assim, na maior parte de sua vida, foi cidadão austríaco, da Boêmia, ou seja, boêmio. Além disso, escreveu toda a sua obra em alemão, não em tcheco ou em iídiche, o idioma das comunidades judaicas da Europa central e oriental. Em 1º de janeiro 1993, a Tchecoslováquia se dividiu, pacificamente, em duas nações independentes,



Franz Kafka

a Eslováquia e a República Tcheca, esta com duas regiões, Boêmia e Morávia (*Europa. Guia visual. Folha de S. Paulo*; Carpeaux, obras citadas).

É de Praga. Publicou uns contos que ninguém entende.

Se Kafka é lido hoje em todo o mundo, diz Carpeaux, “em vida foi um desconhecido: fui testemunha disso e posso contar a história. Foi em 1921, em Berlim”. Estudante universitário, sonhava com uma carreira literária. Nos anos 1920, Berlim era o centro de todas as vanguardas, “uma boêmia meio maluca tinha como ponto de reunião o *Café Romântico*, de atmosfera poluída pelo excesso de fumo (...)” Algumas mesas estavam sempre reservadas por escritores já famosos, ninguém delas se aproximava sem convite especial, necessário também para as tardes de domingo no apartamento de um ou de outro, “no bairro boêmio mas elegante de *Bayrischer Platz*. E numa dessas tardes cheguei a conhecer pessoalmente Franz Kafka”, numa rara vez em que foi convidado. Meio perdido no meio daquela gente, retirou-se para um canto da janela, “já ocupado por um rapaz franzino, magro, pálido, taciturno. Eu não podia saber que a tuberculose da laringe, que o mataria três anos mais tarde, já lhe tinha embargado a voz.

Apresentou-se: “Kauka”. Não entendi. Perguntei: Como é o nome? Repetiu: “Kauka”. Não sabia eu outra coisa para dizer: “Muito prazer”. OLHO. Ao sair do apartamento, perguntei a um amigo: Quem é aquele rapaz magro com a voz rouca? Respondeu: “É de Praga. Publicou uns contos que ninguém entende. Não tem importância”.

“Kafka [gralha, em tcheco] não pode ser apropriadamente considerado escritor tcheco, mas, sim, de cidadania tcheca, pois, ao nascer, em 1883, a Tchecoslováquia ainda não existia, surgindo somente seis anos antes de sua morte, ocorrida em 1924.”

“Foi uma das maiores burrices de minha vida”

O crítico observou que esse desconhecimento total da significação de Kafka continuava cinco anos depois, quando voltou a Berlim para cobrar pelo trabalho prestado à editora Die Brucke. Enquanto esperava ser atendido, viu num cantinho *“um montão de livros, todos iguais. Tirei um volume. Abri: O processo, romance de Franz Kafka. Distraído, comecei a ler sem prestar muita atenção”*. O diretor bateu-lhe nas costas: *“Pagar não posso, meu querido, dizia ele, mas se você quiser, pode levar, em vez de pagamento, este volume e, se quiser mesmo, a tiragem toda. O Max Brod, que teima em considerar gênio um amigo dele, já falecido, me forçou a editar esse romance danado. É uma droga. Estamos em graves dificuldades financeiras. Nem sequer vendi três exemplares. Pode levar a tiragem inteira. Não vale nada”*.

“Fiquei aflito, diz Carpeaux. Tinha esperado um pagamento de 130 marcos, e o homem me quer dar de presente seu encalhe. Agradei firmemente e amargurado. Mas levei comigo aquele volume que já tinha aberto. Foi uma das maiores burrices de minha vida. Toda aquela tiragem foi vendida como papel de embrulho. Um exemplar da primeira edição de O processo é hoje uma raridade bibliográfica. Nos Estados Unidos paga-se mil dólares por um livro desses, ou mais. Se eu tivesse aceito o presente, seria hoje milionário”.

Três irmãs, ex-amante e ex-noiva assassinadas

Kafka teve três irmãs – Valerie (Valli), Gabriele (Elli) e Ottla ou Ottilie, todas mais novas do que ele e assassinadas em campos de concentração durante a ocupação nazista em 1942/1943. Também sua ex-amante, Milena Jesenská, intelectual, tradutora, morreu em campo de concentração, o de Ravensbruck. O mesmo destino teve a ex-noiva Julie Wohryzek, morta em Auschwitz em 1944. [Otto Brod, irmão de Max, e sua família também foram assassinados pelos nazistas]. Sem a morte prematura, este também poderia ser seu destino.

Três noivados, nenhum casamento

Ficou noivo três vezes, duas de Felice Bauer, parente distante de Brod. Correspondeu-se com Felice durante cinco anos. Também firmou compromisso com Julie Wohryzek. Com Milena, correspondeu-se durante quase um ano. Mas não se casou com nenhuma, nem teve filhos. *“Nos seus instantes finais, a figura deificada de Milena dominava, soberanamente, o seu mundo”*, observa Torrieri Guimarães, tradutor e prefaciador de *“Cartas a Milena”*. Em toda a sua vida, conviveu apenas com uma mulher, por seis meses, na fase final: Dora Diamant. A ele se atribuem relações amorosas com outras quatro mulheres, além de contatos sexuais com prostitutas, afirma o biógrafo Reiner Stach. Apaixonou-se por Margareth Kirchner, de 16 anos, filha do zelador da casa-museu de Goethe, em Weimar, Alemanha, ao visitar a casa em 1912, com Max Brod.

“Perfeccionista, Kafka renegava a maior parte dos seus escritos. No entanto, não era “kafkiano”, escreveu Brod no livro *O círculo de Praga: ‘A feia palavra kafkiano é uma invenção’*. Kafka a combatia com a maior violência.”

Confessava não ter vocação para o matrimônio. Achava que lhe prejudicaria a carreira literária. Na *Carta ao pai*, de 50 páginas, escrita aos 36 anos e nunca entregue, acusou-o de lhe dar educação opressora, de menosprezar sua condição de escritor, de desaprovar seu projeto de casamento. Afirmou que tinha medo dele. Trabalhou mais de dez anos, como advogado, no Instituto de Seguros Contra Acidentes do Trabalho. O pai fundou uma fábrica de amianto, fazendo-o trabalhar como sócio de um cunhado, marido de Elli. Em 3 de outubro de 1911, anotou no *Diário* que tudo nele *“estava pronto para o trabalho literário; um trabalho que seria para mim uma solução divina e que me faria verdadeiramente vivo”* (...). Revelou grande competência no escritório. Lamentava muito o tempo desviado da literatura. *“Tudo o que não é literatura me aborrece”*.

Brod: “Kafkiano era o que Kafka não era”

Perfeccionista, Kafka renegava a maior parte dos seus escritos. No entanto, não era “kafkiano”, escreveu Brod no livro *O círculo de Praga*: “A feia palavra kafkiano é uma invenção”. Kafka a combatia com a maior violência. “Kafkiano é o que ele não era. Ele amava o natural, o puro, o bom e o construtivo, não o sinistro-esquisito, o desesperançado, não o estranho que ele sempre percebe e registra como comum no mundo e incorpora com humor o sombrio sem fazer dele seu foco em lugar algum”.

Max Brod e Kafka eram amigos íntimos desde estudos de Direito. Ele se casou, com Elsa, com quem viveu 29 anos, até a morte dela, em Tel Aviv. Balint afirmou que, “mesmo em Praga, o casamento era assolado pelo ímpeto mulherengo de Brod” e que Ernest Pawel, biógrafo de Kafka, disse que Brod era “formalmente casado e informalmente promíscuo”. Falecida Elsa, ele se uniu a Ilse Hoffee, 22 anos mais nova, sua secretária e amiga íntima por 26 anos. Sugeriu-lhe adotar outro nome, hebraico, Esther. Este caso de amor entre dois exilados em Tel Aviv em parte explica a junção dos manuscritos do acervo literário dos dois escritores.

Brod e Kafka viajavam juntos por cidades europeias, o primeiro cuidando da edição dos livros de Kafka e dos dele e apresentando a editores o então obscuro escritor. Em viagem a Paris e Itália, combinaram escrever um romance de viagem a quatro mãos, *Richard Y Samuel*, mas se este não passou do primeiro capítulo, pelas divergências, no mercado das raridades bibliográficas é altamente valorizado.

A casinha do Beco do Ouro, 22

Solteiro, vivendo com os pais e as irmãs – menos no ano final da vida, quando teve como companheira Dora Diamant –, Kafka não dispunha de espaço nem de ambiente tranquilo em casa para escrever. Por isso, durante o inverno de 1916/1917, a caçula e sua irmã favorita, Otlla, encontrou para ele uma das casas pequeninas do Alchymistengasse [*Beco dos Alquimistas*] ou Zlatá ulícka [*Beco dourado ou Viela dourada*]. O biógrafo Gérard-Georges Lemaire observou que Otlla “soube metamorfosear esse buraco de toupeira sujo e empoeirado em um lugar agradável para escrever em total quietude. Até fevereiro de 1917, Kafka pode aproveitar a calma e o silêncio da noite, antes de ir dormir em sua casa, para redigir



um certo número de relatos. Estes constituirão, na essência, a coletânea *Um médico rural*”.

Com cores diversas, as casinhas foram construídas no final do século XVI, nos muros do Hradschin, o famoso Castelo de Praga, para moradia dos seus guardiões. Ocuparam-nas, ao longo dos séculos, alquimistas, ourives, desabrigados, mendigos, delinquentes. Transformaram-se nas pequenas lojas de souvenirs do beco. Há anos entramos na loja da Casa 22, de cor azul, a que fora ocupada por Kafka, impressionando-nos seu tamanhinho. Já ao Franz Kafka Museum não tivemos acesso. Apressados, atravessamos o rio Moldava pela ponte Carlos, mas, embora faltassem alguns minutos para fechar, a visita já terminara. Restou-nos fotografar o duplo K do monumento na frente do museu, um ligado ao outro, assim: KK.

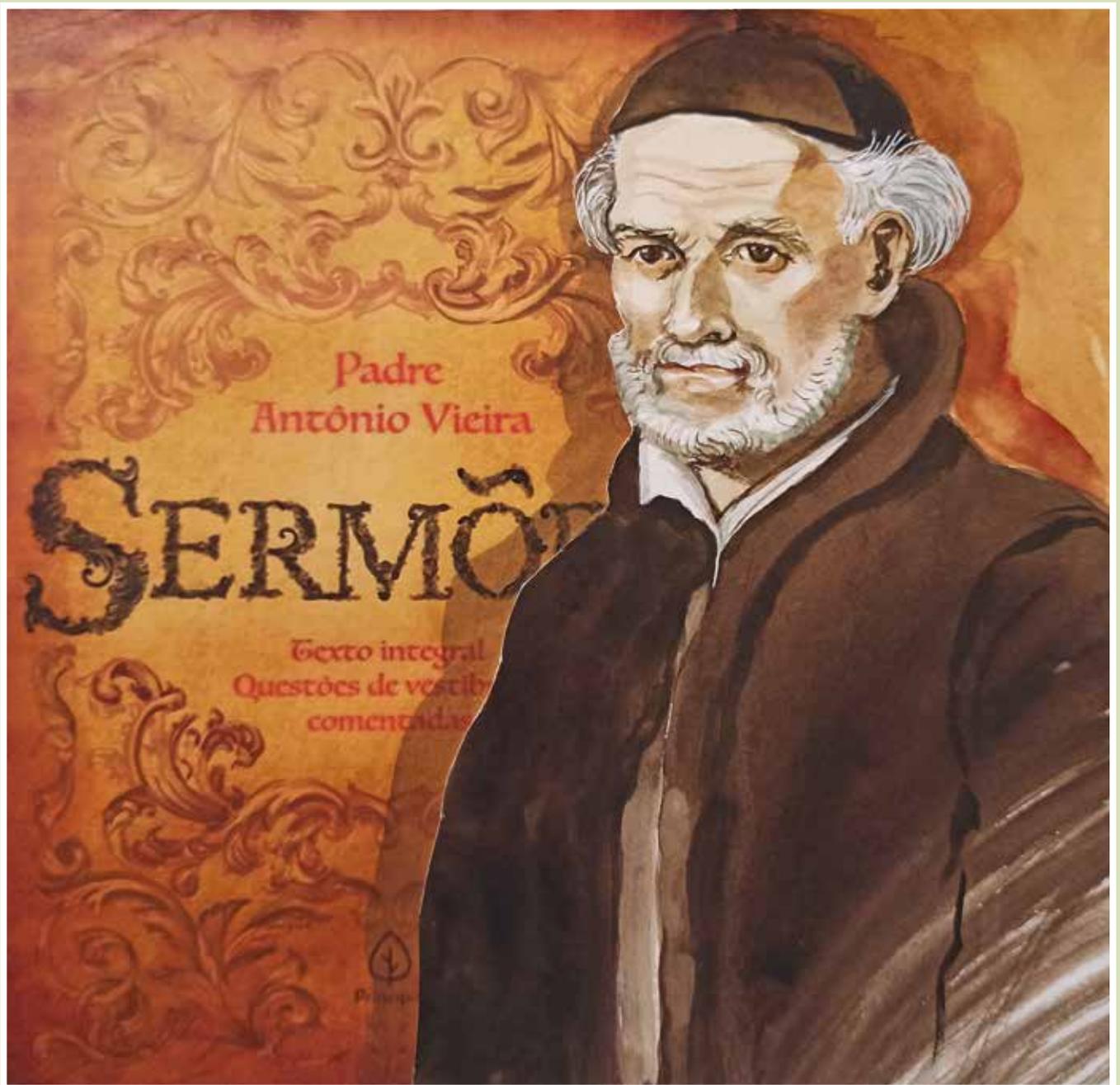
Referências bibliográficas

OBRAS DE KAFKA

- *O processo*. Tradução e prefácio de Torrieri Guimarães. São Paulo: Edições de Ouro, s/d;
- *O castelo*. Tradução e prefácio de Torrieri Guimarães. São Paulo: Edições de Ouro, s/d;
- *A metamorfose (e) O veredicto*. Tradução e prefácio de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001, reimpressão em 2019;
- *Carta ao pai*. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997;
- *Diários: 1909-1923*, tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2021;
- *Cartas a Milena*. Tradução e prefácio de Torrieri Guimarães. São Paulo: Edições de Ouro, s/d.

OUTRAS

- Benjamin Balint. *O último processo de Kafka: a disputa por um legado literário*. Tradução de Rodrigo Breunig, 1ª ed., Porto Alegre: Arquipélago, 2021;
- Otto Maria Carpeaux. *O silêncio de Kafka*, em *Ensaio reunidos – 1946 – 1971*, volume II. Prefácio de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: UniverCidade/Topbooks Editora: 2005;
- Otto Maria Carpeaux. *O castelo – de Franz Kafka*, em *As obras-primas que poucos leram*, volume 1, organização de Heloísa Seixas. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005;
- Reiner Stach. *Kafka. Los anos de las decisiones*, tradução de Carlos Fortea. Madrid: Siglo veinteuno de España editores, s.a. Madrid: abril de 2003;
- Gérard-Georges Lemaire. *Kafka*, tradução de Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre, L&PM, 2006;
- *Europa. Guia visual - Folha de S.Paulo*. Publifolha - Divisão de Publicações da Folha de S.Paulo, 1ª impressão da 4ª. ed. brasileira: 2007.



Padre Vieira, imperador da língua portuguesa

Rogério Medeiros Garcia de Lima
Desembargador do TjMG

Este artigo aborda a vida e obra do Padre Antônio Vieira, grande vulto da história luso-brasileira. Consagrou-se como missionário, pregador, pensador e político.

O poeta português Fernando Pessoa o considerava “imperador da língua portuguesa”⁽¹⁾, o que não impediu que, em 2020, sua estátua fosse vandalizada em Lisboa.

Vivemos tempos estranhos, no Brasil e no mundo. O ódio se espalha – nos lares, escolas, universidades, trabalho, mídia e redes sociais. As pessoas verbalizam e agem sem racionalidade. Daí a importância de melhor conhecer o notável jesuíta, no contexto da época em que viveu.

Nascimento e infância

Antônio Vieira nasceu em Lisboa, no dia 6 de fevereiro de 1608, em uma casa da Rua dos Cônegos, perto da Sé da capital portuguesa. Era filho de Cristóvão Vieira Ravasco, um santareno de família alentejana, e Maria de Azevedo, lisboeta:

“Apesar dos bons desejos do Padre André de Barros, primeiro biógrafo de Vieira, para lhe nobilitar a família antes de que, por influência do mais ilustre membro dela, D. João IV a tivesse aproximado da nobreza, elevando Cristóvão Ravasco à dignidade de moço da câmara, ela era de modesta burguesia, nem sequer havendo recebido da Fortuna proveitos em suprimento das honras que lhe faltavam. Burguesia modesta e mesclada de sangue africano. O avô de Vieira, criado, como o filho Cristóvão, da Casa dos Condes de Unhão, enamorara-se de uma serviçal mulata da mesma casa, de onde, por tais amores, ambos foram expulsos. O casamento sagrara e fizera esquecer tal turvação.”⁽²⁾

Mudança para o Brasil

Em 7 de março de 1609, foi regulamentada a criação do Tribunal da Relação da Bahia.⁽³⁾ Cristóvão mudou-se para Salvador em 1614, onde assumiu o cargo de escrivão. Trouxe a família em 1618.

Antônio estudou no Colégio dos Jesuítas. A princípio – ele próprio afirmou – não se revelava um aluno inteligente⁽⁴⁾ Segundo o historiador João Lúcio de Azevedo, o menino “compreendia mal, decorava a custo, fazia com dificuldade as

composições”. Porém, persistia nos estudos e rezava muito para Nossa Senhora das Maravilhas.

Um dia, enquanto orava, “sentiu como estalar qualquer cousa no cérebro, como uma dor vivíssima, e pensou que morria; logo o que parecia obscuro e inacessível à memória, na lição que ia dar, se lhe voltou lúcido e fixo na retentiva. Deu-se-lhe na mente uma transformação de que tinha consciência. Chegado às classes pediu para argumentar e com pasmo do mestre venceu a todos os discípulos”.⁽⁵⁾

Esse episódio se tornou conhecido como o “estalo de Vieira”.

Ingresso na Companhia de Jesus

Vieira ingressou na Companhia de Jesus, como noviço, em 1623.⁽⁶⁾

Os primeiros jesuítas haviam desembarcado na Bahia em 1549. Até a sua expulsão de Portugal e respectivas colônias, em 1759, pelo Marquês de Pombal, foram uma das forças mais ativas na conquista e colonização do Brasil. Era uma época de intolerância religiosa e etnocentrismo. Vivia-se a Contrarreforma:

“Os jesuítas lutaram contra a escravização dos indígenas, mas o plano de catequização que puseram em prática – e a consequente concentração dos índios em aldeamentos ou ‘missões’ – não apenas resultou em tragédia, em razão dos graves surtos de doenças infecciosas, como facilitou a ação dos escravagistas. Os próprios jesuítas, o padre Nóbrega à frente, tinham escravos e acreditavam na doutrina aristotélica de povos ‘inferiores’. Para defender os nativos, estimularam o tráfico de africanos. Mas quando a paz que tinham firmado com os Tamoio foi rompida pelos portugueses, os padres nada fizeram.

“(Empenharam-se) em submeter os indígenas aos rigores do trabalho metódico, aos horários rígidos, ao latim, e à monogamia. Combateram o canibalismo, a poligamia e o nomadismo – e, assim, acabaram sendo responsáveis pela destruturação cultural que empurrou para a extinção inúmeras tribos. Por outro lado, foi graças à ação evangélica que a língua e a gramática tupi acabaram sendo registradas e preservadas.”⁽⁷⁾

Decorriam quase trinta anos desde que Martinho Lutero pregara as suas 97 Teses na porta da igreja de Wittenberg, em outubro de 1517:

“Três décadas de perplexidade e inquietude haviam abalado a Igreja Católica Apostólica Romana.”

“Três décadas de perplexidade e inquietude haviam abalado a Igreja Católica Apostólica Romana. A reação se iniciou no inverno de 1545, com a instalação do Concílio de Trento e o recrudescimento da Inquisição. E tão logo a ‘ortodoxia’ do catolicismo se acentuou, qualquer atividade intelectual que buscasse novos ares e maiores liberdades individuais poderia ser vista (ou deliberadamente confundida) com a ‘heterodoxia’ luterana – e duramente reprimida.”⁽⁸⁾

Inácio de Loyola, nascido em 1491, na Espanha, era soldado por herança e vocação. Abandonou a carreira das armas quando, convalescendo de um ferimento recebido na guerra entre Espanha e França, leu sobre vida de Cristo:

“Apesar de manco, tornou-se um peregrino incansável. Em 1539, depois de ter ido à Terra Santa e de ser duas vezes preso pela Inquisição, decidiu fundar a Companhia de Jesus. Estabeleceu um núcleo militarizado para a ordem, que imaginou como um grupo de combate à Reforma Luterana. O Brasil tornou-se a primeira província além-mar da Companhia. Morto em 1557, Loyola foi canonizado em 1622.”⁽⁹⁾

Antônio Vieira foi ordenado sacerdote em 10 de dezembro de 1634:

“la encontrar, sob a roupeta inaciana, na cadeira de pregador, nas andanças de político e diplomata, condições que, se nem sempre sem traves de amargas decepções, jamais deixaram de lhe propiciar a plena realização das suas possibilidades. Liberdades de palavra, liberdades de pensamento, liberdades de ação, ninguém no seu tempo as exerceu e gozou mais largas.”⁽¹⁰⁾

Missionário e professor

Em 1627 – antes, portanto, da ordenação sacerdotal – tornou-se professor de Retórica, em Olinda.

Atuou como missionário junto aos índios, quando já exibia sua aptidão para a escrita e a oratória:

“Compreende-se com que prazer deixaria a cátedra pelas missões, substituiria a palavra que é crepitação inútil de lantejoulas do engenho, pela palavra que é fogo de alma irradiante. Não lhe são necessárias as noções de física ou astronomia do tempo; basta-lhe o contato com a natureza e a capacidade de observação que demonstrará, por exemplo, na admirável descrição dos costumes das tartarugas.”⁽¹¹⁾

Foi Visitador da Província, quando pregava aos novos religiosos:

“Procurava transmitir o seu próprio fogo, ainda não apagado, aos jovens que o escutavam.

“Evocava certamente os seus entusiasmos apostólicos de moço, ao dizer:

‘E espero eu dos que saírem deste nosso (Colégio) também real – teólogos, filósofos e humanistas – que, quando chegarem ao Grão-Pará e rio das Amazonas, e virem naquela imensa universidade de almas, espero, digo, do seu espírito e ainda do seu juízo, que, esquecidos das ciências que cá deixam, se apliquem todos à da conversão. Quando o filho de Deus fez a sua missão a este mundo, a que ciência entre todas aplicou a sua sabedoria infinita? – Ad dandam scientiam salutis plebi ejus: À ciência somente da salvação, e essa ensinada não aos grandes do mundo, senão à plebe; aos mais baixos, aos mais despreparados, aos mais pobres, aos mais miseráveis, que são aquelas desamparadas gentes. E à vista deste exemplo verdadeiramente formidável, quem haverá que queira ser graduado em outra ciência?’⁽¹²⁾

Político, amigo do Rei

Antônio Vieira sacramentou Portugal como nação eleita para estabelecer o Império de Deus na Terra, com o retorno do Messias. Sacralizou a dinastia dos Bragança e estabeleceu *“ponderações agudas e misteriosas entre o ritual católico e a monarquia absoluta, definida como instrumento da divindade”*⁽¹³⁾

Envolveu-se em questões éticas, políticas, econômicas, religiosas e jurídicas, que agitaram interna e externamente a sociedade portuguesa.⁽¹⁴⁾

Adquiriu fama e poder como pregador da Capela Real, conselheiro e confessor do Rei D. João IV (1640-1656) e da rainha D. Luísa de Gusmão. Ocupava-se fundamentalmente dos temas da Restauração:

“No que se refere ao Brasil, seu maior objetivo é a restauração de Pernambuco, dominado pelos holandeses do Stadtholder Maurício de Nassau.”⁽¹⁵⁾

Com efeito, dois eventos históricos impactaram a época em que viveu o Padre Vieira: a) a chamada União Ibérica, anexação de Portugal pela Espanha entre 1580 e 1640, e b) as invasões holandesas no nordeste do Brasil, vinculadas à União Ibérica e à guerra de independência que as Províncias Unidas dos Países Baixos moveram contra a Espanha. Houve intensa hostilidade entre os invasores flamengos e os padres jesuítas.⁽¹⁶⁾

Considerada a vulnerabilidade de Portugal na Europa, o Padre Vieira propôs a D. João IV a transferência do Reino para os trópicos brasileiros.⁽¹⁷⁾ Essa ideia viria a se concretizar em 1808, com a fuga da Família Real Portuguesa para o Brasil durante a invasão da Península Ibérica pelas tropas francesas de Napoleão Bonaparte.

Outra ousada iniciativa de Vieira foi o projeto de assimilação dos judeus em Portugal:

“Amigo e conselheiro do rei João IV, traçou um plano de recuperação econômica do país, baseado no desenvolvimento mercantil, na criação de um banco e de duas companhias comerciais, segundo o modelo holandês. A ideia era suficientemente inovadora para ser combatida pela nobreza receosa da perda de privilégios; mas o que lhe valeu mesmo o ódio de muitos inimigos foi a abolição das distinções entre cristãos velhos e cristãos-novos: na prática, drástica restrição dos poderes da Inquisição.”⁽¹⁸⁾

Sebastianismo no Brasil

O sebastianismo é uma antiga crença arraigada na cultura portuguesa. Surgiu após o desaparecimento do rei D. Sebastião, na batalha de Alcácer Quibir, em 1578:

“Sua definição tem desafiado há séculos escritores e historiadores. De forma geral, o sebastianismo esteve associado, desde fins do século XVI, à fé na volta de um rei salvador que viria resgatar o reino português das mãos dos castelhanos e restaurar a honra e a soberania perdidas depois da anexação de Portugal a Castela, em 1580. E, de fato, a difusão e o fortalecimento da crença sebástica, quer na versão das classes letradas, quer nas representações populares, tiveram papel importante na Restauração portuguesa ocorrida em 1640.

“(…) Essa história ou lenda indica duas características essenciais do mito do Encoberto: ele emerge sempre em contextos de crise e de derrota; ele está profundamente marcado pela luta do bem contra o mal e, no caso da Europa cristã, pela expectativa de vencer o anticristo e salvar a humanidade das garras do infiel – no caso, o muçulmano. Além disso, a espera de um rei Encoberto carrega a mensagem nostálgica de retorno a um tempo de glória, fartura e felicidade.”⁽¹⁹⁾

Em Trancoso, Gonçalo Anes Bandarra, modesto sapateiro português, escreveu umas trovas que o tempo havia de tornar célebres:

“Era um homem rude (‘próprio para ovelheiros’, diz um auto do Santo Ofício), que se metera a ler a Bíblia em português e mantinha contatos com os cristãos-novos, a quem recorria para que lhe explicassem as passagens que não entendia. Misturando

confusas citações da Bíblia, reminiscências de poesia popular tradicional, mitos espanhóis (o Encoberto, a que faz alusão, é um mito ligado à revolta das comunidades espanholas de 1520-1522), profecias que andavam de boca em boca, vestígios de lendas do ciclo arturiano, críticas sociais à corrupção e à prepotência dos grandes, compôs uma espécie de auto pastoril profético, que era inicialmente um protesto contra a doação da vila ao infante irmão do rei.

“(…) A morte de D. Sebastião em condições misteriosas em breve veio dar nova acepção às trovas do sapateiro. O rei morreu durante a batalha, mas ninguém afirmava tê-lo visto morrer, embora muitos o tivessem visto já depois de morto. (...)

“As profecias do Bandarra passaram então a ser lidas com olhos diferentes: o Messias cujo regresso anunciavam era D. Sebastião. O público leitor já não é formado só pelos cristãos-novos, mas por nobres saudosistas. Versões sucessivas foram adaptando a redação ao seu novo sentido, de tal modo que a restauração de 1640 pareceu trazer a confirmação das trovas.”⁽²⁰⁾

O sebastianismo foi transplantado para o Brasil

“Na Ilha dos Lençóis, localizada no litoral do Maranhão, uma das figuras mais cultuadas não é um político que mudou a realidade do local ou um artista de sucesso que divulgou sua terra natal para o Brasil. Jovens e adultos costumam celebrar a presença abstrata do Rei Sebastião, o protetor das terras, mares e areias de Lençóis. Lá, o homem que morreu por Portugal na batalha de Alcácer-Quibir, Marrocos, em 1578, é tido como um pai para os nativos e até aparece para eles, montado em um cavalo, na praia ou nas dunas, mostrando que zela pelo local. De-

“Antônio Vieira
sacramentou
Portugal como
nação eleita para
estabelecer o
Império de Deus na
Terra, com o retorno
do Messias.”

talhe: na Ilha dos Lençóis, não há equinos. Misturando história com religião e misticismo, os moradores, ou melhor, os Filhos do Rei Sebastião, como se autodenominam, são adeptos do Sebastianismo, mesmo sem saber direito a origem da lenda".⁽²¹⁾

Em pleno século 21, o Brasil ainda espera um salvador da pátria...

O ideólogo do Quinto Império

O Padre Antônio Vieira era "baluarte ideológico" de D. João IV:

"Transformara o sebastianismo, ou a esperança do regresso de D. Sebastião, no restauracionismo, tentando mover o povo à aceitação do novo monarca, como se fosse este o predito nas profecias".⁽²²⁾

Estava convencido da importância do povo português no processo missionário de expansão do Evangelho. Com as grandes navegações, a Cristandade poderia cumprir suas pretensões universais e o Evangelho poderia ser levado a todas as gentes e a todas as raças:

"Na base do messianismo português, dos quais um dos maiores representantes foi o padre Antônio Vieira, encontram-se, segundo a opinião de Raymond Cantel, as esperanças cristãs e judaicas da época, assim como as esperanças políticas truncadas pela perda da independência.

"O messianismo cristão de Vieira, de base milenarista, começa a tomar forma com a Restauração de D. João IV. Convenido do papel histórico de povo português, aceita, sem duvidar, a nova versão do credo nacional, que se adaptava às novas circunstâncias da Restauração e que identificava 'o encoberto' com o duque de Bragança.

"Segundo o comum da crítica, Vieira concebeu a ideia de escrever a História do futuro durante as suas viagens diplomáticas à Holanda e, especialmente, nas suas conversações com os rabinos e judeus de Amsterdam, embora, como é sabido, tenha redigido esta obra inacabada durante o processo que a Inquisição moveu contra ele. Esta grande obra profética devia tratar, fundamentalmente, da legitimidade das esperanças na instauração do Quinto Império. A nação portuguesa trazia, para Vieira, o povo eleito para instaurar e dirigir o Império de Cristo na terra, o Quinto Império profetizado por Daniel. Este império, iniciado com o nascimento de Cristo, seria consumado em breve e sucederia ao IV Império, o Romano, que persistia na casa de Áustria.

"Para Vieira, deveria ter essencialmente o caráter que teve em fases anteriores, espiritual e temporal: o poder espiritual estaria representado pelo Sumo Pontífice de Roma e o poder temporal por um príncipe cristão, o rei de Portugal. Este novo estado da Igreja e Reino de Cristo seria perfeito, completo e consumado porque permitiria o encontro e a incorporação das Dez Tribos perdidas de Israel, assim como a conversão de todos os hereges, judeus e pagãos à fé de Cristo".⁽²³⁾

“A nação portuguesa trazia, para Vieira, o povo eleito para instaurar e dirigir o Império de Cristo na terra, o Quinto Império profetizado por Daniel.”

Vítima da Inquisição

Em meio aos conflitos dos jesuítas com colonos no Maranhão, Vieira teve de retornar a Portugal.

O Tribunal do Santo Ofício queria inquiri-lo sobre as profecias baseadas nas Trovas do Bandarra, publicadas em carta para o bispo do Japão:

"(Vieira) estava vencido e derrotado em toda a linha. (...) Em 1663, transferiu-se do Colégio do Porto para o de Coimbra, onde ficou recluso. No final de maio, foi notificado de que devia comparecer ao Tribunal do Santo Ofício. A principal acusação era o fato de tratar as Trovas como texto canônico. Mas havia outras razões, secretas, que se acumulavam desde os tempos de suas primeiras viagens à França e à Holanda. Depois de cinco anos e meio de humilhações, sofrimentos físicos e saúde precária, a sentença foi proferida. Não sairia em auto-de-fé porque se retratara de todos os seus erros, mas teria de ouvir a sentença frente aos inquisidores e outros religiosos e autoridades".⁽²⁴⁾

A sentença o proibiu de pregar e o manteve recluso no colégio. Em 1668, as penas foram perdoadas, exceto a que o vedava tratar de assuntos heterodoxos. Em 1669, Vieira foi para Roma. Em 1675, o papa Clemente IX concedeu-lhe um breve que o livrava do tribunal e o absolvía de todas as restrições e penas. Retornou a Lisboa, mas não foi acolhido pela Corte portuguesa:

“Ainda acreditava ser capaz de influenciar a Corte em favor dos cristãos-novos contra a Inquisição, quarta entidade que, sem ser fome, peste nem guerra, causava calamidades igualmente lastimosas no comum e particular do reino, como escreveu em 1690 ao conde de Castelo Melhor. Mais uma vez, sem sucesso. D. Pedro o ignorou, mantendo-o a distância. Quando voltou para o Brasil, em 1681, era a sétima e última vez que atravessava o Atlântico. (...)”

“Em agosto de 1681, o papa restabeleceu a Inquisição em Portugal. Nesse ano e no seguinte, muitos comerciantes cristãos-novos foram presos. Em 1682, D. Pedro patrocinou em Lisboa um grande auto-da-fé, para o qual foram levados prisioneiros de outras cidades de Portugal. Em Coimbra, estudantes arruaceiros queimaram um boneco vestido de jesuíta, declarando que era Vieira, judeu vendido para judeus. Em 1681, ele tinha retornado para a Bahia, ‘deserto’, ‘desterro’, ‘purgatório’, como tantas vezes repete nas cartas que escreveu da Quinta do Tanque, uma chácara onde os jesuítas aclimatavam plantas da África e da Ásia em Salvador. (...)”

“Em 1694, em uma carta geral para a nobreza de Portugal, Vieira se havia despedido do grande teatro do mundo. Ressuscitado das cinzas de Coimbra, ainda retocaria a arte de morrer até 17 de julho de 1697, esperando o favor real, que nunca veio.”⁽²⁵⁾

“Nas sete vezes em que atravessou o Oceano Atlântico, Vieira enfrentou viagens marítimas muito arriscadas, como eram todas naquele tempo.”

Pregações em pleno naufrágio

Nas sete vezes em que atravessou o Oceano Atlântico, Vieira enfrentou viagens marítimas muito arriscadas, como eram todas naquele tempo. Em 1654, depois de proferir o célebre Sermão de Santo Antônio aos Peixes, em São Luís, Maranhão, ele partiu para Lisboa, onde iria defender, na Corte, os direitos dos indígenas escravizados pelos colonos portugueses:

“Após cerca de dois meses de viagem, já à vista da ilha do Corvo, a Oeste dos Açores, abateu-se sobre a embarcação uma violenta tempestade. Mesmo recolhidas as velas, à exceção do traquete, correndo o navio à capa, uma rajada mais forte arrancou esta vela, fazendo a embarcação adernar a estibordo. Em pleno mar revolto, na iminência do naufrágio, o padre concedeu a todos absolvição geral, bradando aos ventos:

‘Anjos da guarda das almas do Maranhão, lembrai-vos que vai este navio buscar o remédio e salvação delas. Fazei agora o que podeis e deveis, não a nós, que o não merecemos, mas àquelas tão desamparadas almas, que tendes a vosso cargo; olhai que aqui se perdem connosco.’

“Após essa exortação, obteve de todos a bordo um voto a Nossa Senhora de que lhe rezariam um terço todos os dias, caso escapassem à morte iminente. (...)”

“Entre os sermões que pregou, em diversos locais da Ilha (Terceira), destacou-se o que proferiu na Igreja da Sé, na Festa do Rosário, celebrada anualmente a 7 de outubro, com aquele templo repleto.

“Uma semana mais tarde, Vieira passou à Ilha de São Miguel, onde proferiu o sermão de Santa Teresa, um dos mais destacados de sua autoria. Dali partiu para Lisboa, a bordo de um navio inglês, a 24 de outubro. Após atravessar nova tempestade, o religioso chegou finalmente ao destino, em novembro de 1654.”⁽²⁶⁾

O orador do Barroco

Segundo o historiador israelense Yuval Noah Harari, “o *Homo sapiens* conquistou o mundo, acima de tudo, graças à sua linguagem única”.⁽²⁷⁾

Mário Gonçalves Viana, ao comentar a oratória do Padre Antônio Vieira, anotou:

“Há oradores que têm conseguido modificar o rumo da História, dominando multidões ensandecidas e desvairadas, ou encaminhando para o bem as almas transviadas. É por isso que Alves Mendes, um dos mais belos ornamentos do púlpito português, procurou definir a oratória nos seguintes termos entusiásticos e vibrantes: ‘A oratória é a rainha das artes, o orador rei dos artistas, escrevi eu algures e repito-o agora. A oratória é arte soberana; o seu império é o mundo, o seu cetro a palavra, que não só domina o mundo, mas criou o mundo; porque para haver mundo houve palavra. (...)’ A palavra, que traduziu a força da onipotência divina, revela e traduz a máxima força humana, instrui e constrói, vence e convence, alumia e extasia, move e comove, afama e infama, reforma e transforma; evangeliza a ciência, que é um prodígio, e difunde a Religião, que

é um milagre. (...) O orador planeja como o arquiteto, cinzela como o estatuário, matiza como o pintor, canta como o músico, fantasia como o poeta, pensa como o filósofo, argumenta como o dialético, batalha como o guerreiro, representa como o ator, adentra-se como o ginasta, impõe-se como o moralista e abnega-se como o apóstolo. Sobe à tribuna, à cátedra, ao púlpito; fala, galvaniza, arrebatava; encarna no seu verbo toda a sua alma e funde nesta alma toda uma assembleia: chama-se Demóstenes, Ésquines, Hortênsia, Cícero, Crisóstomo, Bossuet, Vieira, Mirabeau, Castelar, José Estevão e Fontes”.⁽²⁸⁾

A oratória de Vieira se insere na arte Barroca:

“No entender de alguns, o Barroco tornou-se a arte da Contrarreforma, visto as características básicas do movimento estético servirem aos desígnios doutrinários e pedagógicos da Igreja na luta antirreformista. A Contrarreforma teria absorvido a estética barroca, fazendo dela uma espécie de estratégia de sua ação catequizadora, de onde o caráter pragmático assumido pelas expressões da arte literária barroca, particularmente as em prosa. (...)”

“O Padre Antônio Vieira é a maior personalidade, humana e cultural, dessa época, à qual sua estatura invulgar deu nível e da qual serviu de símbolo perfeito. Com efeito, nele se encontram reunidas, formando estranho compósito, as linhas de força que constituem o complexo quadro do Barroco português”.⁽²⁹⁾

Por fim, enalteceu Hernâni Cidade:

“Na catequese dos índios, como nas disputações das aulas, como na redação da Charta Annua, uma grande aptidão ia se revelando – o domínio da palavra oral e escrita e, por ela, o domínio das almas que a fascinação do símbolo plástico ou pintoresco, a precisão e vivacidade do termo próprio, a clareza da frase tímida de sentido, cada vez melhor subjugavam.

“Ei-lo preparado para os destinos reclamados pelo seu temperamento. Sublimava-os deste modo, em ânsia de apostolado e defesa de índios e judeus, primeiro na ampla ilimitação do sertão e das selvas, depois nas intrigas da corte, o que era fundamentalmente impetuosa tendência à expansão da própria personalidade, pela influência, pela luta, pela conquista.

“Compreende-se com que prazer deixaria a cátedra pelas missões, substituiria a palavra que é crepitação inútil de lantejoulas do engenho, pela palavra que é fogo de alma irradiante. Não lhe são necessárias as noções de física ou astronomia do tempo; basta-lhe o contato com a natureza e a capacidade de observação que demonstrará, por exemplo, na admirável descrição dos costumes das tartarugas”.⁽³⁰⁾

Pérolas dos Sermões

Selecionei algumas passagens entre os diversos sermões do Padre Vieira:

Guerra x Paz

Alegria parece a guerra de fora; mas quem a experimenta, este conhece bem os trabalhos de uma e o bem da outra; porque assim como na doença se conhece o bem da saúde, e na tormenta do mar o bem da terra, assim não há tempo em que melhor se julgue e entenda o bem da paz, que quando se carece dela.

Riqueza x pobreza

O rico que quer mais do que pode, é pobre; e o pobre que quer menos do que pode, é rico. O rico que quer mais do que pode, é pobre, porque lhe falta o mais que quer; e o pobre que quer menos do que pode, é rico, porque lhe sobeja o mais que pode.

Conselho

A melhor e a pior coisa que há no mundo é o conselho. Se é bom é o maior bem; se é mau é o pior mau.

Palavras x obras

Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras.

Cada um

Cada um é filho do que faz e não é outra coisa.

Vaidade

A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens.

Peixes x aves

Com os voadores tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos meteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes.

Ladrões

Furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse.

Misericórdia

O em que se manifesta a majestade, a grandeza e a glória de vossa infinita onipotência, é em perdoar e usar de misericórdia. Em castigar, venceis-nos a nós, que somos criaturas fracas; mas em perdoar, venceis-vos a vós mesmo, que sois todo poderoso e infinito. Só esta vitória é digna de vós, porque só vossa misericórdia pode pelejar com armas iguais contra vossa justiça; e sendo infinito o vencido, infinita fica a glória do vencedor.

Obra compilada nos últimos anos

Vieira viveu os seus últimos dias na Bahia. Estava decaído e quase cego. Todavia, teve forças para organizar a publicação dos seus Sermões. Faleceu aos 89 anos de idade:

“Em 1681, ao retornar para a Bahia, depois do apogeu e da queda de sua carreira em Portugal, Antônio Vieira descobriu que estava ficando cego. Parecia a derrota final: conselheiro do rei, confessor de rainhas, preceptor de príncipes, agora se via alijado dos jogos políticos do reino, esquecido e desprezado. Seus projetos haviam todos fracassado e a volta ao Brasil podia ser entendida como um melancólico auto-exílio. No entanto, embora a cegueira continuasse avançando até se tornar total, Vieira – austero e longevo – ainda teria dezesseis anos de vida pela frente. E esse período ele usou para dar forma final e editar os quinze volumes com seus 207 sermões. O projeto iria lhe assegurar imortalidade literária e fama internacional ainda em vida. Mesmo que relutasse em separar palavra e ação, vida e obra, a verdade é que Vieira era, acima de tudo, um homem de letras. (...)”

“Vieira morreu em 18 de julho de 1697. Com os óculos do espírito, sabia ‘como o mundo e sua glória são uma farsa de comédia, que passa; um entremez, que se acaba com o riso; uma sombra, que desaparece; um vapor, que se desfaz; uma flor, que se murchou; um sonho, que não tem verdade’.”⁽³¹⁾

Tempos estranhos

Vivemos tempos estranhos. Em 2020, a memória do Padre Vieira foi profanada na capital portuguesa:

“Com a palavra ‘descoloniza’ pintada a vermelho, a estátua do Padre António Vieira, que está instalada no Largo Trindade Coelho, em Lisboa, desde 2017, surgiu vandalizada esta quinta-feira à tarde.

“Isto acontece numa altura em que nos EUA e em alguns países europeus verifica-se uma onda de protestos que tem levado ao derrube de estátuas de figuras associadas a colonizadores e escravagistas, na sequência das manifestações contra a morte do afro-americano George Floyd durante uma violenta detenção policial em Minneapolis.

“Filósofo jesuíta, escritor e orador, o Padre Antônio Vieira (1608-1697) foi uma das maiores personalidades portuguesas do século XVII, destacando-se como missionário no Brasil, tendo sido um defensor dos direitos dos povos indígenas, lutando conta a sua exploração.”⁽³²⁾

“Filósofo jesuíta,
escritor e orador,
o Padre Antônio
Vieira (1608-1697)
foi uma das maiores
personalidades
portuguesas do
século XVII,
destacando-se
como missionário
no Brasil, tendo
sido um defensor
dos direitos dos
povos indígenas,
lutando conta a sua
exploração.”

Laurentino Gomes registrou no seu célebre livro “Escravidão”:

“O padre Antônio Vieira atribuía o comércio de escravos a um grande milagre de Nossa Senhora do Rosário, porque, segundo ele, tirados da barbárie e do paganismo na África, os cativos teriam a graça de serem salvos pelo catolicismo no Brasil. Foi esse o teor da homilia que pregou para uma irmandade de escravos de um engenho na Bahia, em 1633:

‘A mãe de Deus, antevendo esta vossa fé, esta vossa piedade, esta vossa devoção, vos escolheu de entre tantos outros de tantas e tão diferentes nações, e vos trouxe ao grêmio da Igreja, para que lá [na África] não vos perdésseis, e cá [no Brasil] como filhos seus, vos salvásseis. Este é o maior e mais universal milagre de quantos faz cada dia, e tem feito por seus devotos a Senhora do Rosário. [...] Oh, se a gente preta tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus, e a Sua Santíssima Mãe, por este que pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre, grande milagre!’⁽³³⁾

Estou entre os que consideram anacronismo o “uso indevido de valores e referências de uma época para julgar ou avaliar personagens, acontecimentos ou fenômenos de outra”.⁽³⁴⁾ “Para compreender a ação de qualquer homem, é preciso integrá-lo na época em que viveu e considerar a própria mentalidade do tempo, a cuja influência ninguém pode escapar por completo”.⁽³⁵⁾

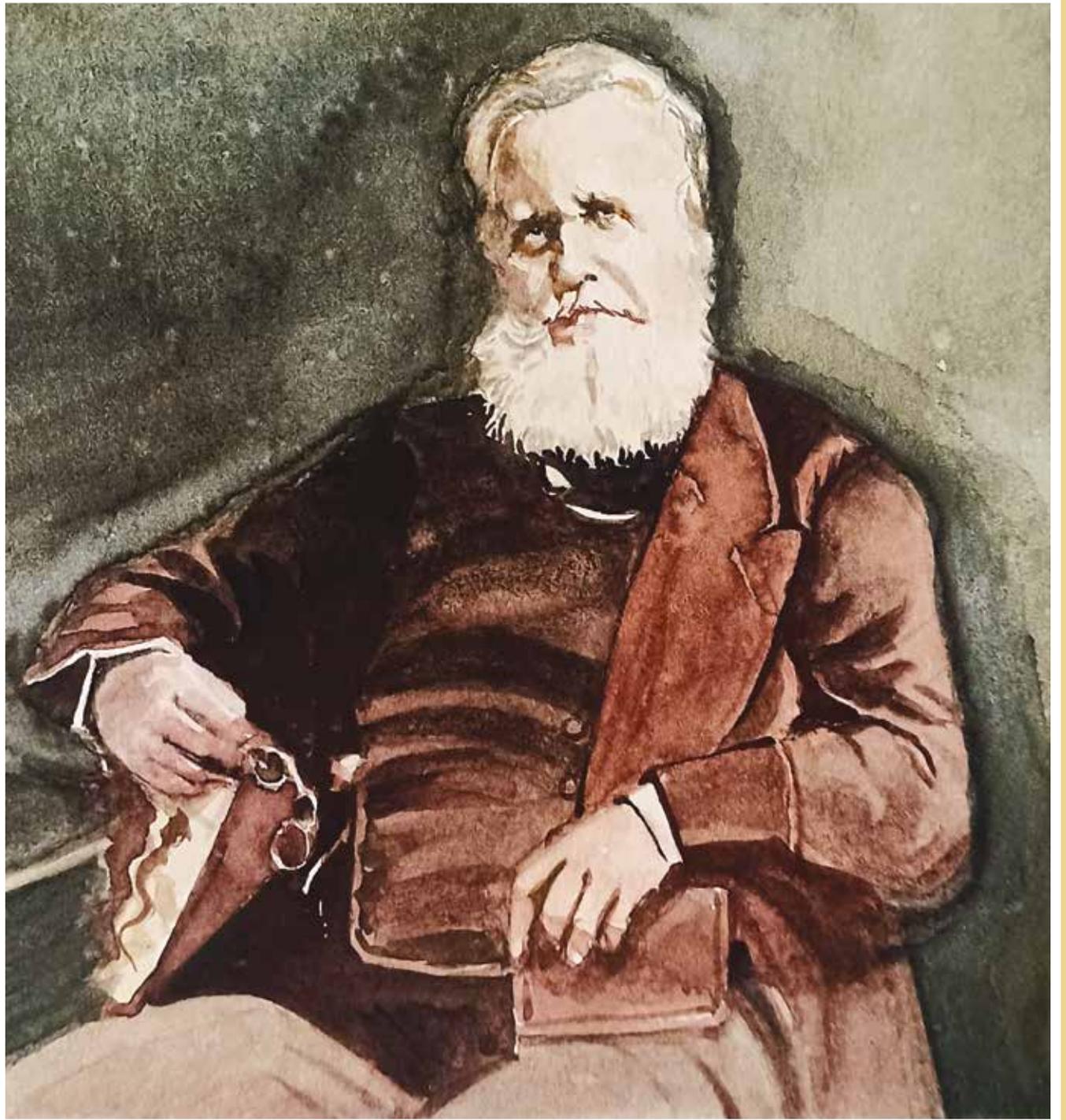
Concluo com o contundente artigo de Arnaldo do Espírito Santo, Maria Cristina Pimentel e Ana Travassos Valdez, professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa:

“Leiam Vieira. Antes de o julgar leiam-no todo, com inteligência e sensibilidade. E para concluir, de novo Vieira, com ironia amarga, a propósito de ser queimado em estátua quando vivia: ‘Não merecia Antônio Vieira aos Portugueses, depois de ter padecido tanto por amor da sua pátria e arriscado tantas vezes a vida por ela, que lhe antecipassem as cinzas e lhe fizessem tão honradas exéquias’ (Cartas, t. III, 465)”.⁽³⁶⁾

“Para compreender a ação de qualquer homem, é preciso integrá-lo na época em que viveu e considerar a própria mentalidade do tempo, a cuja influência ninguém pode escapar por completo.”

Referências bibliográficas

- 1 – WERNECK, Paulo. *O código Vieira - Alfredo Bosi e "A Chave dos Profetas"*, jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 09.10.2011, caderno *Ilustríssima*.
- 2 – CIDADE, Hernâni. *Padre António Vieira*. Lisboa: Arcádia, sem data, p. 11.
- 3 – CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, vols. II, 1959, p. 475.
- 4 - VIEIRA, PADRE ANTÔNIO. *Enciclopédia Barsa*. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica Editores Ltda., vol. 14, 1969, p. 79.
- 5 - ESTILL, C. A. (2006). *O estalo de Vieira à espera da leitura*. *Revista de Psicopedagogia*, 23, 145-151; disponível em <http://npsi-dev.blogspot.com/2015/12/o-estalo-de-vieira.html/>, acesso em 25.01.2021.
- 6 - VAINFAS, Ronaldo (direção). *Dicionário do Brasil Colonial: 1500-1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 444.
- 7 - BUENO, Eduardo. *Brasil: uma História*. São Paulo: Ed. Ática, 2003, p. 48.
- 8 – *Idem*, p. 50.
- 9 – *Idem*, p. 50.
- 10 – CIDADE, Hernâni, *ob. cit.*, p. 13.
- 11 – *Idem*, p. 19.
- 12 – *Idem*, p. 21-22.
- 13 - HANSEN, João Adolfo. *Padre Antônio Vieira – Sermões, in Introdução ao Brasil*. Um banquete no trópico. São Paulo: Editora Senac, org. Lourenço Dantas Mota, 1999, p. 25.
- 14 – *Idem*, p. 30.
- 15 – *Idem*, p. 34-35.
- 16 - VAINFAS, Ronaldo (direção). *Dicionário do Brasil Colonial: 1500-1808*, p. 314 e 570; e LEVY, Daniela. *De Recife para Manhattan: os judeus na formação de Nova York*. São Paulo, Planeta, 2018, p. 50.
- 17 - WILCKEN, Patrick. *Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Rio de Janeiro: Objetiva, trad. Vera Ribeiro, 2010, p. 112-113.
- 18 – SCLIAR, Moacyr. *O surpreendente Padre Vieira*, *O Globo*, Rio de Janeiro, 22.01.2005, caderno Prosa & Verso.
- 19 - VAINFAS, Ronaldo (direção). *Dicionário do Brasil Colonial: 1500-1808*, p. 523.
- 20 - SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Mira-Sintra, Portugal: Publicações Europa-América, 5ª ed., 1979, p. 169-171.
- 21 – *Na Ilha dos Lençóis, o Rei Sebastião é um pai para os nativos, que o veem*, portal *Globo Universidade*, 24.04.2012, disponível em <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/04/na-ilha-dos-lencois-o-rei-sebastiao-e-um-pai-para-os-nativos-que-o-veem.html>, acesso em 12.08.2020.
- 22 - NEVES, António da Silva. *Bandarra, o profeta de Trancoso*. Mira-Sintra, Portugal: Publicações Europa-América, 1990, p. 100-101.
- 23 - *A Evangelização e o Quinto Império em Antônio Vieira*. *IHU Online*, revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo/RS, nº 244, 19.11.2007.
- 24 - HANSEN, João Adolfo. *Padre Antônio Vieira – Sermões*, p. 45-52.
- 25 – *Idem*.
- 26 - *O naufrágio de Vieira ao largo das Flores e do Corvo*, portal *Pico da Vigia*, 23.01.2014, disponível em <https://picodavigia2.blogs.sapo.pt/o-naufragio-do-padre-antonio-vieira-ao-306185>, acesso em 26.06.2021.
- 27 - HARARI, Yuval Noah. *Sapiens – Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre/RS: L&PM Editores, trad. Janaína Marcoantonio, 2016, p. 27.
- 28 - VIANA, Mário Gonçalves. *Pe. António Vieira – Sermões e lugares selectos*. Porto, Portugal: Editora Educação Nacional, 1941, p. 6-8.
- 29 - MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 17ª ed., 1981, p. 91-94.
- 30 - CIDADE, Hernâni. *Padre António Vieira*, p. 19.
- 31 - BUENO, Eduardo. *Brasil: uma História*, p. 55.
- 32 - Estátua do padre António Vieira vandalizada em Lisboa, *Diário de Notícias*, Lisboa, edição de 11.06.2020, seção País
- 33 - GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. Rio de Janeiro: Globo Livros, volume 1, 2019, p. 337-338.
- 34 – *Idem*, p. 338-339.
- 35 - VIANA, Mário Gonçalves. *Pe. António Vieira – Sermões e lugares selectos*, p. 53-54.
- 36 – ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do, PIMENTEL, Maria Cristina e VALDEZ, Ana Travassos. *Não Merecia António Vieira aos Portugueses...*, *Diário de Notícias*, Lisboa, disponível em <https://www.dn.pt/pais/nao-merecia-antonio-vieira-aos-portugueses-12308463.html>, acesso em 13.06.2020.



Viagens e a viagem de D. Pedro II a Minas

Bruno Terra Dias
Desembargador do TJMG

Que percurso, que distância, que tempo é necessário transpor para dizer que houve uma viagem? O que envolve esse empreendimento em coragem, disposição, curiosidade, épico enfrentamento? Viajar é mais do que mero deslocamento, envolve espírito, cultura, civilização; pode envolver política, guerra, pacificação, afirmação. Viagem só existe quando há acrescentamento, o mais pode ser rotina, movimentação puramente mecânica, fuga, desespero, tanger imperioso de necessidades vitais, encontro com o abominável. Motivos e finalidades, fantasias e decepções, viabilização do porvir, fracasso e comprometimento de posição, muito mais do que sugere a leitura rasa da palavra, pois seus ares são densos e seria um grave erro supor que pudessem ser rarefeitos.

Do tanto que se pode viajar, a mais remota antiguidade registrou em sítios arqueológicos a movimentação da humanidade pelo globo terrestre, algumas vezes superando o que parecia ser natural destino, outras vezes soçobrando notavelmente. Clima, solo, tecnologias básicas se refinando, agricultura, cerâmica, forja de metais, formação de cidades, constituição de reinos, o surgimento da escrita, tudo colaborando para que conhecimentos fossem se acumulando e transmitindo, alimentos e pestes ganhando continentes, um aprendizado incessante ao custo de vidas e de opções melhores para o presente e para a posteridade. As melhores escolhas não foram necessariamente as que ditavam a razão do momento, porém aquelas que permitiram sobrevivência, continuidade, aperfeiçoamentos de força e estratégias.

Desde quando se enxergou no outro, a humanidade deuse conta de não estar só e de que seria impossível ir adiante sem diversidade, a despeito de cada qual desejar se impor aos demais. Os lugares, as cidades, os sítios, a tradição oral, a poesia, a literatura ficcional, os romances, as pesquisas históricas, a sociologia, a antropologia, a filosofia, as ciências naturais, as matemáticas, as artes sociais e muito mais se conheceu e se propagou ao custo da comunicação entre povos presentes e passados, em realidades que se implicaram reciprocamente para o resultado que somos e para o que deixaremos como legado.

Viagens exemplares ao longo da história

As gestas de Eneias, contadas por Virgílio para efetuar a ligação de Roma a uma origem divina que justificasse

sua dominação como grande império europeu de todos os tempos, exemplo de civilização e cultura clássica assimilada da Grécia, não formam uma experiência de vida terrena, mas são, possivelmente, a maior aventura formadora de um povo. A fuga de Troia invadida e incendiada, por mar, feita por Anquises, Eneias e Ascânio, três gerações diretamente ligadas umas às outras, até o desembarque na costa italiana, a vitória sobre povos locais e a fundação de uma estirpe que culmina no imperador Octaviano Augusto, filho adotivo de Júlio César, consegue fundir mitologia, heroísmo, história, geografia e política. Roma, assim, se une à Grécia mitológica e o nome de Caesar Troianus assimila Otaviano a Eneias e o futuro se faz do passado. Portentosa viagem de múltiplos signos e significados.

Em ambiente menos glorioso, já ao final da Baixa Idade Média, quando a Inglaterra ainda não ostentava as feições da modernidade e do esplendor da dinastia Tudor e os caminhos internos eram perigosos, pois havia conflitos contra País de Gales e Escócia, nas ilhas, e com a França, no continente, Chaucer apresenta *The Canterbury Tales*. Conta a jornada de Londres a Canterbury, feita por vinte e nove peregrinos, para visitaçao ao túmulo de St. Thomas Becket, assassinado na condição de Arcebispo de Canterbury, que se ofertou em holocausto pela salvação da Igreja e dos fiéis, ante os quatro cavaleiros incumbidos por Henrique II da empreitada mortífera. Narrativa em contos que une história, experiência de vida, práticas vãs, fé e licença literária, foi o ponto de partida para a vasta produção escrita britânica, mesmo dos seus maiores e mais consagrados autores.

No último quartel do século XVIII, Goethe empreendeu sua famosa viagem à Itália, em que cuidou de seus numerosos interesses intelectuais, não se restringindo à literatura. Embora seja costumeiramente lembrado por obras como *Fausto*, *Os sofrimentos do jovem Werther*, *As afinidades eletivas* e muitos outros títulos, tratava-se de espírito que se poderia classificar facilmente como de interesses universais e enciclopédicos. No volume *Viagem à Itália*, mais do que diário, ensaio autobiográfico e cartas, há o homem e sua época, sua curiosidade, vontade de saber, espaço e história integrados. Hábitos de intelectual que diferencia o percurso do tempo pela geografia; não se trata de antecipação de visão como a da relatividade em Einstein, porém, é mais do que sugestiva e, pode-se dizer, essencial à compreensão do autor e de sua obra, do conhecimento de época e do que se poderia validamente projetar.

Estas são apenas algumas possibilidades de histórias exemplares que dizem mais do que simples relatos e de cuja apreciação se pode extrair muito de válido ao conhecimento de outras épocas, lugares e pessoas, motivos, conexões, condicionamentos, interferência do derredor, amadurecimento no percurso da vida.

De quando se inicia uma viagem

Vários critérios podem ser utilizados para definir o momento em que uma viagem se inicia. Para comuns mortais, seguramente começa quando se põe o pé na estrada, mas não é assim para todos. Há pessoas e estirpes que existem para viajar, sem o que não cumpririam sua natureza ou o que de tais pessoas se poderia esperar; para pessoas assim, a viagem começa com o próprio nascimento, passando por todas as fases da vida, até estar pronto para o ato de heroísmo que as definirá para povos e nações. Há aquelas pessoas para quem viagens são imaginação, pessoas que se servem da literatura para alterar estados mentais, provocando distanciamento e alheamento de tudo quanto desinteressante houver, concentrando a atenção em propósitos que deslocam o espírito, como se fosse destinado a fluir apenas pelo previamente definido.

Viajar não demanda programação, estudo, seriedade de propósito, alegria, sobriedade, tristeza, estados de expansão ou, até, de recolhimento. Toda viagem é deslocamento, por terra, água ou ar, tração humana, animal ou motor, poluente ou não, por estados de consciência e de imaginação, curiosidade e introspecção. Há o deslocamento temporal na obra de arte significativa de uma idade, como também há naquelas que existem como signos de espírito, mais do que de técnica, ainda que seja das mais elevadas, como ocorre ao visualizar uma certa gravura de Dürer.

Marcos da jornada de D. Pedro II

Se o início da vida muito define da pessoa, a jornada de D. Pedro II teve início já na expectativa de sua chegada, pois faltava ao imperador, D. Pedro I, um sucessor, já que tivera apenas filhas que sobreviveram aos primeiros anos de vida. E o trono, por suas regras, deveria ser entregue a um homem, admitindo-se a sucessão por uma mulher somente na falta de filho homem, como aconteceu com D. Maria, I, mãe de D. João VI e bisavó de D. Pedro II, situação que se repetiria em favor de Maria da Glória, sua irmã mais velha, que se tornou, aos sete anos, D. Maria II em Portugal. D. Pedro I teve com sua primeira esposa, D. Leopoldina, sete filhos, por ordem de nascimento: Maria da Glória, Miguel (falecido logo após nascer), João Carlos (falecido antes de completar o primeiro ano de vida), Januária, Paula, Francisca e Pedro, futuro imperador do Brasil. Tratava-se, portanto, seu nascimento de fato aguardado com grande esperança e vir à luz implicava enormes responsabilidades.

“Desde quando se enxergou no outro, a humanidade deu-se conta de não estar só e de que seria impossível ir adiante sem diversidade, a despeito de cada qual desejar se impor aos demais.”

O Império, nos seus dias iniciais, vivia tormentos frequentemente causados pelo próprio D. Pedro I, com sua falta de talento para a chefia de Estado e as tantas desordens decorrentes de seu desregramento pessoal. Ainda assim, buscou ser presente na vida do filho, que do pai, confessadamente, não conservou maiores lembranças. Por ter D. Leopoldina falecido ainda muito nova, em dezembro de 1826, seu filho caçula não tinha idade suficiente para dela guardar memórias. D. Amélia de Leuchtenberg, segunda esposa de D. Pedro I, ocupou para sempre, na lembrança do filho de seu marido, o lugar de mãe; sentimento e respeito registrados em escritos privados ainda hoje conservados.

Os anos iniciais do novo país e daquele que nasceu para governar transcorriam com ilusões, em meio a crises políticas sem fim, enfrentamentos atabalhoados, trocas de ministros, desconfiança pública, confinamento na residência da família imperial, em São Cristóvão, desconhecimento das dimensões das terras e dos povos que deveriam ser transformados em Nação. A monumentalidade da crise política e o vislumbre do trono de Portugal levaram D. Pedro I, aos 7 de abril de 1831, a renunciar ao trono brasileiro em favor de seu filho caçula havido com D. Leopoldina, filho que abandonou com apenas cinco anos. Os fatos pesaram sobre a criança, que foi coroada como novo imperador em 14 de abril, um dia após seu pai partir para jamais retornar. Órfão de mãe, afastado daquela que afetuosamente a ele se dedicou, D. Amélia de Leuchtenberg, tendo um pai que o abandonou, inexistindo parentes paternos ou maternos no Império, salvo as três irmãs que aqui permaneceram (Maria da Glória foi levada pelo pai para Portugal), o novo imperador teve toda a vida para sentir solidão e temer pela higidez política do país que lhe foi entregue ainda na infância.

“No último quartel do século XVIII, Goethe empreendeu sua famosa viagem à Itália, em que cuidou de seus numerosos interesses intelectuais, não se restringindo à literatura.”

Uma herança de instabilidades

O período do Segundo Império foi particularmente intenso, interna e externamente. Revoltas, movimentos de independência, questionamentos ao poder monárquico, sucessão de gabinetes frustrados, escravagismo anacrônico, divisão política e economia atrasada, sentimento de exploração contra as potências colonizadoras, discriminações de largo espectro (*leia boxe*). Tudo era possível e pouco, bem pouco, se oferecia em retorno aos sacrifícios da população, seja em serviços como em comodidades hoje tão corriqueiras. Revoluções continentais não se fazem sem ambiente continental alvoroçado e circulação de ideais e de ideias, sem criação de ideologias e descuido político generalizado, cuja solução pode demorar décadas e até mesmo séculos.

O legado político de um governante pode ser de prosperidade como de instabilidades. Pedro II recebeu o legado de instabilidades da inabilidade de seu pai para governar e tudo se pode dizer que tinha raízes no século XVIII, desde os desatinos de D. Maria I, a Piedosa, também conhecida como a Louca, melhorando um pouco com D. João VI e deteriorando com D. Pedro I. Coube à criança abandonada, uma prefiguração do próprio país nos tempos republicanos, incorporar a solução política de tantos conflitos, assegurar a coesão interna, unir os diversos povos existentes no território nacional por uma língua, satisfazer ritos da religião e da governança, ser exemplo de virtudes que não lhe foram ensinadas pelo próprio pai.

O Império, por ocasião da viagem de D. Pedro II à Província de Minas Gerais, em 1881, estava abalado e cansado, tanto quanto o imperador. O que se havia vencido também significava muitas perdas e infelicitações. O caráter se forma por toda vida, aperfeiçoando-se. Solidão e temores acompanharam o imperador por toda sua existência. Para os padrões da época, um homem com seus 55 anos, dos quais 41 como chefe de Estado, era já um velho cansado e suas energias haveriam de ser bem medidas. A viagem de 1876 aos Estados Unidos serve bem de exemplo para se aferir o estado de espírito do imperador, desgostoso com os encargos que não pediu para receber e que apreciaria repassar.

Um roteiro cuidadoso

Toda conduta do chefe de Estado, queira ou não, é política, é observada e tem significado. O roteiro da visita à Província de Minas Gerais foi cuidadoso, como era do hábito de D. Pedro II fazer. Haveria satisfação, cultura, conhecimento, estreitamento, identificação, vontades de permanecer e de retornar, simpatias e agradecimentos, inovações para o paladar, o sentido da gravidade do momento histórico, consolidação do império a cada planejado movimento, um cansaço enorme, compromissos inevitáveis, cidades acolhedoras, povos unificados, admiração pelas belezas naturais e pela imponência da obra de Deus. Por trilhos, a cavalo e de barça pelo Rio das Velhas, foram 36 dias de experiências e compartilhamentos.

Mineração, fauna, flora, detalhes da cultura, instituições, economia, religião, nada escapava a seu espírito ocupado inteiramente com a terra e o povo do país que sempre amou. Chegou mesmo, na visita à Mina de Morro Velho, a vestir roupas de mineiro. Tentava absorver tudo, com utilização

Um continente e um país em conflitos

De 1808 a 1833 explodiram guerras de independência em toda América Espanhola, convulsionando o continente e cercado o Brasil de pretensões nem sempre amistosas. Cercados, único país lusófono da América do Sul, tivemos a guerra de independência da Argentina (1810 a 1818), independência do Uruguai (1825), do Paraguai (1811), da Bolívia (1809, com acréscimo de 16 anos de revoltas e lutas para implantação da forma republicana, ocorrida em 1825), da Venezuela (1811), da Colômbia (1810), guerra de independência do Peru (1811 a 1824), movimento de independência do Chile (1817 a 1818), do Equador (declarada em 1809, guerras até 1822 e forma republicana adotada em 1830). Nenhuma independência se fez sem convulsões sérias, mesmo posteriores às formalizações do direito internacional, afetando a segurança das relações internacionais e gerando conflitos ou acirramento de conflitos por questões territoriais e guerras regionais. Houve, por todo o século XIX, grandes desafios políticos, econômicos e sociais no ambiente externo, o que era já muito exigente.

No ambiente externo, além dos movimentos independentistas, houve ainda as seguintes guerras de que o império brasileiro participou no século XIX: Guerra Cisplatina (envolvendo Brasil contra Argentina e rebeldes uruguaios, de 1825 a 1828); Guerra contra Oribe e Rosas (unindo Brasil, Uruguai e rebeldes argentinos contra a Argentina, de 1850 a 1852); Guerra contra Aguirre (envolvendo Brasil e rebeldes uruguaios contra o Uruguai, de 1864 a 1865); Guerra do Paraguai (envolvendo Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, de 1865 a 1870).

Internamente, o ambiente político e social não era menos desafiador. No período pós independência, até 1881, ocorreram dezenas de conflitos, pelas mais diversas regiões, demandando dispêndio de forças e capacidade de aglutinação política.

Conflitos pós-independência no Brasil

São conhecidos e documentados os seguintes conflitos: Confederação do Equador (1823 a 1824, com pretensões separatistas do atual nordeste brasileiro);

- *Noite da Agonia* (fechamento do Poder Legislativo por D. Pedro I, em 1823, por época da nossa primeira constituinte, tendo ocorrido prisão e deportação de deputados, como os irmãos Andrada);
- *Revolta dos Mercenários* (enfrentamento militar contra o império brasileiro, no Rio de Janeiro, em 1828, no contexto dos acontecimentos que culminaram com a independência do Uruguai);
- *Noite das Garrafadas* (enfrentamento de brasileiros e portugueses, no Rio de Janeiro, em 1831);
- *Cabanada* (insurreição em Pernambuco e Alagoas, entre 1832 e 1835);
- *Federação dos Guaranis* (revolução separatista da Bahia e adoção do regime republicano, em 1832);
- *Revolta do Ano da Fumaça* (também conhecida como Sedição Militar de 1833, ocorrida em Minas Gerais, decorrente do período de regência, por insatisfação popular, em Ouro Preto);

de todos os sentidos. Em seu diário, anotações reservadas do que lhe agradava ou desagradava, um costume de toda a vida. Por onde passava, a história se fazia e acrescentava. De Carandaí a Queluz (Conselheiro Lafaiete), Vargem do Lourenço e Ouro Branco, Ouro Preto, Rio Acima e Nova Lima, Mina de Morro Velho, de Sabará a Santa Luzia e o Mosteiro de Macaúbas, Lagoa Santa e Gruta da Lapinha, Sabará, Caeté, Mina de Gongo Soco, São João do Morro Grande (Barão de Cocais), Brumal, Colégio do Caraça, Catas Altas, Mariana, Inficionado (Santa Rita Durão), Bento Rodrigues e Camargos, Santo Amaro (Queluzito), Lagoa Dourada, São João Del Rei, Tiradentes, Barbacena, Juiz de Fora, São João Nepomuceno, Bicas, Sapucaia, Porto Novo, Pirapetinga, Pomba, Presídio (Visconde do Rio Branco), Ubá e Além Paraíba. Extenuante, no mínimo.

Presença, integração, saudade, Saint-Hilaire e Lund, chão de minério e espaços de agricultura, ritos religiosos e deveres políticos, recato para anotações pessoais, companhia da imperatriz, passagem que alegre e traz boas lembranças.

- *Revolta das Carrancas* (também conhecida como Levante de Bella Cruz, revolta de escravos em propriedades da família Junqueira, no Sul de Minas Gerais, em 1833);
- *A Rusga* (conflito entre monarquistas e republicanos em Cuiabá, em 1834);
- *Cabanagem* (também conhecida como Revolta dos Cabanos, revolta popular no Grão-Pará, região dos atuais estados do Pará, Amazonas, Amapá, Rondônia e Roraima, de 1835 a 1840);
- *Revolta dos Malês* (conflito religioso, liderado por escravos islâmicos, ocorrido na Bahia, em 1835);
- *Revolução Farrapoilha* (também conhecida como Guerra dos Farrapos, foi revolução separatista, com pretensão republicana, no Rio Grande do Sul, de 1835 a 1845);
- *Sabinada* (revolta popular na Bahia, com pretensão separatista, de 1837 a 1838); Balaiada (também conhecida como Guerra dos Bem-te-vis, foi a maior revolta popular no Maranhão, de 1838 a 1841);
- *Revolta Liberal* (revolta ocorrida em Minas Gerais e São Paulo, após a queda do Gabinete Liberal e ascensão do Gabinete Conservador, em 1842);
- *Revolta dos Lisos* (revolta liberal em Alagoas, contra supostos favores do governo provincial aos liberais, em 1844);
- *Motim Fecha-Fecha* (manifestação popular antecedente da Insurreição Praieira, Pernambuco, em 1844);
- *Motim Mata-Mata* (manifestação popular antecedente da Insurreição Praieira, Pernambuco, de 1847 a 1848);
- *Insurreição Praieira* (rebelião liberal e republicana, contra os conservadores, em Pernambuco, de 1848 a 1850);
- *Revolta do Ronco de Abelha* (protestos populares em diversas províncias, a partir de Pernambuco, contra a política

do governo imperial, motivados pelos Decretos nº 797 e nº 798, que determinavam censo populacional e registros de nascimentos e de óbitos, de 1851 a 1854);

- *Levante dos Marimbondos* (também conhecido como Guerra dos Marimbondos, foi levante das províncias de Pernambuco, Ceará, Alagoas e Rio Grande do Norte, feito por sertanejos temerosos de perder sua condição de alforriados e retornarem ao cativeiro, por força dos Decretos nº 797 e nº 798, em 1852);
- *Revolta da Fazenda Ibicaba* (também conhecida como Revolta dos Parceiros ou Revolta dos Imigrantes, foi revolta de trabalhadores estrangeiros contra as condições de trabalho na Fazenda Ibicaba, em Limeira, em São Paulo, em 1857);
- *Motim da Carne sem Osso* (rebelião popular, nas ruas de Salvador, contra a carestia e a qualidade da carne vendida, na Bahia, em 1858);
- *Revolta dos Muckers* (também conhecida como Campanha do Morro do Ferrabrás, foi conflito armado entre militares e religiosos em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, de 1868 a 1874);
- *Revolta do Quebra-Quilos* (insurreição popular, nas províncias da Paraíba e, depois, de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas, contra a introdução de padrões de pesos e medidas de aceitação internacional, de 1874 a 1875);
- *Guerra das Mulheres* (também conhecida como Motim das Mulheres ou Revolta das Mulheres, foi insurreição popular feminina, em Mossoró, no Rio Grande do Norte, contra a obrigatoriedade do alistamento militar, de 1875 a 1876);
- *Revolta do Vintém* (insurreição popular contra a cobrança de tributo de um vintém sobre as passagens de bondes e trens, no Rio de Janeiro, em 1880).

Três poemas

Aldina Soares

Juíza de Direito do TJMG

Costura

De súbito sei:
viverei ferida mortalmente,
vencida pelo traçado trôpego do tempo esvaído
e pelas pequeninas fendas sugando ventos de dor
nos músculos do coração.

Com tão estreitos fios cosendo-me a alma
bordada em tecidos elásticos de miçangas variadas,
na caixinha de costura,
linha da cor do vestido escolhido já na agulha.

Como sempre foi,
como sempre assim será:
retrós, vida, agulha e linha.
De cortar e coser viverei.

Até o dia do ponto em cruz, que não sei,
Por mais que doam o corte e a costura,
De cortar e coser serei.



Alhures

Três tentos,
Três dias, tanto ser,
Um átimo e nada mais.

Cerraram-se os olhos
Em súbito silêncio,
Sem adeuses.

Funesta memória
Ao largo da vida;
- Morrer é todo dia.

Voal na mente a murmurar:
- coisa pouca é bobagem,
destino de gente é doer.

Liliputiano,
desvalido,
moeda pouca e meia sem cerzir,

corpo morto e valor de gente finda;
- É do que vale sofrer.

Quem cose asco e nódoa,
visco e gosma,
joga a alma no rio e perece;
sem fenecer.

Sonetinho

Era um poeminha dedo mindinho,
Rasgo de folha e virgulado,
Sem ponto e, quiçá, exclamação,
Graveto riscado em suspensão ...

De rimas chochas, as coitadinhas,
Enovelando o fio, tão pequeno,
Da madrugada melancólica,
Ou manhã de suspiros e jasmim.

Ergue-se teimoso sonetinho,
Mera inspiração enlutada,
Dos dias de pouca voz falada

E assim, no outono dos dias
Dirás do esforço compensado:
Findar do olhar, o sofrer, enfim.

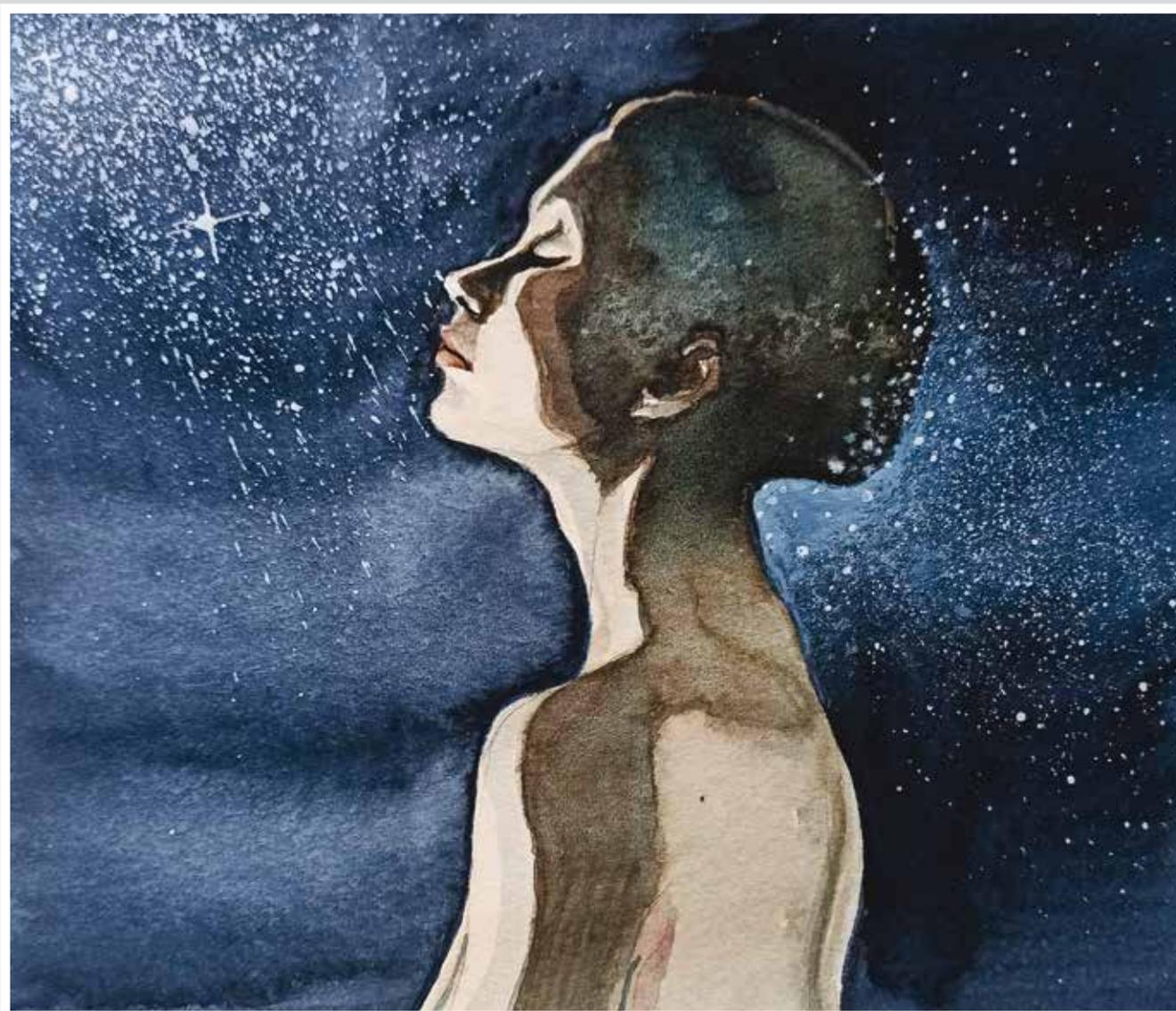
A luz

Maria Luiza Santana Assunção

Juíza de Direito do TJMG em Belo Horizonte

Queria ser como a luz,
veloz em sua trajetória,
ultrapassando o som que conduz
a chuva resplandecente
do sonho, da esperança e da vitória.

Sempre é ela que induz
o caminhar, a fé e a glória.



Dois poemas

Llewellyn Medina

Desembargador do TJMG, aposentado

Noturno da Lagoa IV

Luzes mergulham universo sem fim
 água serena elemento essencial
 catedrais invertidas tidas por inventadas
 buscam segredo do Criador

fiéis pranteiam falso arrependimento
 procriam filhos sem cor
 recriam mitos lendas dor
 mãos trovejam cantos pagãos
 inútil humano lamento

olho ciclópico boia em tua nudez
 esconde-se numa ondinha assim
 belo revelado com arrebatamento
 circunstâncias líquidas

lua dissolve-se em tuas entranhas
 desvairados narcisos babam na gravata
 espelho de encantar amantes
 inquietar sonhos de Ismália

noite expulsa crepúsculo
 Prometeu desce ao Hades
 amanhã novamente amanhã.



Uma viagem a never never land

Noite sobre meus olhos
benção minha avó distribuía
obsequioso silêncio quietude
prostrada persignação recebia
começo de tudo

sonhava sonhos dias passados
pressagiosos sonhos alados
escuridão quarto não armadilha
medo infantil enrodilhado

minha avó ave de arribação

minha avó avó jogava bilros
como se jogasse dados a sorte
som matraca ouvidos ressoavam
construía colcha inconsútil rede

cobria ombros manto Nossa Senhora
crença salvação inevitável morte
sorte estirpe desejava credulamente
única herança legada semente

olhar distante dias pátria-berço
morada antepassados jungidos moídos
bandeirantes inclementes forasteiros
cicatrizes irmãos sofridos

minha avó avó lembrança esquecida

minha mãe colhia maçãs maduras
no pomar de nossa imaginação
(invernos apodrecem frutos da lembrança)
distribuía bênçãos nobres mãos
ministrava injeção aflitos desamparados
maleitados ajuda necessitados
seringa mágica fervido estojo
aparente esperança trazida seu bojo

líquido suspenso agulha penetrava
gota orvalho folha amanhecida
céu azul translúcido brilhava
não alegria felicidade nunca tida

meninas cantavam
“se essa rua se essa rua fosse minha”

meninos soltavam papagaios
sonhos de astronautas
Gagarin olhava terra azul

minha mãe semente vingada.

Três poemas

João Quintino

Desembargador do TJMG, aposentado

Yara Tupinambá – um gênio

Fadas têm vigor no olhar,
Transformando a sombra em ouro.
Yara brande o pincel no ar
Em telas que são tesouro.

Os seus fascinantes óleos
(Concepção de mão famosa)
São colírio p'ra meus olhos,
Dão beleza à própria rosa.

Ai! quanta delícia vê-las
E aos murais avantajados,
Luz oriunda das estrelas,
Corpos mais que bem traçados.

Quanta glória a sua Arte
Gera à Pátria e prolifera
Irradiando a toda parte
O esplendor da Primavera!



De mãos postas

Cristão, tenho fé
Em fatos do gênero.
Acredito até
Que com Deus – Jesus
Todo mal é efêmero,
Toda sombra é luz.

De novo, o João Chorão

Ela é uma maravilha,
Um primor de criatura.
Pelos palcos reina e brilha.
- E eu? Qual é minha figura?

Um modesto João ninguém.
Isso é que sou, pode crer.
Um pobre que mais não tem
Que a fortuna do viver.

Levados pela aparência,
Dizem que este João da aldeia
Chora à toa, com frequência,
Mesmo de barriga cheia.

Mas enganam-se ao redondo,
Triste engano que eu deploro.
Prontamente lhes respondo
O motivo desse choro.

Não é fome de barriga
Que me rala cada dia.
A fome que me castiga
É uma fome de poesia

Dois Poemas

Amaury Silva

Juiz de Direito do TJMG em Governador Valadares

Cordão de prata

Eu sou um latino
sem anjo da guarda
com medo das forças armadas
repicarem seu sino

O que reluz dentro de mim é ouro
e eu acredito em você bandeirante
capaz de possuir todo o meu tesouro

Eu sou um menino
que brinca de louco
por temer todos os anjinhos
que distribuem fogo

Ando comendo os frutos da terra
de fome e de delírio vejo o teu rosto na água
chamando para voar atrás da serra

É que durante o sono
ninguém quebra meu cordão de prata

Pepinos para olheiras

Para a vida deletéria há de existir uma
esperança antioxidante
E contra a insônia uma leitura capaz de se
encontrar com Morfeu

Para a vida asséptica há de existir sempre um
estímulo ambulante
E contra o sono insensível a figura do justo na
memória do camafeu

Pepinos para olheiras
E uma ocitocina virtual
Pijama que veste peles inteiras
Em um fluxo sem umbral

Para a vida constipada há de existir a estampa da
liberdade
E contra o arbítrio insuflado a resistência mesmo que
em tropel
Para a vida qualificada há de existir a exuberância da
igualdade
E contra o movimento sombrio a luminosidade de
um escarcéu

Figurinos contra as cegueiras
E uma ataraxia sensual
Pijama que cobre as isoneiras
Em um encanto torrencial



Dois poemas

Carlos Márcio de Souza Macedo
Juiz de Direito do TJMG em Betim

Momento ímpar

Em tempos difíceis de batalha mundial
 Eis que amanheço com escuta arguta
 Percebendo o chamado à luta
 Palavras lindas e sábias sem igual

Em tempos difíceis de batalha plena
 Ouço a amiga professorando
 Pretendendo que continuemos orando
 Para que alcancemos vida serena

Em tempos difíceis de batalha feroz
 Os amigos se unem em uníssono
 Para que falemos em mesma voz

Em tempos difíceis de batalha que demore
 Com responsabilidade para nossa geração
 Pensemos com a razão, sem esquecer o coração

A potência da impotência

O astro rei rompe no horizonte
 Trazendo consigo intensa luz
 Propiciando norte que nos conduz
 Ainda que na batalha estejamos no front

Sábio o que pratica a tolerância
 E com fervor acredita no saber
 Confiante que é no ser
 Não se deixa levar pela turbulência

E ainda que para a luta força eu não tiver
 Sozinho jamais estarei
 Porque tenho a presença da mulher

Em tempos da potência da impotência
 Em que achamos que nada é mais factível
 Certo é que, na guerra, vitória é a arte do possível.



Diásporo

J. L. Rocha do Nascimento*

Juíz do Trabalho de Teresina (PI) - TRT 22ª Região

Quem sabe eu tenha a sorte do último troiano que,
ao deixar para trás ruínas em fogo,
tal como o grego sagaz,
enfrentou tempestades em mares bravios
até desembarcar nas praias do Lácio.

Também fui, a contragosto, deslocado.

Também atravessei escuridões.

Também fui sacudido por tempestades de ódio.

Também fui esgotado pela sede e fome.

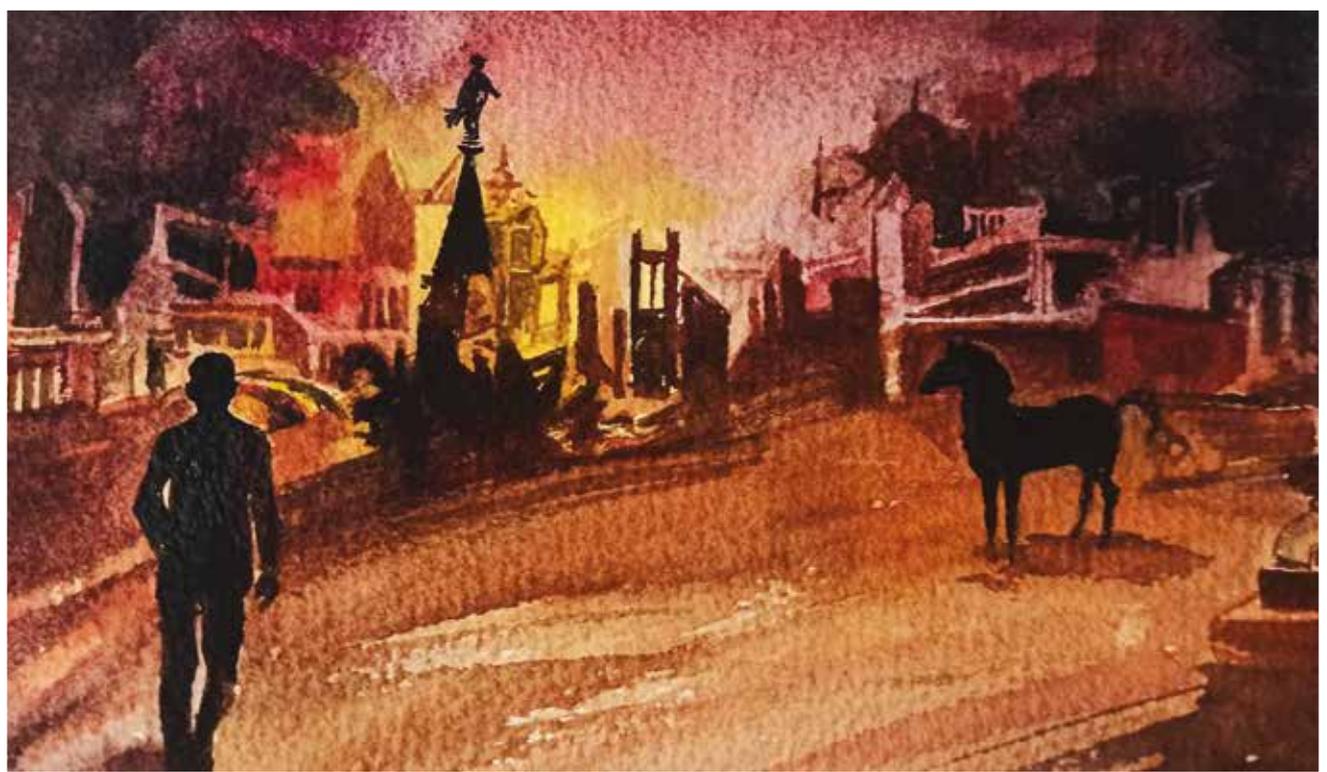
Ainda não tenho como saber a sorte
definitiva do meu destino, mas sigo.

Quem sabe alguém me receba como o rei Latino a Ilioneu.

Porque o que peço é muito pouco.

Não é nada, como disse o guerreiro troiano, o ramo de Palas
Atena no peito, que não possa ser oferecido a qualquer um.

(*) *MagisCultura* está aberta à publicação
de textos de magistrados de outros estados,
a critério do Conselho Editorial.





O mineiro e o italiano

Marcos Henrique Caldeira Brant
Desembargador do TJMG

Moda de viola caipira é um estilo musical que contempla uma estória com começo, meio e fim. A viola vai ponteando e as vozes fazendo dueto. Trata-se de uma modalidade muito difundida, conhecida também como “música sertaneja”.

A canção “O mineiro e o italiano” é uma moda de viola caipira que narra uma estória bastante sintética da cultura caipira dos anos 1960, num Brasil ainda predominantemente agrícola.

Em determinado município do interior do Estado de São Paulo, havia um mineiro e um italiano, agricultores, que estavam às turras numa demanda judicial possessória.

A causa estava entregue ao juiz de direito da Comarca, homem tido como profissional austero e competente, oriundo de quatrocentona família paulista.

Ao contrário do italiano que, dada a sua condição econômica, se portava tranquilo e convicto de sua vitória judicial, o mineiro, angustiado, estava muito preocupado com seu futuro pois, caso perdesse a demanda, sofreria grande humilhação e se veria obrigado a retornar com sua família para a longínqua terra natal nos sertões de Minas Gerais.

Assim, apressou-se em conversar com seu advogado, confidenciando sua incontida angústia. Em determinado ponto da conversa, mineiramente aventou a possibilidade de dar um agrado ao magistrado caso ganhasse a demanda. Minha nossa! Isso é suborno! A pretensão foi pronta e severamente repelida pelo hábil advogado, temeroso de pôr tudo a perder na já intrincada demanda.

Foi então que o desconfiado mineiro se pôs a matutar. Concatenou e concretizou uma ideia, nada comentando com o seu advogado. Usando da velhacaria, mandou de presente para o ilibado meritíssimo uma adiposa leitoa, no jeito para o abate e saborosa degustação. Mas, é claro que o presente foi enviado em nome do italiano. Daí já se pode prever o que sucederia...

Moral da estória: para a perplexidade de seu advogado, o mineiro, com toda sua simplicidade, de forma astuta, “passou a perna” no italiano e obteve ganho de causa a seu favor, consolidando a almejada faixa de terra necessária para a produção de sua lavoura.

A vitória do mineiro sobre o imigrante italiano realça a cultura que existia no interior do Brasil, principalmente nas regiões sudeste e centro-oeste, e a expressiva participação de ambos como braços fortes e elementos formadores do desenvolvimento socioeconômico do Estado de São Paulo.

Esta estória, produzida para ser musicalizada no ano de 1964 (e que foi inclusive levada para a dramaturgia), é uma composição musical de autoria dos consagrados Teddy Vieira e Nelson Gomes, e interpretada pela saudosa dupla sertaneja Tião Carreiro e Pardinho.

Teddy Azevedo (Teddy Vieira de Azevedo: 23/12/1922 - Itapetininga/SP - 16/12/1965 - Buri/SP) e Nelson Gomes

(Nelson Gomes Martins: 24/04/1938 - Buri/SP - 04/08/2014 - Osasco/SP) eram primos e compuseram, individualmente ou em parceria, centenas de canções de moda de viola caipira, muitas das quais caíram no agrado popular nas décadas de 1960 e 70, anos em que predominava o referido estilo como elemento cultural no interior do Brasil.

A dupla Tião Carreiro (José Dias Nunes: 13/12/1934 - Monte Azul/MG - 15/10/1993 São Paulo/SP) e Pardinho (Antônio Henrique de Lima: 14/08/1932 - São Carlos/SP - 01/06/2001 - Sorocaba/SP) pode ser considerada uma das principais vozes da música sertaneja de raiz, e praticamente inventores do pagode caipira. Tião Carreiro era o responsável pelos solos de viola e pela voz mais grave, ao passo que Pardinho era o encarregado pelo som de base e pela voz mais aguda. Chegaram a gravar aproximadamente 30 LPs e encenaram várias peças teatrais baseadas nas canções que interpretavam. Em 1970 estrelaram o filme “Sertão em Festa”, que foi recebido com muito sucesso. Esta dupla até 1978 teve papel fundamental na difusão da música caipira sertaneja junto ao grande público, levando-a para os programas das rádios nas madrugadas, para as exposições agropecuárias e até para programas televisivos.

Vejamos a interessante e bela letra da canção caipira “O mineiro e o italiano”, permeada de um humor fino e sagaz:

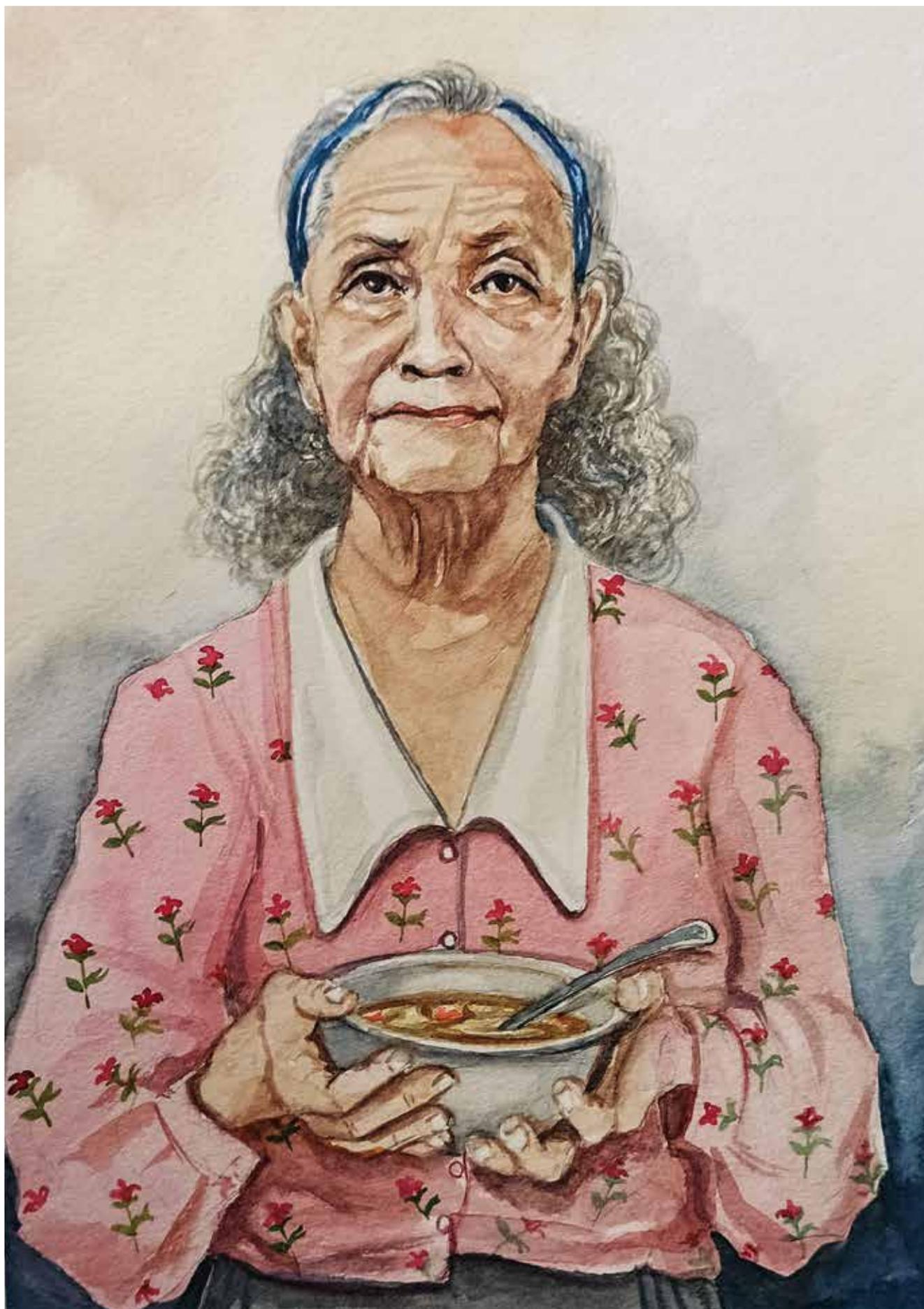
*O mineiro e o italiano viviam às barras dos tribunais
Numa demanda de terra que não deixava os dois em paz
Só de pensar na derrota o pobre caboclo não dormia mais
O italiano roncava nem que eu gaste alguns capitais
Quero ver esse mineiro voltar de a pé pra Minas Gerais*

*Voltar de a pé pro mineiro seria feio pros seus parentes
Apelou para o advogado: Fale pro juiz pra ter dó da gente
Diga que nós somos pobres que meus filhinhos vivem doentes
Um palmo de terra a mais para o italiano é indiferente
Se o juiz me ajudar a ganhar, lhe dou uma leitoa de presente*

*Retrucou o advogado: O senhor não sabe o que está falando
Não caia nessa besteira, senão nós vamos entrar pro cano
Este juiz é uma fera, caboclo sério e de tutano
Paulista da velha-guarda, família de 400 anos
Mandar a leitoa para ele é dar a vitória pro italiano*

*Porém chegou o grande dia que o tribunal deu o veredicto
Mineiro ganhou a demanda, o advogado achou esquisito
Mineiro disse ao doutor: Eu fiz conforme lhe havia dito
Respondeu o advogado que o juiz vendeu e eu não acredito
Jogo meu diploma fora se nesse angu não tiver mosquito*

*De fato, falou o mineiro nem mesmo eu tô acreditando
Ver meus filhinhos de a pé meu coração vivia sangrando
Peguei uma leitoa gorda foi Deus do céu me deu esse plano
De uma cidade vizinha, para o juiz eu fui despachando
Só não mandei no meu nome mandei no nome do italiano.*



Dona Zenilde

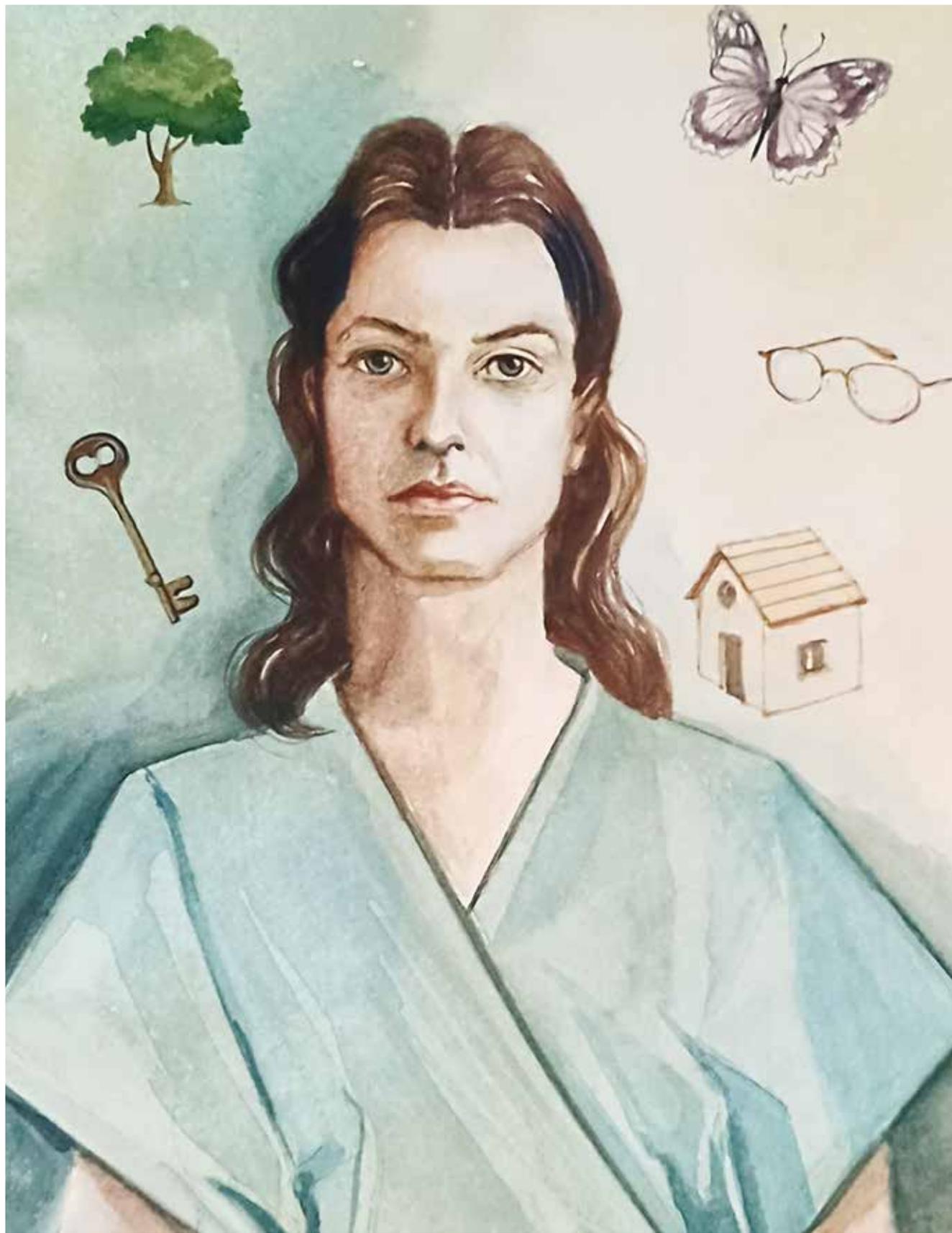
Fernando Armando Ribeiro
Desembargador do TJMG

Nos dias de maior escassez e mais difíceis, o prato lhe esfriava nas mãos finas, mas ela não comia. Como de costume, só dava as primeiras colheradas quando todos haviam terminado de comer. Antes, porém, certificava-se de que estavam mesmo satisfeitos. Contemplava atentamente a face de cada um dos moradores do abrigo e, assim, podia sentir a extensão de sua fome. Diversas vezes cedera sua porção de sopa e seu pedaço de pão, retirando-se para dormir com o semblante sereno de quem se saciara num banquete.

Assim era mesmo dona Zenilde, fazendo do cuidado uma constância, sem fundamentações e sem alarde. Certa vez, vaticinaram que seria consagrada santa, ao que ela, imperturbável, respondeu: “Quero apenas me tornar, de fato, humana”. Recusava, com frequência, medalhas e honrarias, solicitando fossem substituídas por doações de alimentos. Em seu abrigo, o outro não era um conceito abstrato, elemento retórico ou estratagem, como tantas vezes figura na voz de políticos e celebridades.

Para dona Zenilde, o outro era simplesmente a realidade tangível mediante a qual ela mesma se postava, medida possível e concreta de seu próprio bem. Em seu abrigo, caminhava entre iguais, em nada se diferenciando de todos a não ser talvez por aquele sorriso com que parecia abraçar o mundo. Aos que lhe perguntavam a razão, não dizia, e tampouco julgava saber. Vivia a vida sem grandes figurações de mundo. Os homens e mulheres concretos, cuja fome remia, eram seu céu, seu paraíso.

“Em seu abrigo,
caminhava entre
iguais, em nada se
diferenciando de
todos a não ser talvez
por aquele sorriso
com que parecia
abraçar o mundo.”



Alegria

Sílvia Nascimento

Juíza de Direito do TJMG em Três Marias

“**E**la abriu os olhos.”
 “Abriu?”
 “Sim.”

Denis ficou interessado. Observou os olhos dela e ficou atento buscando mais brilho do que o normal. Mas não. Eram castanhos âmbar e estranhamente normais. Esperava ao mesmo tempo mais vivacidade ou ainda vivacidade alguma. Mas não esperava olhos tão estranhamente comuns.

“O que achou?”

“Como assim?”

“Sei lá. Já falou com ela?”

“Ainda não. Acha que eu devo?”

“Em tese, esse é o seu serviço. Não faz sentido não conversar. Mas você quem sabe” – respondeu Elias, dando de ombros e saindo do galpão. Eram assim todas as primeiras vezes com os novatos nessa posição.

Denis fitou aquela mulher sentada, vestindo uma camisola verde claro daquelas de hospital, abertas nas costas. Questionou-se o porquê de usarem aquilo. Aquela camisola contrastava com a maca de inox onde ela estava sentada.

Não só a maca, mas todo o restante era de um cinza claro que deixava a pele dela ainda mais translúcida, quase se confundindo com o verde da camisola em uma mistura borrada. Denis respirou, precisava ir ao oftalmo. Talvez aquele borrão ficasse menos confuso.

“Ela é tão branca que cansa os olhos. Precisa ser assim?” – questionou a Elias, que havia retornado à sala.

“Não me parece correto se não fosse assim.”

Denis olhou os vários itens de sua prancheta, bufou surpreendentemente entediado para um primeiro dia de trabalho e começou a verificar se os procedimentos de segurança tinham sido realizados a contento.

Elias olhou com atenção o novato. Não se via um pingo nele.

O que será que acontece com esses jovens de hoje? Quando Elias entrara ali há sete anos, tudo era exatamente igual e ao mesmo tempo ele era completamente diferente de todos os outros que vieram depois dele.

(...)

“Ei, tudo bem? Você é o novo funcionário contratado? Categoria saúde e qualidade?”

“Sim, fui contratado pelo Ford.”

“É o chefe. Ele me falou que você chegaria hoje. Elias, né?”

“Sim, Elias” – afirmou apressado tentando ser o mais simpático possível, precisava muito desse serviço. Era seu primeiro serviço na vida. Um menino ainda e conseguira aquele emprego por intermédio do pai, que cobrara um favor.

“Prazer. Meu nome é Newton. Sua prancheta está ali. Você precisa apenas monitorar os sinais e fazer o acompanhamento.

Assim que ela acordar, você tem uma check list aí na prancheta com todas as perguntas necessárias para monitoramento. Não se esqueça das perguntas básicas de rotina. Principalmente as fotos para checar o nível de cognição, certo?”

“Ok. Está tudo aqui” – apontando para a mesa.

“Isso. Também tem um computador ali. Depois de checar os dados de saúde básicos, você deve preencher o formulário. Enfim... é fazer o acompanhamento e ver se está tudo certo.”

“Tá bom.”

“No computador também tem testes avançados para verificar os dados, caso ache necessário. Tudo bem?”

“Tudo bem, sim. Obrigado!”

“Tem alguma dúvida?”

Elias olhou ao redor, mas parou os olhos nela. Ao lado da cama havia uma placa: T-21 Alegria.

“São todas assim? Tão normais?”

“Sim. Todas são assim. É um pouco estranho, mas com o tempo irá se acostumar. Vai dar tudo certo. Fique tranquilo.” – Newton disse isso e saiu parecendo já um pouco incomodado por ter perdido mais tempo que o necessário.

Elias acompanhou com os olhos o seu novo chefe de seção sair do galpão.

Passou a olhar para aquela mulher até ela acordar. Assim que despertou, ajudou que ela se sentasse e endireitasse a camisola verde claro. Dessa forma, nada ficaria à mostra. Tentou ser o mais direto possível.

“Você está bem?”

“Sim. Estou um pouco confusa.”

“Está tudo bem. Isso é normal. Você acabou de acordar, Alegria.”

“Alegria?”

“Aham, esse é seu nome. Gosta?”

Ela o observou atentamente. Seus olhos castanhos âmbar demonstravam incredulidade. Ela abaixou a cabeça.

“Alegria? Acho que sim.”

“Que bom. Meu nome é Elias. Eu estou aqui para fazer uns testes e verificar como está a sua saúde. Tudo bem?”

“Tudo bem.”

“Vou pegar no seu braço, posso?”

“Sim.”

Elias, com todo o cuidado, arregaçou a manga da camisola e a empurrou para cima, segurando com firmeza o braço dela e fazendo rotação. Primeiro com o braço direito, passando logo em seguida ao esquerdo.

“Sente algum incômodo?”

“Não.”

“Muito bom! Agora vou checar seus reflexos.” – Elias pegou um pequeno martelo, sorriu com atenção, posicionou-se e com muito cuidado bateu no joelho de Alegria que apenas não subiu mais por conta da camisola que retinha os movi-

mentos. – *“Ótimo. Seus reflexos estão realmente bons. Nova em folha.”*

Riu com a pequena ironia, mas se conteve ao levantar os olhos e ver que Alegria parecia tentar entendê-lo. Ficou um pouco sem graça. Sua vaidade, contudo, fez com que ficasse feliz com o fato de não haver mais ninguém ali a não ser ele.

“Tudo bem, Alegria. Agora vou te mostrar uns desenhos, umas fotos, certo?”

“Certo.”

“Alegria, preste bastante atenção.”

Elias tirou uma das fotos da prancheta e mostrou a ela: *“Isso é um inseto. Uma borboleta, ok.”*

Passou a outra foto: *“Isso é uma árvore, tá?”*

E assim Elias foi passando fotos e mais fotos dizendo sempre: *“isso é um rio, isso é uma casa, isso é uma cadeira, isso é um par de óculos, isso é uma chave.”* Foram horas e horas vendo como era a reação de Alegria.

Já cansado e finalizando todas as pranchas que haviam dado a ele, agradecendo ser aquela a última figura, disse: *“isso é uma pessoa, Alegria.”*

“Eu sei.”

“Você sabe?”

“Sim.”

“Como?”

“Porque eu vejo você nessa figura e você é uma pessoa.”

Elias achou interessante o comentário. Sorriu para Alegria: *“sim, eu sou uma pessoa.”*

“Sim, você é. Como eu também sou.”

Elias a olhou. O cabelo castanho dela tampava parte do rosto. Em um impulso, ele tirou o cabelo de sua face e colocou atrás da orelha:

“Sim. Se porventura a rosa tivesse outro nome, ainda assim teria o mesmo perfume.”

“Não entendi, Elias.”

“Não é importante.”

Olhou para a porta. Newton estava lá, observando. Elias não sabia há quanto tempo ele estava ali. Ficou um pouco sem graça e não soube como reagir já que ele era seu chefe e precisava muito daquele emprego.

Newton respirou profundamente e por fim perguntou:

“Ela está pronta, Elias?”

Elias olhou para Alegria enquanto essa o fitava meio sem entender o que estaria por vir.

“Eu acredito que seria mais interessante ela ficar para uma checagem mais avançada, se o senhor não se importar.”

Newton deu de ombro: *“tudo bem. Mas amanhã você continua. Acabamos por hoje.”*

“Tudo bem. Pode ir. Vou desligar o computador.”

“Está bem.”

Elias ficou observando Newton sair.

“Alegria, amanhã eu volto, certo? Agora você descansa.”

“Sem problemas.”

Elias conseguiu dormir aquela noite. Não sabia porque, mas estava feliz. No outro dia de manhã, estava ansioso para voltar ao trabalho. Chegou até mais cedo do que precisaria e foi direto a sua sala.

“Bom dia, Alegria.”

“Bom dia, Elias.”

Alegria sentou-se sozinha na maca. Parecia ter muito mais disposição do que no dia anterior.

“Elias conseguiu dormir aquela noite. Não sabia porque, mas estava feliz.”

“Elias, o que é isso em você?”

“O que? Ahh, isso são fones de ouvido. Desculpa, eu deveria ter tirado.”

“Para que eles servem?”

“São para ouvir música.”

“Música?”

“Sim, deixa eu te mostrar.”

Elias se aproximou de Alegria. Colocou um dos fones de ouvido nela enquanto mantinha o outro para si.

“Essa música chama The Cave.”

O rosto de Alegria ganhou uma luminosidade que Elias ainda não tinha visto.

“Eu ficaria para sempre assim, Elias.”

Ele mais rapidamente do que levantou seus olhos os abaixou, envergonhado, e se afastou dela.

“Quem sabe, Alegria, um dia.”

“Elias?”

“Sim” – respondeu Elias todo atento.

“Enquanto você não chegava eu fui até ali” – apontou para a janela – “o que são aquelas coisas?”

Elias foi até a janela para ver o que ela estava se referindo.

“Eu mostrei isso para você ontem. São árvores.”

“Será que eu poderia vê-las de perto?”

Elias parou um momento. Ficou pensativo. Foi até a prancheta e passou a folhear todos os formulários até achar: *“Formulário de Circulação”.*

“Acredito que não conseguiremos ir até lá. Mas há a possibilidade de checarmos como está a sua circulação e poderemos ir até o pátio.”

Elias debruçou-se sobre o formulário e o preencheu alegando que Alegra apresentava dificuldades de condução e circulação precisando fazer testes mais profundos. Para tanto necessitava de uma autorização para circularem nas dependências.

Passou o formulário por fax e após breves minutos obteve a autorização. Não poderiam ir até onde Alegra pediu, mas no pátio poderia vê-las mais de perto, através da cerca de arame.

Ele a pegou pelo braço, com o pretexto de que sua circulação não estaria adequada e caminharam juntos.

“Aqui, Alegra. As árvores que você viu lá de dentro.”

O rosto de Alegra estava ainda mais vívido. Os olhos encolhidos fitavam as árvores.

“Elias?”

“Sim.”

“Elas estão ouvindo a sua música?”

Elias arqueou as sobrancelhas surpreso mais uma vez com ela.

“Por que você diz isso?”

“Elas se movem como se estivessem ouvindo sua música.”

Elias sorriu: *“sim, acho que elas dançam com o vento. Vamos, Alegra. Acredito que não podemos ficar muito tempo aqui fora.”*

Saíram do pátio e retornaram à sala de checagem. Não tardou muito e Newton retornou. Parecia estar sempre apressado. Não que isso fosse novidade. Newton era uma daquelas pessoas que andam sempre em ritmo acelerado para demonstrarem o quanto trabalham.

“Elias, a Alegra está pronta?”

“Oi, Newton, não vi você aí. Eu acho que preciso de mais alguns dias.”

“Hum. Não é possível. Há um limite de tempo. Se ela não for apta, teremos que fazer o desligamento.”

Elias levantou o rosto, arrumou os óculos, engoliu a seco e respondeu:

“Era só um cuidado bobo. Ela está apta.”

“Ótimo. Venha Alegra. Já estava na hora.”

Alegra se sentou na maca e esticou os pés para que tocassem o chão. Elias tentou ajudá-la a levantar, mas Newton o impediu:

“Ela está apta, se lembra?”

Elias pigarreou e disse: *“claro.”*

Elias os viu saindo da sala. Ficou olhando até não mais poder vê-los. Tentou ouvir os passos, até que esses também sumiram na confusão de outros zunidos metálicos. Praticamente não dormira aquela noite. Algo não estava certo.

No dia seguinte, chegou no serviço pontualmente às 8h. Entrou no galpão que passara os últimos dias. Olhou para a maca. Não estava vazia. Aproximou-se. Ao lado, uma placa: T-22 Alegra.

Elias sentou e esperou ela acordar.

“Bom dia, Alegra. Meu nome é Elias.”

(...)

E agora ali estava Elias. Sete anos depois. Andando sempre apressado, talvez mais do que o necessário. Nada havia mudado realmente. Era sempre o mesmo galpão acinzentado, a mesma maca metálica e sempre um jovem tolo sentado.

“Elas poderiam nos enganar, sabia? Eu não esperava que fossem assim” – suspirou Denis.

Elias o olhou quase com desinteresse.

“Nunca ouviu dizer que a essência e a aparência não são a mesma coisa?”

Denis deu de ombros e bufou. Estava cansado dos homens velhos e suas doutrinas ultrapassadas. Pegou o formulário e escreveu: *“T-34582. Número de série 4L36R4 demonstrou padrões adequados de segurança e não representa perigo à humanidade. Nome comercial: Alegra. Conclusão: apta.”*

“Nunca ouviu dizer que a essência e a aparência não são a mesma coisa?”

As vozes de Deus

Roberto Soares de Vasconcellos Paes

Desembargador do TJMG

O nome dele é Seele. Vivemos o loop infinito das mais do que as dez pragas do Egito e caminhamos na forma de “*uma procissão de danados*”, tal como se referiria o pai do realismo fantástico, Charles Fort. Apesar de o professor Marcelo Gleiser, nosso renomado Físico e Astrônomo, haver me ensinado que “*toda representação da realidade é necessariamente incompleta*”, quero contar parte da história de Seele, que, como as nossas trajetórias, também apresenta elementos difíceis de serem descritos ou do absurdo, similares às aventuras de *Alice no País das Maravilhas*. Aliás, foi Lewis Carroll quem publicou uma novela, “*Sílvia e Bruno*”, na qual, dentre várias discussões sobre religião, sociedade, filosofia e moralidade, uma das personagens elaborou o mapa perfeito, cuja escala era de “*uma milha por milha*”. Inspirado na mesma relação mapa-território, Borges escreveu um conto de apenas um parágrafo:

Del rigor en la ciencia

Las generaciones siguientes entendieron que ese dilatado mapa era inútil y no sin impiedad lo entregaron a las inclemencias del Sol y los inviernos. En los desiertos del Oeste perduran desprezadas ruinas del mapa, habitadas por animales y por mendigos.

Seele foi concebido sobre uma pedra à beira-mar, conhecida como “*Rocha da Sereia*”, em razão da narrativa local que se conta sobre as ondas lançarem naquele rochedo uma sereia, que, machucada e sem poder retornar ao mar, ali permaneceu sentada, com seu pente e espelho, compondo os seus cabelos verde-esmeralda, entoando um cântico hipnótico de lamentações e atraindo um modesto pescador, que a teria auxiliado no regresso ao mar, recebendo, em agradecimento, uma pérola. Curiosamente, como Seele me disse, a primeira lembrança dele sobre sua vida era o som do marulho, ocasião em que, em um dia ensolarado e de águas cálidas, olhinhos fixados no vai e vem da maré, ele ouviu um canto de pureza celestial: “*Vem ... cáaaa ... vem ... cáaaa ... vem ... cáaaa...*”

A matéria, a massa e a energia são uma criação contínua do mundo infinito, do mundo de Deus. Todas três são uma só coisa, como uma corrente extremamente grande, que se transforma o tempo todo, mas parece invariável porque só vemos dela uma parte. O mestre japonês George Ohsawa escreveu que, embora o Universo, o Absoluto, o Infinito, o Espírito e também o Nada sejam Deus, alguns homens vestem-No, fazendo Dele um objeto de prece, dando-Lhe nomes e até vozes. É o antropomorfismo, quando estampamos as manifestações Dele sob formas ou características humanas.

Quando a canção “*Jesus Cristo*” estava na parada de sucessos e Roberto Carlos e os brasileiros olhavam para o céu e gritavam que estavam aqui, Seele falava ter recebido um bilhete firmado pelo próprio Jesus Cristo: “*Eu também estou*

aqui”. Ainda criança, assistiu pela TV à concepção hollywoodiana de Moisés levantando o cajado e estendendo a mão dele sobre o Mar Vermelho, dividindo-o ao meio. A fita era sobre aqueles princípios quase em desuso, que proíbem assassinato, desonestidade, roubo, cobiça, blasfêmia, idolatria e adultério. Sendo educado sob os melhores valores da égide espiritual cristã, mas com observação incompleta de todas as partes do mundo infinito, Seele imaginou que a voz mais próxima daquela produzida por Deus seria a de Charlton Heston. Depois, quando o excepcional ator morreu, assimilado pela comunicação social das massas e sujeito ao rito de passagem, se dividiu entre as soadas de Cid Moreira e até as de Morgan Freeman.

Conheci Seele no nosso primeiro dia de aula ginásial, quando, no pátio do recreio, ele se aproximou e, com a voz empostada, perguntou: – “*Renunciais ao glamour do mal e recusais a dominação do pecado?*”. Não entendi nada, mas nos tornamos amigos. Depois, soube que o pai dele cumpria pena no exterior, por ter simulado a própria morte, infeliz dia no qual se encharcou de molho de tomate e disparou um rifle de caça Puma 44 Winchester somente para assustar sua esposa, mas, primeiramente, foi visto pela vizinha octogenária, que, histérica, contactou a polícia, e pensei tê-lo compreendido pouco melhor.

Em um dia nublado e de muito frio, quando Belo Horizonte ainda tinha bem definidas as quatro estações do ano, ele convidou um grupo de alunos para estudar na sua morada, então parecida com uma casa campestre suíça, da região alpina, feita de madeiras, com telhado de forte caimento e beirais avançados, e erguida em uma das inúmeras ruas da capital que receberam nomes célebres da história antiga de Minas Gerais, cujos conhecimentos dos feitos já foram esquecidos por muitos. Aliás, o fundador da historiografia mineira, Diogo de Vasconcellos, ele próprio homônimo do seu antepassado que dá nome à praça da Savassi, escreveu sobre aventureiros célebres que foram os pioneiros das expedições dirigidas para o desbravamento do nosso sertão e, atualmente, designam logradouros da capital, tais como Dom Vasco Rodrigues Caldas, que teve a sua bandeira interrompida por um ataque dos ferozes *tupinaên*; Martim de Carvalho, que, transportando pedras e metais, naufragou no São Mateus; Sebastião Fernandes Tourinho, que, pelo melhor êxito em retornar com safiras, esmeraldas e cristais de primeira qualidade, é considerado o primeiro descobridor do nosso território; e, ainda, o famoso sertanista, filho de pai italiano, Antônio Dias Adorno.

Nos reunimos na casa de Seele, quando ele segurou uma daquelas chaves antigas de porta, cor cobre velho, e seguimos até o final de um longo e escuro corredor. Explicou que iria destrancar o cômodo que já havia sido a marcenaria do seu falecido avô. Vimos ferramentas desgastadas pelo uso, tais como trenas, esquadros, réguas, formões e plainas, ar-

tesanalmente fabricadas em madeira de lei, todas incrivelmente gravadas em alto relevo com a suástica budista, um dos símbolos mais antigos do mundo, adotado por várias culturas, na maioria das vezes com significados positivos. O projeto escolar deveria ter sido sobre as grandes navegações e os seus descobrimentos, tratados no nosso livro didático exclusivamente sob os enfoques dos portugueses e espanhóis. Por insistência de Seele, apresentamos um trabalho extracurricular, sobre a chegada dos viquingues na América. Após um pito histérico pela inovação da matéria, o medíocre professor de história avaliou o nosso desempenho com a menor nota atribuída à turma, o que levou Seele a, utilizando-se do giz, que, ao raspar na lousa, soava aversivo, escrever: *“A História é um conjunto de mentiras sobre as quais se chegou a um acordo”*. Suspenso pela diretoria, ficamos um bom tempo sem vê-lo.

Aliás, Seele morava próximo à casa da minha bisavó materna, uma calabresa que, segundo a narrativa da família, aos cinco anos, sem nunca haver estudado latim, falava fluentemente a língua e já apresentava o dom da psicossíntese, movimentando pequenos objetos através da mente. Na residência dela eram mantidos hábitos antigos e virtuosos, como a mesa servida do lanche da tarde estar sempre posta, com a presença cíclica de vários familiares e amigos, a conservação da manteiga na água e a vitrola em rotatividade, tocando cantores ítalo-americanos, como Frank Sinatra, Dean Martin, Perry Como e até Al Martino, o Johnny Fontane, de *“O Poderoso Chefão”*. A última vez que nós conversamos, ela quase centenária, disse-me que havia cuidado de um cachorro chamado *“Schipa”*, mesmo nome do famoso tenor lírico, natural de Lecce. O cão era um companheiro fiel e inseparável, que a seguia pela cidade, esperando-a na rua quando ela adentrava algum estabelecimento. Com as suas alterações de ritmo e seu sotaque de entonações tipicamente calabresas, concluiu: *–“Schipa já morreu, mas um dia você o conhecerá...”*.

Seele era fã daquele esmero na construção de imagens metafóricas dos mundos invertidos dos homens e animais e sempre citava os filmes dirigidos pelo chamado *“Poeta da Violência”*, Sam Peckinpah, como *“Os Implacáveis”*, em que animais pastam livremente ao lado de homens presidiários; *“Meu ódio será tua herança”*, onde meninos posicionam escorpiões venenosos para serem devorados pelas formigas; *“Pistoleiros do entardecer”*, que, no seu clímax, exibe uma rinha entre galináceos e um corvo; ou, ainda, *“Sob o domínio do medo”*, que mostra crianças dançando uma cantiga de roda, com um cachorrinho estático, posicionado no centro do círculo e visivelmente estressado. Não à toa, ele me relatou um acontecimento sobre os avós, que eram fazendeiros na região de Paraopeba, em uma área próxima à terra da comunidade quilombola de Pontinha, que, segundo dizem, foi fundada por Muzinga, filho de Chico Rei, o monarca de uma tribo no Congo, trazido como escravo para o Brasil, que comprou a sua alforria e de muitos outros, tornando-se “rei” aqui também. O avô de Seele teve que ir à cidade, de onde voltaria no dia seguinte, deixando a esposa somente em companhia de uma empregada pontinhense, Sebastiana, e do cão, chamado Amour. Exatamente às três horas da manhã, o centenário relógio de parede da casa iniciou disparadas badaladas, o teto do quarto onde as mulheres e o cachorro dormiam apresentou um vazamento e, vindo da sala, onde ficava um móvel envidraçado no qual se guardavam copos, garrafas e compo-

“Seele era fã
daquele esmero
na construção de
imagens metafóricas
dos mundos
invertidos dos
homens e animais
e sempre citava os
filmes dirigidos pelo
chamado ‘Poeta da
Violência.’”

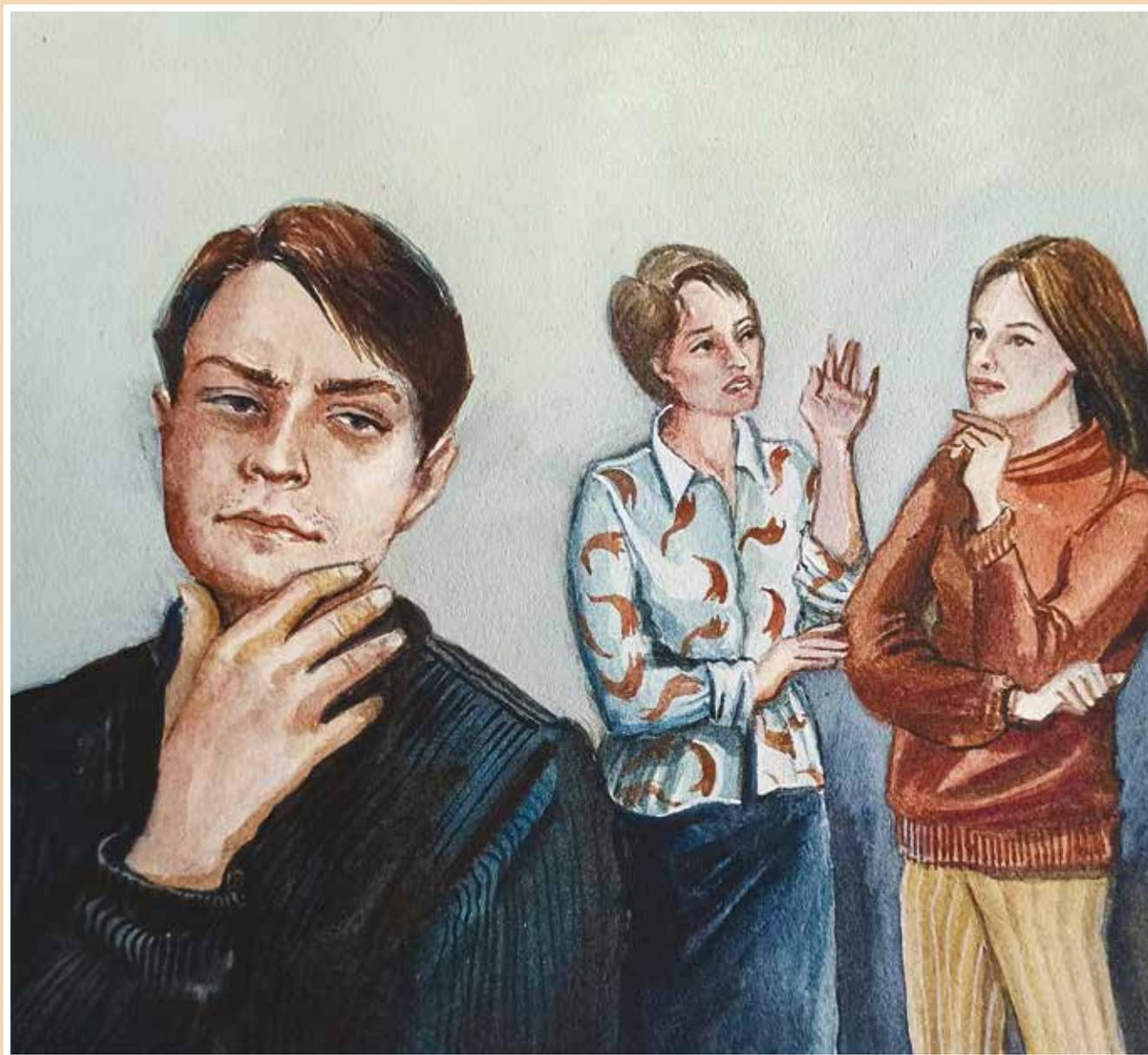
teiras de cristal, passou a se ouvir o som de vidro quebrando e portas rangendo. Enlouquecido de raiva, Amour saiu em disparada, rumo ao aposento no qual se supunha a presença de alguém. O cão soltou um sofrido e agudo ganido e fez-se silêncio completo. O badalar parou e o vazamento cessou. Assustadas, as mulheres se trancaram no quarto até o retorno do avô de Seele. Elas lhe explicaram o que havia acontecido, Amour nunca mais foi visto, mas a cristaleira e os seus objetos estavam intactos. O teto do quarto também não apresentava marcas da água. Os ponteiros do relógio noticiavam a hora do início dos acontecimentos. Então, o homem contou à mulher: *–“Na cidade, hoje cedinho, soube que o compadre Bento faleceu. Tínhamos uma combinação, quem sobrevivesse mandaria celebrar uma missa de sétimo dia em homenagem ao outro. Deveria ter sido ontem.”* Após narrar essa história, Seele indagou se poderíamos fechar idêntico trato, ao que eu acquiesci.

“As pequenas naves rumaram em direção à superfície, em um tipo de movimento que recordava a trajetória de uma pena largada no ar, até, gradualmente, desaparecerem no horizonte, momento em que os “ovnis” maiores partiram em disparada para o espaço.”

Eu morava na parte alta da cidade e, por isso, desfrutava de um panorama vasto. Em um domingo de céu de brigadeiro, alguns amigos e eu, presente também o Seele, jogávamos futebol de mesa em um campo armado no pergolado da varanda, quando avistamos uma frota de objetos prateados e cintilantes, sobrevoando o município. Perplexos, vimos, como o sertanejo Sérgio Reis canta belissimamente, os *“colossos suspensos no ar”* flutuarem estáticos, zarpando de cada objeto um outro igualmente voante, de idêntico brilho, mas tamanho bem menor. As pequenas naves rumaram em direção à superfície, em um tipo de movimento que recordava a trajetória de uma pena largada no ar, até, gradualmente, desaparecerem no horizonte, momento em que os “ovnis” maiores partiram em disparada para o espaço. Foi uma algazarra, todos gritávamos: – *“Discos voadores, discos voadores!”*, menos Seele, que, discordando com a cabeça, murmurava: – *“Vocês não sabem nada, era uma nuvem de anjos ...”*

Éramos universitários, nos encontramos casualmente na rua. Seele amava a música, era um exímio pianista e me convidou para acompanhá-lo ao interior de uma igreja próxima, onde me mostraria um grande órgão de 400 tubos. Lá, sem nenhuma supervisão, subimos uma escada caracol. Seele se acomodou, esticou os dedos algumas vezes e iniciou a execução de *“Viagem ao centro da terra”* de uma maneira tão maravilhosa, valendo-se da potência do instrumento e da acústica da Basílica, que nem Rick Wakeman sonharia fazê-lo. Estava no ápice da atuação, quando um homem religioso o interrompeu aos gritos: – *“Basta, profanador!”*, ao que Seele respondeu: – *“Se vocês continuarem a cometer injustiças, Deus os deixará sem música!”*.

Um dia, andando na Avenida Afonso Pena, próximo ao Parque Municipal, ouvi e continuo a ouvir um terrível e horripilante grito da dor em queda livre. Logo, uma multidão cercou aquela massa disforme que já havia sido um corpo vivo. Somente mais de sete dias após, tomado de imenso aperto no coração, eu vim a saber que o suicida era Seele. Ele se hospedou em um hotel, requisitou um quarto no último andar e se atirou pela janela. Deixou um único bilhete: *“Renunciais ao glamour do mal e recusais a dominação do pecado?”*. Me perdoe, Seele.



Saída de fininho

Renato César Jardim

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

Sob o aconchego do calor da lareira, os casais recém-conhecidos trocam amabilidades na noite fria de junho.

– *Estou me sentindo como antigamente. Esse frio me faz lembrar a Belo Horizonte do passado* – diz Heros.

No afã de descarregar o estresse impingido por anos de intensa atividade judicante, o magistrado pôde, enfim, em companhia de Amaziles, a esposa dedicada, tirar uns dias de descanso no aconchego de hotel fazenda pelas bandas de Ouro Preto. Sentira já no frescor da tarde, ao chegar, contemplando o pomar e as hortas do ambiente campestre, uma saudade da mãe, da chácara onde viveram na capital mineira.

Após a viuvez do marido, também magistrado, e de migrar para a capital deixando pacata cidade do interior, lolanda teve marcante passagem por Belo Horizonte, onde fixou residência com os filhos. Empenhou-se, na longínqua década de 1930, no ofício de hospedeira. Sua pensão, localizada numa ampla chácara de paisagem bucólica, em meio a dezenas de árvores frutíferas, cravada no seio do bairro dos Funcionários, onde hoje está a conhecida região da Savassi, foi inicialmente instalada para servir aos estudantes vindos do interior estudar na capital.

Em pouco tempo, a excelente alimentação servida, o clima ameno de Belo Horizonte e o número sempre crescente de jovens vitimados pela tuberculose, fizeram a pousada metamorfosear-se em um sanatório. Tísicos de todas as regiões do país, e até mesmo do exterior, figuras de renome nacional, artistas vitimados pelo fascínio do mal do século, pelo sentimento de melancolia de inutilidade da existência, mote para a mórbida literatura romântica, vinham procurar tratamento na chácara de Dona lolanda, muitos deles alcançando cura plena.

A fama de Belo Horizonte na cura da tuberculose era tamanha, a ponto de ter sido composta, na época, uma paródia da música Cidade Maravilhosa:

*“Cidade tuberculosa
Cheia de bacilos mil
Cidade tuberculosa
Sanatório do Brasil”.*

Grande flagelo da humanidade, a tuberculose dizimou, em épocas de epidemias, populações inteiras. Chegou a ser conhecida como a peste branca, tais eram sua agressividade e seu contágio. Na época, o tratamento era meramente contemplativo, baseado na superalimentação e repouso, recursos abundantes na chácara, onde grassavam hortas e pomar. O clima seco, saudável e sem poluição favorecia a cura.

A gravidade da temida enfermidade atormentava a vizinhança da chácara e desvalorizava os imóveis circunvizinhos. Os jovens da época associavam a magreza à doença e recebavam enamorar-se de moças magras vindas do interior para a capital. Os pais orientavam os filhos a não transitar pelo lado da calçada onde ficava o sanatório. Enfermos ali sucumbiam numa média de um por quinzena. Os filhos da proprietária conviviam com os tísicos, portadores de doença altamente contagiosa, e nenhum deles chegou a ter sequer sinais da moléstia.

De espírito filantropo, lolanda recebia somente daqueles em condições de pagar; dos indigentes, nada cobrava.

Apesar de toda dificuldade o tempo passou, e lolanda também. Mas as lembranças de sua altivez diante da vida ficaram.

Alheios aos problemas do dia a dia, no recinto elegante do salão de jogos do hotel, os casais põem-se a se entreter em assuntos remetidos à velha Belo Horizonte, torrão de todos.

Sempre cortês no trato, Heros pergunta aos novos amigos o bairro em que foram criados na capital das Alterosas.

– *Fui criada no bairro dos Funcionários* – responde a polida senhora.

– *Ah, como eu então!* – exclama em empolgação o magistrado.

– *Mas eu não tenho boas lembranças dali* – argumenta a mulher.

– *Mas por quê?* – quer saber o interlocutor.

– *Meu pai morreu de desgosto naquele lugar!*

– *Coitado, mas qual foi a razão?*

– *Nem te conto* – diz a mulher. *Papai, nos anos trinta, construiu uma casa na rua Fernandes Tourinho, o sonho da vida dele, depois de muita economia e apertos. Adorávamos morar naquele lugar.*

– *Conheço bem a região, também morei ali muitos anos, diz Heros, animado com a conversa.*

– *Pois é, logo depois de concluída a casa, a família ainda em lua de mel com a nova morada, me aparece uma dona maluca e constrói um sanatório ao lado. Acabou com o sossego em nosso lar.*

Sob soluços e em tom de dramaticidade, completa: – *Papai morreu de desgosto, Dr. Heros!!!*

– *Que coisa, não fique triste* – diz em choca entonação o ex-vizinho desconhecido.

Em seguida, rabo entre as pernas, completa: – *Vocês nos dão licença?*

– *Amaziles, vamos tomar aquele chazinho?*



Sertão: nossas raízes

José Aparecido Fausto de Oliveira
Juiz de Direito do TJMG em Araxá

Fazia alguns anos que não voltava ao sítio de seu pai. Ali tinha vivido sua infância. Perdera a mãe muito cedo e fora criada pelo pai e pela irmã mais velha.

Sítio não distante da cidade, modesto em termos de extensão, mas rico em pomar, horta, algumas vacas leiteiras, aliás, um pequeno rebanho, de onde tiravam o sustento.

Ia estudar na escola estadual junto à irmã e o pai as levava todas as manhãs na boa picape.

Acordava com o rádio ligado e o pai a ouvir músicas sertanejas. Com ele descobriu que existiam duplas caipiras, moda de viola, o “modão”, como ele às vezes a ela se referia.

Com a adolescência passou a não gostar mais daquelas músicas. Até a incomodavam. Na escola a moda era o rock nacional, Michael Jackson, Madonna e, riu-se, adorava Os Menudos.

Já perto de completar quinze anos, mudaram-se para a cidade. As meninas cresciam e o pai entendeu que era melhor que ficassem na cidade. Os tempos já não eram os mesmos, a zona rural já não estava tão segura e na área urbana as filhas teriam melhor conforto e, mais, elas já reclamavam da distância para ficar com as amigas, começaram os namoricos e a decisão de terem uma casa mostrava-se a mais acertada e adequada.

Com isso, ao invés de levar as meninas à escola, o pai ia para o sítio todas as manhãs.

Recordava tudo isso agora, ali, na varanda da casa do Sítio São João, nome dado em homenagem ao avô paterno.

E começaram a vir à sua mente versos das músicas que ouvira na infância, sim, as músicas sertanejas que deixara esquecidas esses anos todos.

*Antigamente nem em sonho existia /
tantas pontes sobre os rios /
nem asfalto nas estradas.
("Saudade da Minha Terra")*

*Nas matas onde eu caçava /
um pequeno arbusto achei /
levando pra minha casa /
no meu quintal o plantei. /
Era um belo pé de cedro, /
pequenino em formação. /
Sepultei suas raízes na terra fofa do chão. /
Um dia parti pra longe. /
Amei e também sofri. /
Vinte anos se passaram em que distante vivi.
("Pé de cedro")*

“E começaram a vir
à sua mente versos
das músicas que
ouvira na infância,
sim, as músicas
sertanejas que
deixara esquecidas
esses anos todos.”

Agora entendia o significado desta música. Lembrava-se do pai a cantarolando e que não compreendia o que queriam dizer com aqueles versos, hoje tão claros. O tempo passa. Era isso.

*Sou boiadeiro, minha gente o que é que há? /
Deixe o meu gado passar, vou cumprir com a minha sina. /
Lá na baixada quero ouvir a siriema, /
pra lembrar de uma pequena que eu deixei lá em Minas
("Boiadeiro Errante")*

De repente estava a cantar baixinho as músicas que a memória ia a lhe trazer.

*Corre um boato aqui donde eu moro /
que as mágoas que eu choro são mal ponteadas. /
Que no capim mascado do meu boi /
a baba sempre foi santa e purificada. /
Diz que eu rumino desde menininho, /
fraco e mirradinho, a ração da estrada. /
Vou mastigando o mundo e ruminando /*

*e assim vou tocando essa vida marvada. /
É que a viola...
("Vide vida marvada")*

Estrada da vida, lembrou a letra todinha.

E "*nesta longa estrada da vida*" a Tristeza do Jeca apareceu-lhe como refrigerio naquele momento de nostalgia:

*Nestes versos tão singelos, /
minha bela, meu amor. /
Pra você quero contar o meu sofrer e a minha dor. /
Eu sô que nem sabiá, quando canta é só tristeza, /
desde um galho onde ele está. /
Eu nasci naquela serra num ranchinho beira chão, /
todo cheio de buraco, onde a lua faz clarão. /
Quando chega a madrugada, lá na mata a passarada
principia um barulhão.*

*Já não continha as lágrimas.
Depois da curva da estrada, tem um pé de araçá. /
Sinto vir água nos olhos, toda vez que eu passo lá. /
Sinto o coração fechado, cansado de solidão. /
Penso que deve ser doce, a fruta do coração.
("Amora")*

O pai mexia com ela, provocava-a com esta música, porque a continuação ("*Vou contar para seu pai, que você namora...*") ele usava para dizer que se ela namorasse escondido ele ia saber.

Homem bom, pensou. Coração amplo, simples, honesto, trabalhador, criou as duas filhas, hoje casadas, deixou um patrimônio razoável a elas e uma saudade sem fim.

*Só o amor vale tudo na vida. /
Só o amor é a inspiração. /
Sem amor a esperança é perdida.
("Viva a Vida")*

“Lembrava-se do pai a cantarolando e que não compreendia o que queriam dizer com aqueles versos, hoje tão claros. O tempo passa. Era isso.”

“O pai mexia com ela, provocava-a com esta música, porque a continuação (*“Vou contar para seu pai, que você namora...”*) ele usava para dizer que se ela namorasse escondido ele ia saber.”

Chorou a saudade gostosa de seu pai. Agradeceu pela sua existência, companhia e teve a certeza de que no seu coração, as raízes da nossa terra, da nossa gente, estão presentes, vivas, nas letras do cancionero sertanejo, nas vozes de tantos artistas, compositores, intérpretes, músicos, que enriquecem a nossa cultura tão linda.

Teve certeza de que ele estaria a lhe dizer naquele momento:

*Onde estou sou mais feliz do que fui até então. /
É verdade aí se diz, aqui se tem consolação. /
O que eu tenho é para dar, /
quem quiser pode pedir, /
meu desejo é ensinar uma lágrima sorrir. /
Quero ser sua esperança, luz, consolo e verdade.
("Mensagem do Além")*

Levantou-se, fechou as portas da casa, entrou no carro, andou até a porteira, desceu, abriu-a, passou com o carro, voltou, fechou-a.

E foi-se a cantar que ...corria abrir a porteira e depois vinha me pedindo, toque o berrante seu moço que é pra eu ficar ouvindo.



A menina que mirava as estrelas

Kellen Cristini de Sales e Souza
Juíza de Direito do TJMG em Ouro Preto

Desde a infância, a imensidão do céu sempre despertou em mim curiosidade, não apenas sobre o que haveria para além daqueles pontinhos luminosos que meus olhos, à noite, conseguiam enxergar, mas sobre o mistério envolto naquela vastidão de silêncio, paz, beleza e encantamento.

Cresci olhando para o alto, contemplando e questionando o que os meus olhos viam, mas, principalmente, aquilo que não lhes era visível, mas tocava a alma. Hoje, já há muito distante da infância e da minha juventude, quando contemplo o céu, à noite, sinto que, lá no fundo, ainda habita uma menina, curiosa e intrépida, ansiosa por desbravar o mundo, crescer e se reconhecer. Lá está ela, às vezes peralta, outras bem-comportada, mas sempre movida pelo sonho de voar, de sorrir, de descobrir, enfim, de encantar-se.

A vida, tal como os astros, tem suas leis, sua rota do nascer ao morrer, momentos de maior aproximação ou distanciamento dos corpos, mas, sobretudo, das almas à nossa volta, inclusive, com importantes interferências em nossa trajetória. E, da mesma forma que a imensidão do céu e dos astros, a vida é mistério, que instiga, arrebatada, desafia.

Que eu nunca deixe de contemplar, maravilhada, o céu em uma bela noite, com ou sem luar, e movida pela mesma curiosidade e inspiração, me lance a cada dia na desafiadora jornada terrena de semear, cuidar, perseverar...

A vida é mistério, cuja beleza se revela àqueles que tem coragem de se aventurar!

“Que eu nunca
deixe de contemplar,
maravilhada, o
céu em uma bela
noite, com ou sem
luar, e movida pela
mesma curiosidade
e inspiração, me
lance a cada dia na
desafiadora jornada
terrena de semear,
cuidar, perseverar...”

Leitores elogiam conteúdo

A edição 23 de *MagisCultura*, que foi lançada virtualmente e circulou a partir de abril último, recebeu diversas manifestações dos leitores, com comentários sobre o conteúdo. Registramos algumas a seguir.

Prezado Renato Jardim, bom dia!

Escrevo apenas para parabenizá-lo pelo belo trabalho realizado na versão digital da Revista da Amagis. Está mesmo muito bonita.

A leitura é perfeita, a formatação é limpa e clara esteticamente. Comentei com meu pai o quão raro é ver um trabalho desta qualidade nos dias em que mais precisamos nos acostumar com o mundo virtual.

Sua equipe arrasou! Parabéns a todos!

Espero que esse sucesso não impeça a realização da revista impressa. Ler com as mãos, sentindo a textura das páginas, continua sendo um hábito difícil de largar.

Vida longa à revista!

Camila Medina, por email, 27/04/2021

Parabéns à Amagis pela edição número 23 da revista Magiscultura. Minas tem montanhas porque o mineiro, antes de mais nada, tem espírito elevado.

Carlos Loiola, durante a 'live' de lançamento

Parabéns a todos !!! Que continuem com essa produção cultural excelente da nossa Amagis e produção de tantos magistrados sensíveis e com vocação artística e literária!

Marcelo Piragibe, durante a 'live' de lançamento

Prezado editor,

A 'live' sobre o último número da MagisCultura foi ótima. Acho que ficou em todos que a acompanharam uma vontade de "quero mais". [...] Agradeço muito suas palavras tão elogiosas a meu respeito. Parabéns mais uma vez por sua brilhante condução da revista. E a sugestão de Márcio Sampaio sobre o escritor Godofredo Rangel me parece bem oportuna. É um escritor de quem sempre ouvi elogios superlativos, mas que conheço pouquíssimo.

Mário Zavagli, artista plástico, Belo Horizonte, MG

Nota: a sugestão foi acolhida e o artigo sobre Godofredo Rangel integra a presente edição.



Prezado editor,

Que revista linda! Toda linda. Lindas demais as cores e as ilustrações. Tons de outono, aconchego, conforto.

Fascinante essa discussão sobre as montanhas e Minas. Realmente isso - essa paisagem, ao mesmo tempo fronteira e desafio - faz parte do nosso DNA. É algo determinante que nunca perdemos. Ainda estou lendo o ótimo artigo sobre Lima Barreto. Quero ler todos.

Marília Mota, jornalista, EUA

Prezado editor,

Muito obrigado pelo envio da MagisCultura.

A revista está muito linda e repleta de bons textos, entre eles, o do Gutemberg, o seu e o do Vital. Gostei muito de vcs retomarem um tema da intimidade mineira, que andava esquecido.

Parabéns e tudo de bom!

Chico Brant, jornalista, Belo Horizonte, MG

Caro editor,

Belíssima edição da revista da Amagis. Afinal, cada mineiro tem sua serra. A minha é a da Canastra. E o J.D. Vital escreveu com muita autoridade sobre o Caraça.

Nilseu Martins, jornalista, Belo Horizonte, MG

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINAIS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológios.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo site e demais veículos de comunicação da Amagis.

A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (*Forest Stewardship Council*®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.

